

CAUSOS & VERSOS



Antônio Osvaldo Conci

Editora Unoesc

Coordenação

Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro
Revisão linguística e metodológica: Bianca Regina Paganini
Projeto gráfico e diagramação: Simone Dal Moro
Capa: Simone Dal Moro

Revisão dos originais: Eliane Huning Corona
Arte da capa: Marc Gomes de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C744c Conci, Antônio Osvaldo.
Causos & Versos / Antônio Osvaldo Conci. – Joaçaba,
Editora Unoesc, 2020.
326 p. : il. ; 23 cm.

ISBN: 978-65-86158-33-5
ISBN on-line: 978-65-86158-34-2

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.1

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

Reitor
Aristides Cimadon

Vice-reitores de Campi
Campus de Chapecó
Carlos Eduardo Carvalho
Campus de São Miguel do Oeste
Vitor Carlos D'Agostini
Campus de Videira
Ildo Fabris
Campus de Xanxerê
Genesio Téo

Pró-reitora Acadêmica
Lindamir Secchi Gadler

Pró-reitor de Administração
Ricardo Antonio de Marco

Conselho Editorial

Jovani Antônio Steffani
Tiago de Matia
Sandra Fachineto
Aline Pertile Remor
Lisandra Antunes de Oliveira
Marilda Pasqual Schneider
Claudio Luiz Orço
Ieda Margarete Oro

Silvio Santos Junior
Carlos Luiz Strapazzon
Wilson Antônio Steinmetz
César Milton Baratto
Marconi Januário
Marceli Maccari
Daniele Cristine Beuron



*Com certeza, algumas palavras deste Livro são suas.
Obrigado por partilhá-las comigo.*

*Antônio Osvaldo Conci
O Autor*

*Deus não faz distinção entre os homens que constroem catedrais e
aqueles que descascam batatas.*





Comentários pré-publicação

Boa Noite, Professor! Acabei de ler o seu livro! Desculpa a demora. Mas neste período sou lavadeira, cozinheira, faxineira, babá de uma cachorrinha... Diferente do que me dediquei uma grande parte da vida. Mas achei muito ricos todos os registros. As poesias me fizeram refletir muito sobre o tempo, a vida... Fugazes! (...) Parabéns! Sua memória é privilegiada. Fiquei, no início, num misto de saudosismo e até um pouco de melancolia. Mas depois me liberei das amarras do tempo e curti muito. Obrigada pela generosidade de citar a minha humilde participação. (...) A sua obra será muito apreciada. Amigos não lhe faltam, e reconhecimento pela sua brilhante trajetória também não! Tudo de bom!

Professora Rosalir Dembaski de Souza.

Gostei muito. Já estou curioso para ler este livro. Parabéns. É disso que precisamos neste Oeste ainda bravo... Mais letras. Mais Luz para a humanidade.

Coronel Flavio Luiz Pansera.





Antônio Osvaldo Conci



Que lindas palavras! Concordo. Sua poesia é doce e faz sentir calma. Vontade de amar sem medidas.

Escritora e Editora Eliane Huning Corona.

Que lindas suas poesias: profundas, intrigantes e maravilhosas.

Leitora Rosane Bilha.

Bom dia! Sempre sábio e sensível no uso das palavras. Que bom que estás produzindo, registrando histórias e sentimentos que ficarão para sempre. E isso é o mais importante: o que fica de nós, o legado imaterial que deixamos. Fico feliz por ter feito parte de tua história. Beijo carinhoso.

Cleudes Silveira Martins





Apresentação

Ao tempo que recupero o fôlego e a frágil realidade do momento, ponho-me a refletir sobre a importância de elaborar este texto. E assim, numa noite fria do inverno de 2020 e durante algumas noites seguintes, o notebook viu-me sentada diante de si a escrever singelas palavras à guisa de Apresentação.

Inspiração? A quem apelar? À Divindade, à pitonisa do oráculo de Delfos ou à energia quântica? Deixa fluir...

Ainda ouço o roçar da frase em meus ouvidos: “No livro *Borboleteando* você desafia os leitores a escreverem também seu livro, e eu decidi escrever o meu. Agora, faça-lhe eu um desafio: peço para você escrever a Apresentação.” Inspirei profundamente e respondi “Não posso.” E a voz calma do outro lado me diz “Pode sim; põe no papel o que você já comentou em nossas conversas.” Então fiquei “meio que” sem alternativa, pois ele já me havia dado o título de “consultora”.

Se o tempo em anos alcança o autor na oitava década, saudável e de lúcida memória, para a mente o tempo não conta. De modo que, a qualquer tempo, pode aflorar o senso poético no ser humano, tal qual a maiêutica socrática que “não é senão a arte de fazer parir” ou “dar à





Antônio Osvaldo Conci



luz o conhecimento”. Neste caso, talvez o impulso literário também tenha relação com a “quarentena impositiva da Covid-19”.

O que dizer do Professor Antônio Osvaldo Conci e de sua obra *Causos & Versos*?

Primeiro: **o autor** – trabalhei com o Professor Antônio na Prefeitura Municipal de Maravilha. Fui por ele convidada no segundo mandato do Prefeito Mattje e lá permaneci por 25 anos. Também fomos colegas de magistério na Escola Salete. Aprendi muito em nosso convívio profissional. Nesse aprendizado incluo a difícil arte de decifrar manuscritos.

Lembro, ainda, que foi Antônio Osvaldo Conci quem prefaciou meu livro de Crônicas.

O Professor Antônio sempre foi calmo, ponderado, conciliador e carismático. De seu perfil destaco a busca pelo saber, e de sua história, a intimidade com a área educacional. Acumulou um vasto currículo, exercendo diversas funções e obtendo muitos títulos em sua carreira, sendo portador de uma bagagem de experiências digna de um grande líder.

... fluindo.

Segundo: **a obra** – de modo geral, em relação aos **Causos**, o Professor Conci usa de uma linguagem agradável, cômica (sem ser vulgar). Diria, ao contrário, de uma ironia fina para a qual somente uma pessoa culta e sensível seria capaz de encontrar as palavras adequadas e tão bem dosadas em cada um de seus contos.

Retrata histórias verdadeiras, com toque de romance, muitas ocorridas em Maravilha, no tempo em que viveu aqui. São relatos inéditos, pitorescos, quase folclóricos da política e da vivência maravilhense. Outros vieram de sua vasta experiência profissional e





educacional, vividas no intercâmbio Chapecó–Florianópolis. Outros mais relacionados à sua vida que, digamos, é bastante eclética.

Quanto aos **Versos**, Antônio Osvaldo Conci intencionalmente quer transmitir uma faceta discreta do seu despertar poético, mas involuntariamente se deixa revelar. Como está escrito: “quem tem olhos veja, quem tem ouvidos ouça.”

O leitor pode escolher o melhor verso ou os melhores, de acordo com seu gosto, preferência e interesse pessoal.

Há uma variedade de formas, rimas e expressões: curtas, longas, simples, complexas, enigmáticas, transcendentais, poéticas e, por último, filosóficas, pois levam à reflexão e à meditação sobre o viver e, por que não, sobre o morrer. Em certo sentido e, sem cerimônia, remetem também às despedidas. Provocam desafios, curiosidades e muito saudosismo. São belos. Mas, sobretudo, o ser humano Antônio Osvaldo Conci revela afetos e sentimentos: amores perdidos e, ao mesmo tempo, a busca incessante de amor. Porque a idade avança no tempo, mas o espírito permanece intocável.

À semelhança do filósofo Platão, indica sentido de igualdade e respeito à mulher, dedicando a ela muitos poemas. Para a palavra Mãe não encontra outra para com ela rimar, mas não esquece de dizer que mãe tem amor, tem sonhos e não é imortal, com ela a vida se repete e a Luz Divina reflete.

Destaco, enfim, o sentido da palavra Saudade, muito bem representada no poema de mesmo nome e na capa do livro: uma imagem, um caminho, um rio e... a ponte?

O conjunto da obra nos remete a um Princípio Criador e nos lembra que somos inquilinos no espaço que habitamos. Misticamente





Antônio Osvaldo Conci



nos liga aos quatro elementos: ar, água, fogo e terra, e ao vínculo esotérico do “tudo embaixo como em cima”.

Eis aí uma obra cheia de sutilezas para ser lida, saboreada e meditada.

... fluiu.

Reni Luiza Stertz





Prefácio

Fernando Pessoa, poeta dos mais renomados, diz, em seus versos, que não sabemos como é por dentro outra pessoa; que nada sabemos da sua alma, senão da nossa. A dos outros são olhares, são gestos, são palavras, com a suposição de qualquer semelhança no fundo. Desvendar e entrar em sintonia com o que vai no aconchego de cada alma, de cada olhar, de cada expressão, de cada sorriso e de cada expectativa de outrem requer maestria, sensibilidade e apurado tato. Na comunicação, tanto oral quanto escrita, ou mesmo em qualquer outra forma de contato com o interlocutor, para que alcance o efeito esperado no íntimo da pessoa, precisa, o emissor, de muita habilidade. Há sempre uma distância considerável entre o que se diz e o que o receptor entende.

O professor Antônio Osvaldo Conci, conheço de larga data. Mercê da sua generosidade, honrou-me prefaciando seu livro lançamento *Causos e Versos*. De origem simples, filho de família gaúcha que, em 1956, saída de Barril – hoje Frederico Westphalen –, estabeleceu-se em Maravilha, cedo experimentou e venceu obstáculos, dificuldades que a vida, não raro, reserva-nos. Fruto da sua obstinada luta e persistência, alcançou merecido sucesso. Aliás, é apropriado aqui citar que o sucesso não assiste a quem vive à sombra do sossego.



Li e reli, com a devida e merecida atenção, seus Versos e Causos. Sua formação familiar, seminarística, acadêmica, cultural e profissional sólida evidencia-se nesta obra.

Tive os primeiros contatos com o Professor Antônio quando ambos, egressos do seminário, iniciamos nossa atividade profissional como professores, eu, um ano antes, no início dos anos 1960, no Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete de Maravilha, tradicional, respeitada e conceituada escola até hoje.

Agora, em boa hora, antes que o tempo tolha as lembranças, as experiências e os conhecimentos armazenados nesses longos anos, navegando no tempo, expressa, com singular perfeição, os dotes que Deus lhe deu. O tempo, impiedoso, cruel e fugaz, com o seu passar, absorve-nos, se confiarmos apenas na memória. Os latinos, sabiamente, registram: *“Verba volant, sed scripta manent”* (As palavras voam, mas os escritos permanecem).

Em sua trajetória, exerceu funções destacadas – bem registram seus escritos –, mas, especialmente, percorreu, com zelo, as veredas da educação, como professor ou como dirigente. Como o próprio autor ressalta, plantar árvores, já o fizera; criar filhos, igualmente, faltava-lhe, para concluir a missão, escrever um livro. Fê-lo! E fê-lo com fluente linguajar, sem rodeios e com cuidadosa seleção de palavras e expressões, de maneira muito singular e com propriedade. Traz-nos variados, atraentes e oportunos temas. Neles assinala causos, narrativas e fatos históricos; homenageia pessoas e entidades; traz à memória acontecimentos marcantes que, no contexto de Maravilha, têm relevante importância; exalta a natureza; contextualiza as pessoas ao seu meio e ao seu cotidiano. Revela, de outra parte, sua polivalência, tecendo versos que nos elevam, que nos fazem refletir sobre a vida. Os fatos narrados, de forma atraente, manifestam sua sensibilidade. Seus versos afloram espontaneamente, exalando beleza e despertando no

leitor o prazer de prosseguir na leitura, tarefa nada fácil, como diria Fernando Pessoa. A roupagem com que veste seus escritos lhes dá consistência e vida. O importante não é só o que se diz, mas como se diz. “Nenhum escritor pode criar do nada. Mesmo quando ele não sabe, está usando experiências vividas, lidas, ouvidas e, até mesmo, pressentidas por uma espécie de sexto sentido”, como bem lembra o grande poeta Mario Quintana. Decididamente, os temas postos pelo autor trazem a marca, a insígnia do seu conhecimento, da sua atuação, da sua formação, da sua sensibilidade e da sua participação na vida de Maravilha e fora dela. Quem escreve, por trás do texto, revela-se. Até mesmo os primeiros arroubos ditados pelo coração, a primeira jovem que lhe jogou a flor, mas que logo murchou, não deixaram de estar presentes em seus Versos. Os poetas e escritores sempre conviveram no mundo. Não são mortos, são apenas pessoas perdidas no vento.

Relendo *Causos e Versos*, sinto-me presente. Muitos fatos relatados pude testemunhar. Ilustraria com a narrativa do *Frade e o Besouro*, naquele Natal, em meados dos anos 1960, na Capela do Seminário, lá no alto da colina, quando o coral Santa Cecília, do qual eu fazia parte, entoava *Noite Feliz*. Ressalto, com especial anotação, o propósito do Professor Antônio, em sua obra, em vestir seus textos com uma roupagem rica de ricas mensagens, de respeito às coisas e às causas do homem. Permito-me, nesse particular, expressar gratidão por fazer menção, em poema, ao meu saudoso pai, Orestes Ranzi, que, em vida, enaltecia os bons costumes, a dignidade, a honestidade, a ética, a moral e a fé em Deus, tão presentes nessa marcante e oportuna obra do Professor Antônio, expressão maior da sua conduta ao longo da vida.

Ao reiterar meu agradecimento pela deferência de prefaciar essa obra, e para corroborar as mensagens que o autor nos transmite, diria: precisamos dar um sentido humano às nossas construções, às nossas ações, às causas do ser humano. Quando o amor ao dinheiro,



Antônio Osvaldo Conci



ao sucesso, às ambições fugazes da vida estiverem nos deixando cegos, saibamos olhar os lírios do campo e as aves do céu... Assim, estaremos próximos de entender melhor a alma de outrem e a nossa missão nessa passageira caminhada.

Parabéns, Professor Antônio Osvaldo Conci, pelos *Causos e Versos!*

Boa leitura!

Florianópolis, SC, 2020
Eloy José Ranzi.





Posfácio

Não escrevi sobre minha vida afetiva por duas razões: o tema poderia ser abordado oportunamente, caso me restasse ânimo e tempo; segundo, além do mais, não seria um exemplo a seguir, imagino...

Ainda assim, colhi uma flor que, em certa ocasião, uma jovem me jogou, mas que logo murchou...

Nesse sentido, lembro – outros também lembram – quando o Poeta e Cantor Vicente Celestino, com voz barítono, fazia ecoar o *Ébrio*, glorificando seus sucessos e lamentando suas derrotas, entrementes dizia: “Tive alcavas. Tive colchas de cetim. Escrevi versos. Declamei poesias, de galanteios. Cantei a *Tosca* de Giácomo Puccini. Cantei nos Teatros de altas categorias. Levei vaias em pleno *picadeiro de circo*.”

Mas, no meio de tudo isso, uma jovem jogou-me uma flor; porém roubaram quem amei...

O Autor





Agradecimentos

Agradecer é ato consciente de reconhecimento. Reconhecer é voltar atrás, num determinado momento, para relembrar as ajudas que recebemos.

Neste regresso, reencontro as pessoas que, de uma forma ou de outra, tornaram possível esta pretensão: escrever um livro.

É aforismo dizer que o homem tem três desejos: ter filhos, plantar uma árvore e escrever um livro; pois bem: realizei os dois primeiros desejos; agora, tento realizar o terceiro.

Assim, agradeço:

À Professora Reni Luiza Stertz, que me deu o agradável privilégio de prefaciar seu primeiro livro: *Borboleteando*. Ao lê-lo, motivou-me para a realização do terceiro desejo. Ela, de forma parcimoniosa, atuou como consultora, respondendo a todos os meus questionamentos, além de fazer a Apresentação.

Ao Alencar Luiz Cansi, por sua dedicação e presteza na produção dos rascunhos e na digitação, com comentários pertinentes.

Ao Rafael do Nascimento, pelo seu entusiasmo contagiante, causando-me a necessária motivação.

Ao José Lenoir Silveira de Alves, pela sua disponibilidade.





Antônio Osvaldo Conci



Ao Bento Zanoni, pelo seu incondicional apoio.

Ao Sérgio Luiz Capelari, pela sua inestimável colaboração e por acreditar no projeto.

Ao Professor Eloy José Ranzi, por ter me prestigiado aceitando o encargo de prefaciар o livro e encarregando-se pela ortografia do texto.

Ao Professor Aristides Cimadon que, em nome da Unoesc, possibilitou a impressão deste livro.

Aos amigos Adalberto Aluízio Eyng, Aderli Trevisan, Altair Reinehr, Altair Salésio Rodrigues, Álvaro Barros, Amélia de Oliveira, André Vinicius Tozzo, Anísio João Olbermann, Antônia Terezinha de Mattos Ribeiro, Aristides Bernardi, Bértima Baldissera, Carlos Alberto Merisio, Claudemir José Bonatto, Cláudio Sartori, Clenir Ester Zanotto, Cludes Silveira Martins, Dalvair Jacinto Engheben, Daniel de Jesus, Dario Stertz, Edemar Magro, Edson Luiz Zancanaro, Fábio José Liotto, Felipe Maito Prado, Flavio Luiz Pansera, Francieli Baú Téo, Genésio Téo, Guilherme Ozídio Manfrin, Hipólito do Vale Pereira Neto, Ilse Ebert, Ivone Gruber Maldaner, Jairo Miguel, Jerri Adriani Barbieri, João Aderson Flores, João Borges Vieira, João José Amorim, Jonas Berger, Jonas Bonatto, Jorge Coelho, Leides Romitti, Lenir Aparecida Pereira, Leticia Zuchetto Trevisan Campagnolo, Luiz Carlos Lückmann, Luiz Hermes Brescovici, Marcelo Marafon Porciúncula, Márcio Staconski, Marco Aurélio Nedel, Maria de Lourdes Macedo, Maria Leontina Gomes de Assis, Marlene Schaedler Conte, Melchiones Aparecida Berté Ábido, Nelson Mallmann, Nestor Tengaten, Neuri Miguel Kiichlern, Neusa Mosmann, Nicácio Pompeo da Silva, Nilton Severo da Costa, Nilva Rigoni, Orley Havrelhuk, Osvaldir Ramos, Pedro Ludgero Averbeck, Reinaldo Lopes, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, Rosalir Demboski de Souza, Rosemeri de Lourdes Ribeiro, Ruberlan Alex Bilha Piccini, Sadi Belarmino Dal Bello, Sandra Ribeiro,





Causos & Versos



Terezinha Baldissera, Valdir dos Santos, Vanderci Almeida Ramos, Valquiria Schwarzv e Vanis Salete Serafini.

A exemplo do relato no Evangelho (Luc: 16: 11, 19), Cristo curou 10 enfermos de doença grave (Lepra). Curados, festejaram muito e, alegres, foram embora. Apenas um, no entanto, voltou para junto de Cristo para agradecer-lo pela cura milagrosa. Foi quando Cristo disse, indagando: “Não foram dez os limpos? Onde estão os nove?”

Agora faça a estatística do percentual que agradece: de 10 beneficiados, somente 1% retornou para agradecer.

Peço desculpas, pois deveria agradecer a todos, para equilibrar a estatística.

Aos que de passagem já foram acreditando no reencontro da Ressurreição; enquanto nós aqui permanecemos nas saudades.

Ad perpetuam memoriam:

Pe. Vendelino Seidel.

Pe. Jorge Antonio da Costa Guimarães.

Homenagens:

Claudio Conci e Hilda Manfrin Conci (meus pais)





Sumário

Comentários pré-publicação	5
Apresentação.....	7
Prefácio	11
Posfácio.....	15
Agradecimentos	17

Primeira Parte Causos

Capítulo I Maravilha, passo a passo	29
Seção I Preliminares	31
Seção II Em busca do Curso Ginásial	37
Seção III Em busca do Curso Normal.....	41
Seção IV Em busca do Curso Técnico em Contabilidade	43
Seção V Da viagem de retorno.....	47
Seção VI Da comunicação da conquista	49
Seção VII Da escolha do paraninfo.....	51
Seção VIII Da denúncia	53



Seção IX	
Da compra dos pneus.....	57
Capítulo II	
O Frade e o Besouro	59
Capítulo III	
Comício em Rainha da Serra.....	65
Capítulo IV	
O organista.....	71
Capítulo V	
Troquei minha enxaqueca por um Coíba	81
Capítulo VI	
Direitos humanos versus personalidade	89
Capítulo VII	
O Bem e o Mal	97
Capítulo VIII	
Comentários referentes à tolerância	103
Capítulo IX	
Lados.....	109
Capítulo X	
Fundeste.....	115
Seção I	
Dados gerais	117
Seção II	
Da escolha do Reitor	121
Seção III	
Do episódio no hospital de Coronel Freitas	123
Seção IV	
Do Movimento pelo Ensino Público e Gratuito.....	125

Seção V	
Do processo de desligamento	129
Seção VI	
Em Passo Fundo	135
Seção VII	
Comentários	137
Seção VIII	139
Da cisão	139
Capítulo XI	
No Conselho Estadual de Educação	143
Seção I	
Dados gerais	145
Seção II	
Da escolha do Presidente	149
Seção III	
Das visitas	153
Capítulo XII	
Registros	155
Seção I	
Um desabafo	157
Seção II	
Um depoimento	161

Segunda Parte
Versos

A gota e o grão de areia	165
A lição da chuva e da seca	167
Amizade	169
Amor próprio	171

<i>As flores</i>	173
<i>Butiá</i>	175
<i>Caburé</i>	177
<i>Casamentos</i>	179
<i>Cativar</i>	181
<i>Chegadas e partidas</i>	183
<i>Chimarrão</i>	185
<i>Ciclos e fases</i>	187
<i>Deixei de acreditar</i>	189
<i>Dê tempo ao tempo</i>	191
<i>Desfile</i>	193
<i>Destino</i>	195
<i>Diva das dores</i>	197
<i>Dores da alma</i>	199
<i>Empatia</i>	201
<i>Era uma vez</i>	203
<i>Esplendor das araucárias</i>	205
<i>Estar prevenido</i>	207
<i>Filosofia popular</i>	209
<i>Gotas de orvalho</i>	211
<i>Lembranças</i>	213
<i>Lembrando Olavo Bilac</i>	215
<i>Lidas de gaúcho</i>	217
<i>Mãe</i>	219




Causos & Versos

Mãos que ajudam	221
Mas.....	223
Melancolia.....	225
Menino da rua	227
Minha alma está triste	229
Na hora do adeus.....	231
Não chores, meu filho.....	233
Não sei.....	235
Não seja ingênuo.....	237
O aperto de mão	239
O banco	241
O celular	243
O entardecer	245
O exemplo da romã.....	247
O exemplo das abelhas	249
O ladrão.....	251
O lavrador.....	253
O lenhador.....	255
O medo.....	257
O professor e o aluno	259
O sabiá	261
O trabalho	263
O vaidoso	265
Oração à Santa Virgem Maria.....	267

<i>P</i> ara não pensar.....	269
<i>P</i> assagem.....	271
<i>P</i> ecados.....	273
<i>P</i> essoas que passam	275
<i>P</i> oesia.....	277
<i>P</i> rofundezas	279
<i>E</i> certo que.....	281
<i>Q</i> ue seja infinito	283
<i>Q</i> uem tem e se.....	285
<i>S</i> audações dos 3 Bs	287
<i>S</i> audade	289
<i>S</i> ecretária	291
<i>S</i> ede de te amar.....	293
<i>S</i> ei que errei	295
<i>S</i> er imortal	297
<i>S</i> er ou não ser ilha?	299
<i>S</i> ó deus é perfeito	301
<i>S</i> oneto do adeus.....	303
<i>S</i> oneto do amor.....	305
<i>T</i> risteza.....	307
<i>V</i> iva sem ilusões	309
<i>C</i> arta para Mãe.....	311
<i>E</i> pílogo.....	315

Primeira Parte
Causas





Capítulo I
Maravilha, passo a
passo



Seção I Preliminares

O sol, de um vermelho purpúreo, derrama seus
últimos raios sobre a cidade, que se prepara para
o descanso.

(Rodolfo Schlemer)

Os *Causos* que vou contar são reais, sem, contudo, desviar-me do romance. Outras situações devem ser vistas como meras coincidências. Entretanto, a memória pode me trair, por razões de antiguidade. Nessa hipótese, já de antemão, peço desculpas.

O atual Município de Maravilha, na sua origem, era localidade conhecida como Sede Maravilha, especialmente pelos colonizadores, na sua maioria gaúchos. Na verdade, já se tratava dum incipiente povoado, isso na década dos anos 1950. Inicialmente, era Distrito de Palmitos; mais tarde, de Cunha-Porã, já com o nome de Maravilha. Maravilha foi elevada à categoria de Município na data de 27 de julho de 1958 e passou a ser Comarca em 18 de fevereiro de 1967, data da sua instalação.

O primeiro prefeito (provisório) de Maravilha foi o Senhor João Cavalheiro, que administrou a Cidade até a eleição do Senhor Deonubem Baldissera.





Antônio Osvaldo Conci



O primeiro juiz da Comarca de Maravilha foi o Doutor Elói Luiz Dadam; sendo o Promotor de Justiça o Doutor Sílvio Noronha.

Mais adiante retomarei esses nomes, para comentá-los, por razões de mérito.

No seu berço de nascimento, Maravilha teve duas importantes influências, entre outras. A primeira: a presença de credos religiosos; e a segunda: a vinda de jovens egressos de seminários.

A colonização se deu por meio da Cia Territorial Sul Brasil, sob o Comando do Doutor Leal Filho, conhecido com o título distintivo de Juca Ruivo.

Destaco, aqui, as razões das referidas influências. A Ordem Religiosa dos Missionários da Sagrada Família (MSF)¹ aportou para cá no despontar da década dos anos 1950. No lado Sul da Vila, num terreno elevado, construiu seu Seminário Menor e, junto dele, a Igreja da Comunidade Católica Romana. Então, para tanto, contava com a presença de religiosos (padres e irmãos), além do considerável número de alunos seminaristas. Deve-se somar, além dos MSF, a presença relevante da Congregação Religiosa das Irmãs de Notre Damme, que dirigiam, respectivamente, o Grupo Escola Nossa Senhora da Salette e o Hospital São José Operário (sociedade beneficente). Também, a contar dessa época, já era significativa a presença de Evangélicos de Confissão Luterana, tendo sua Igreja mais ao Norte da Vila. A participação comunitária dos fiéis nos eventos religiosos era maciça, inclusive em encontros ecumênicos, especialmente aos domingos e em festas religiosas. Sem dúvida, a presença religiosa, atuante no Sistema Educacional e na Área da Saúde, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento local nesses setores.

O outro fator de desenvolvimento, especialmente nas áreas de Ensino, Educação e Cultura, foi a presença inicial, na década dos

¹ Fundada em 28 de setembro de 1895 pelo religioso João Batista Berthier.



anos 1960, de jovens egressos de seminários, já portadores de títulos escolares de Educação Clássica, Científica, Religiosa e Filosófica.

Entres esses estudantes, além de outros, permito-me relembrar os Professores: Francisco Gialdi, Eloy José Ranzi, Osvaldo João Ranzi, Luiz Provensi e Antônio Osvaldo Conci.

O Professor Gialdi (28.07.1945 – 26.12.2018) ministrava a disciplina de História na Rede de Ensino Público. Teve importante participação na vida social, cultural e religiosa da comunidade. Foi sempre exemplo de bom cidadão, digno de ser seguido. Escreveu diversos livros sobre Maravilha, no seu contexto geral.

O Professor Eloy, dono de uma excelente oratória, era titular da Cadeira de Língua Portuguesa e Literatura, como Professor Lente Catedrático. Ministrava suas aulas com perfeição e disciplina. Atuou no meio político de Maravilha, elegendo-se prefeito, e mais tarde elegeu-se deputado estadual. Na sua bem-sucedida caminhada política ocupou diversos cargos na hierarquia estadual, entre eles como presidente do antigo IPESC. Lembro de um fato hilário envolvendo o Professor Eloy. Durante os dias de aulas na Faculdade de Direito, na Cidade de Cruz Alta, RS (sábados: manhã, tarde e noite; domingos: manhã e tarde), nos hospedávamos no Hotel Avenida, simples. Ninguém de nós (Aristides, Adelar, Bresco, Darwin e Conci) queria ficar no mesmo quarto com o Eloy; causa: roncava de ida e vinda. Não adiantava reclamar. Ele se virava, e a dissonante música seguia *in crescendo*. Ele não acreditava, disfarçava... Resolvemos gravá-lo. Além do ronco turbinado, era uma noite fria. Chuva. Ventos. Trovoadas e janelas que batiam. Uma cena de terror... Pela manhã, durante o café, exibimos a ele a gravação. “Isso não tem nada a ver comigo”, protestou. Logo, fingindo perplexidade, começou a rir até verter lágrimas dos olhos. Rimos muito, às gargalhadas. Todavia, a sonorização continuava nas noites seguintes. Na verdade, o Professor



Antônio Osvaldo Conci



Ranzi era senhor de uma rica e eloquente oratória, com linguagem escorreita e gestos adequados, pois se tratava de Professor da Língua Lusitana, como alhures mencionei.

O Professor Osvaldo, de personalidade parcimoniosa e postura solene, ministrava as aulas de Língua Inglesa e Francesa, como Professor Lente Catedrático. Foi vereador por duas legislaturas e presidente do Poder Legislativo Municipal de Maravilha. Seguiu a carreira no Poder Judiciário Estadual, como Juiz de Direito, com atuação em diversas comarcas. Seus textos, geralmente breves, eram claros e concisos; às vezes com um sabor poético... Como Magistrado, sentenciava à luz da razoabilidade legal, alicerçada – a meu ver – no artigo 5º do Decreto-Lei n. 4.657, de 1942, que reza: “Na aplicação da lei, o juiz atenderá aos fins sociais a que ela se dirige e às exigências do bem comum.” Numa audiência de conciliação, as partes não chegavam a um acordo pela intransigência de uma, que reclamava por mais R\$ 50,00. O Dr. Osvaldo, cauteloso na economia processual, ponderava aos litigantes que o feito poderia se alongar, com maiores custos e procedimentos rotineiros. Mesmo assim, um dos contendores não queria desistir dos RS 50,00. Foi então que o Dr. Osvaldo pôs a mão no bolso, dizendo: “Vou contribuir com os R\$ 50,00”. O litigante descontente, parecendo envergonhado, aceitou o acordo.

Destaco, também, o nome do Professor Luiz Provensi, ex-seminarista da Congregação MSF que, inicialmente, ministrava aulas de Cultura Religiosa e História. Exerceu o cargo de diretor da Unidade Escolar do Distrito de Flor do Sertão, hoje Município. No Governo do Prefeito Miguel Nemirski (1989-1993), exerceu o cargo de secretário municipal de educação. Teve efetiva participação na vida religiosa e social, tanto em Maravilha quanto em Flor do Sertão. Era pessoa tranquila e serena, considerada pela comunidade.

O Professor Conci – *falo aqui na terceira pessoa* –, além de ser conhecido pela sua postura de conciliador, ministrava a disciplina escolar da Cadeira de Ciências Naturais, geralmente com experiências apreciadas pelos alunos. Ocupou diversos cargos na Administração Municipal, entre eles o de coordenador local de educação dos Municípios de Maravilha e Cunha-Portã, chegando a ser vereador e presidente do Poder Legislativo Municipal. De formação acadêmica em Filosofia (Filosofia, Sociologia e Psicologia) e Ciências Jurídicas e Especialização em Administração Pública, exerceu outros cargos, entre eles o de assessor especial do Doutor Milton Sander, Prefeito Municipal de Chapecó, e de assessor jurídico da AMOSC. Logo foi eleito reitor da antiga Fundeste, donde foi guindado para o Conselho Estadual de Educação, presidindo-o por dois mandatos. No CEE promoveu sua reestruturação funcional. Incentivou a criação dos Conselhos Municipais de Educação. Teve importante presença nas autorizações de unidades de ensino da Rede Estadual e nas autorizações das Universidades do Sistema Acafe. Em Maravilha, agora como presidente da Funesec (1996-2004), sob o comando do Professor Aristides Cimadon, foi inaugurado o campus local. Nesse item, tiveram atuação preponderante os vereadores Antônio Bertollo e Janir Antônio Signor e o Vice-prefeito, Senhor Deolindo Biazussi. Ocupou o cargo de chefe da assessoria jurídica da Secretaria Estadual de Educação e, na época da elaboração da Carta dos Catarinenses, exerceu o cargo de assessor parlamentar, a convite do Deputado Estadual Hugo Biehl. Recebeu, por fim, diversos títulos honoríficos, entre eles o de Cidadão Honorário de Maravilha. Aposentou-se como Professor Lente Catedrático, no Colégio Ivo Silveira, na Palhoça, cuja lotação anterior fora no Instituto Estadual de Educação (IEE).

Para concluir este item, anoto o lema do professor Conci: *Fortiter in re autem suaviter in moto* (Seja forte no querer, porém parcimonioso na forma de conseguir).



Sem dúvida, a influência desses dois fatores – antes mencionados – contribuiu para o desenvolvimento de Maravilha, mormente nos aspectos educacionais, culturais, sociais e religiosos.

É de se destacar, como forças sociais, entre outras, os Clubes de Serviços: Lions e Rotary; a Câmara Júnior (JCI), entidade de treinamento de lideranças; e a Ordem Maçônica, defensora dos princípios de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade universais.

A escritora americana Sylvia Browne, no seu livro *Sociedades Secretas*, na página 46, registra que a Ordem Maçônica é uma das mais antigas sociedades secretas que o mundo conhece. A franco-maçonaria, diz ela, ainda existe e exerce um grande impacto especialmente nas suas obras caritativas e que continuam a ajudar a humanidade. No seio da irmandade encontram-se grandes benfeitores da humanidade, tanto nas ciências quanto nas artes e na filosofia.

Maravilha, também conhecida oficialmente como *Cidade das Crianças*, é formada por uma comunidade culta, ordeira e progressista, perfeitamente integrada. Sua gente é alegre, jovial e acolhedora. A Cidade se distingue pela boa apresentação. Suas casas e edifícios, de bom alinhamento estético, refletem as cores do arco-íris.





Seção II

Em busca do Curso Ginásial

Maravilha já contava com o Ginásio Normal, cujo ensino curricular estava unicamente voltado para a formação pedagógica ao nível do primeiro ao quarto anos escolares.

O corpo docente tinha a visão de que a comunidade escolar deveria ter um curso ginásial cujo currículo contemplasse as diversas disciplinas que já se direcionassem para o Curso Científico ou o Curso Clássico, abrindo portas para vestibulares. A ideia ganhou corpo e foi levada ao Prefeito, Senhor Nidolfo Carlos (gestão de 31 de janeiro de 1964 a 31 de janeiro de 1969). Após algumas reuniões, chegou-se à conclusão de que a pretensão era justa e que se tomariam as medidas para concretizar o intento. O Professor Conci foi encarregado para juntar a documentação e formalizar o pedido ao Senhor Governador Celso Ramos. Tudo pronto, a comitiva composta pelo Prefeito Mattje, Ex-prefeito Deonubem Baldissera (gestão de 31 de janeiro de 1959 a 31 de janeiro de 1964), Demétrio Bachinski, Presidente do Partido (PSD), e Antônio Osvaldo Conci viajou a Florianópolis. Marcada a audiência com o Senhor Governador, Doutor Celso Ramos (governou o Estado de Santa Catarina de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966), recebeu-nos num fim de tarde, no Palácio da Agrônômica. A recepção



foi singularmente amistosa, e o Governador – figura solene e tranquila – nos deixou à vontade. As conversas giraram sobre questões de interesse do Município, e o Senhor Governador destacou a importância da futura Secretaria do Oeste. Após essa gestão governamental, foi eleito o Governador Ivo Silveira. Lembro de um episódio ocorrido por ocasião da visita do Governador a Maravilha, na Gestão do Prefeito Nidolfo Carlos Mattje.

Era uma tarde muito chuvosa. A Avenida Araucária ainda não havia sido calçada. Muita lama. Pista escorregadia, lisa. Os integrantes da comitiva governamental, ao atravessá-la, faziam-no com dificuldades, com derrapes. Uma moça – que presumi ser filha do Governador – deslizou e tombou na lama. Foi aquele susto: ah... Alguém tentou socorrê-la. Também tombou... Um senhor corajoso de Maravilha a levantou e a levou nos braços, até o outro lado da Avenida, sob aplausos.

Tanto o Governador Celso Ramos quanto o Governador Ivo Silveira promoveram efetivas atuações em prol da Educação Catarinense. Celso Ramos, em bom tempo, sancionou a Lei Estadual n. 2.975, de 19 de dezembro de 1961 (PEE, na qual foi instituído o Conselho Estadual de Educação – CEE).

Entre um café e outro, a prosa se prolongou e anoiteceu. O Governador se mostrava alegre e contente com a nossa presença. Lá pelas tantas, o Governador se voltou para mim, dizendo: “O Jovem que até aqui não falou certamente tem algo importante para me dizer, visto acompanhar estas autoridades”, passando-me a palavra. Tive uma boa orientação, enquanto seminarista, sobre boas maneiras e protocolo, fato que me deixou à vontade para fazer o pedido. “Senhor Governador, em primeiro lugar, trago-lhe as saudações e os cumprimentos da Juventude Escolar de Maravilha e o agradeco por nos receber tão afetuosamente; em segundo lugar, vem o pedido:

estamos solicitando a autorização para funcionamento de um Ginásio Secundário para Maravilha.” O Governador nos cobriu com seu olhar tranquilo. Bom, Ginásio Secundário, deve ter um no Instituto Estadual de Educação (IEE) e, pelo que me recordo, é o único no Estado. Foi criado há mais de 100 anos, inicialmente com o nome de Escola Normal Catarinense, e em 1966, recebeu o nome atual.

– O moço sabe o que isso significa?

– Sim, respondi, e é pela importância do curso que lhe fazemos o pedido.

Mas acrescentou:

– Onde vão conseguir os professores para todas as disciplinas curriculares?

No mesmo tom, e com firmeza, acrescentei:

– Temos todos os professores para o corpo docente e administrativo.

– Então decline-me os seus nomes e as matérias que irão ministrar.

– Relacionei – de cor: Eloy José Ranzi, Língua Portuguesa; Irmã Inocente, Matemática; Antônio Osvaldo Conci, Ciências; Irmã Constância, História; Ilse Ebert, Geografia; Osvaldo João Ranzi, Francês e Inglês; e, para Diretora, a Irmã Ancila.

Deu mais uma olhada para os presentes, sorriu. Chamou o Secretário Pessoal, que era tido como Secretário Sem Pasta, ordenando-lhe: “Redija a Portaria. Mas antes quero saber o nome do curso.” Sem perder tempo, informei: Será *Ginásio Secundário Pio XII* (1939-1958), caso Vossa Excelência concorde.



Antônio Osvaldo Conci



– Gostei do nome. Admiro muito a inteligência e a prudência do Papa Pio XII; agora informe ao Secretário o nome civil das religiosas, para que constem na Portaria.

Enquanto aguardávamos a redação do Ato, as conversas prosseguiram com afetuosidade, acompanhadas pelo bom cafezinho, no Palácio da Agronômica. A despedida foi cordial. Eu estava contente, procurando esconder a emoção.

Voltamos para nossa casa com a Portaria na mão. O Ginásio Secundário Pio XII funcionou a contar de 19 de fevereiro de 1964, formando várias turmas, com camisa de uniforme *marrom-claro-caqui*, personalizada.





Seção III

Em busca do Curso Normal

Como já foi mencionado, no Grupo Escolar Nossa Senhora da Salete funcionava o Ginásio Normal, destinado à formação de professores para os quatro anos iniciais, a título precário. Sentia-se a necessidade de se contar também com a continuidade desses estudos, no caso, a criação do Curso de Magistério, ao nível de segundo grau. O assunto tomou vulto na comunidade escolar, e a decisão tomada foi no sentido de se preparar a documentação para encaminhá-la ao Conselho Estadual de Educação (CEE) solicitando a autorização para seu funcionamento. Mais uma vez, foi dada essa tarefa ao Professor Conci que, então, era o titular da Coordenaria Local de Educação (Maravilha e Cunha-Porã). Como tudo estava corretamente posto, tanto na forma quanto na demonstração do mérito, o CEE, por unanimidade, autorizou o funcionamento do Curso de Magistério. O referido curso, na época, era muito procurado e apenas existia em Chapecó e, mais tarde, em São Carlos, considerando a região do Oeste catarinense. O corpo docente estava bem servido, com professores habilitados e sob a direção da Professora Lucia Linck (Irmã Ancila). O curso formou centenas de profissionais do magistério, atendendo à demanda na área educacional.



Seção IV

Em busca do Curso Técnico em Contabilidade

Na época, o Curso Técnico em Contabilidade habilitava o profissional para o exercício da contabilidade em geral, mediante sua inscrição no CRC. A demanda pelo curso era considerável, visto que o mais próximo era o do IE, na Cidade de Passo Fundo. Logo depois, Chapecó também veio a contar com a referida habilitação. Além dessas circunstâncias, Maravilha já contava com um volume represado de alunos egressos do curso ginásial que procuravam a continuidade dos estudos. O Curso Técnico de Contabilidade seria uma ótima opção para muitos. Isso sem considerar a possível clientela dos municípios vizinhos, entre eles Saudades, Modelo, Cunha-Porã, Pinhalzinho e Nova Erechim. Alinhadas essas razões, a pretensão tomou forma. Iniciaram-se reuniões com a participação do Prefeito Municipal, vereadores, Juiz de Direito e representantes da comunidade escolar. Em resumo, a decisão foi pela procedência da pretensão. Então, mãos à obra. O Professor Antônio Osvaldo Conci, também desta vez, ficou responsável pela formação do processo que seria levado ao CEE em Florianópolis. Em poucos dias, respeitada uma considerável lista de exigências, a documentação já estava juntada e a petição formalizada,

tudo pronto para ser levado ao seu destino. A comissão encarregada foi constituída pelo Prefeito Municipal, o Senhor Nidofo Carlos Mattje, pelo Meritíssimo Juiz de Direito, o Doutor Elói Luiz Dadam, e pelo Professor Conci, responsável pelo processo. Aqui, mau grado, sou forçado a abrir um parêntesis. Vindo da Capital, com a virtual intensão de colher votos na região para se eleger deputado – *até o acompanhei em algumas visitas políticas* –, aportou um falante. Causídico em Maravilha (elegeu-se vereador). Até aí, tudo bem, louvável. Ocorreu que o referido, de forma insistente, *se infiltrou* na Comitiva, alegando sua influência na Capital. Nesta altura: tudo o que ajudaria seria bem-vindo. O Doutor Elói, como sempre prestativo e convencido da importância do Curso, prontificou-se em ceder seu carro (uma Rural traçada) para nos conduzir à Capital. De malas e cuia prontas, viajamos. Na direção, o Doutor Elói. Seriam – se tudo corresse bem – 24 horas para vencer a distância de Maravilha a Florianópolis. Entre boas conversas, cochilos e chimarrão, chegamos. Hospedamo-nos no Hotel Royal. Marcada a audiência, fomos recebidos pelo Ilustre Professor Nereu do Valle Pereira, Presidente do egrégio Conselho Estadual de Educação. Após os cumprimentos de praxe, entreguei-lhe a papelada. Acomodados, fizemos nossas justificativas, ponderadamente (com as intervenções do causídico...). O Professor Nereu, de forma cordial e tranquila, apresentou suas ponderações, informando que, de imediato, designaria um conselheiro relator. Solicitou que retornássemos na tarde do dia seguinte. No horário marcado, retornamos. A relatoria do processo coube ao Conselheiro Hilton dos Prazeres que, além de Conselheiro do CEE, era Inspetor Federal do Ensino Comercial em Santa Catarina. Limpou a garganta, retorcendo-se na cadeira, fitavamos enquanto falava sobre os itens do processo. Pelo tom de voz e pelo pouco entusiasmo, concluí com meus botões que o seu parecer não seria do nosso agrado. Finalmente, após ter alinhado pontos desfavoráveis – não mencionara nenhum ponto favorável –, acomodando-se na

cadeira, sentenciou: “As condições formais são satisfatórias; porém, quanto às condições materiais, são insatisfatórias.” Adiantei-me, alegando: “Podemos saná-las, com sua orientação. Quais seriam?” Ele me fitou reticente, dizendo, por exemplo: “Os degraus da escada devem ser menos altos, no máximo 25 cm, conforme as exigências.”

Houve um silêncio que parecia ser ouvido... “Meu voto como Relator é pela improcedência do pedido, por enquanto.” Estabeleceu-se um clima desconfortável, com troca de olhares, reticentes... Com toda a tranquilidade, o Professor Nereu ponderou que este seria o voto do Relator, mas que o CEE era composto por 21 conselheiros e que dependeria, para a aprovação, de 11 votos favoráveis, pelo menos. Agradeceu a participação do Professor Hilton. Pediu-nos, novamente, que retornássemos na tarde do terceiro dia, hora e data da apreciação e votação final. Adiantou que pediria vistas do processo, para seu julgamento pessoal.

Retornamos, tensos...

Com os conselheiros ocupando seus lugares numa grande mesa em forma em U, foram iniciados os trabalhos da sessão, com a leitura da pauta. O nosso processo constava em último lugar. O Senhor Presidente requereu a inversão da pauta, e o de Maravilha veio a ser discutido e votado logo no início da sessão. Assim chegara a vez do pedido de autorização para o funcionamento do Curso Técnico em Contabilidade Rui Barbosa de Maravilha. A entidade mantenedora seria o Município, com a participação dos alunos. O Conselheiro Hilton repetiu seu relato, com seu voto contrário. O Professor Nereu, Relator do pedido de vistas, destacou os pontos positivos da pretensão, valorizando a importância do Curso no distante Oeste, fortalecendo o Ensino Contábil e Comercial. Alguns conselheiros fizeram uso da palavra regimental, com adiantamento do voto favorável. Estão encerradas as manifestações, falou o Presidente.



Antônio Osvaldo Conci



Em regime de votação: “Quem concorda com o pedido de autorização para o funcionamento do Curso Técnico em Contabilidade Rui Barbosa, em Maravilha, permaneça sentado; e aquele que discordar, levante-se.” Ninguém se levantou da cadeira. Foram 20 votos favoráveis, considerando que o Presidente só exerceria o voto de Minerva. Surpresa. Com esses resultados, restou claro que a aprovação fora por unanimidade, incluindo o voto favorável do Conselheiro Hilton dos Prazeres. Com meus botões, concluí: isso é próprio do homem livre e de bons costumes, inteligente. Recebemos as felicitações de êxitos, inclusive do Professor Hilton, que disse: “Que o Curso funcione. Logo. E bem!” Foi o que efetivamente aconteceu. *Habemus documenta!*

Despedimo-nos, contentes, realizados por mais uma vitória educacional para Maravilha e região. Era o quarto dia. À noite saboreamos uma costela na Churrascaria Riosulense.



Seção V

Da viagem de retorno

Tínhamos, pela frente, mais 24 horas para rodar nas estradas que nos levariam para casa.

Antes, devo lembrar de alguns fatos ocorridos durante o regresso (o causídico estava insuportavelmente falante...). No volante da Rural alternavam-se o Doutor Elói e o Prefeito Nidolfo. Cansados, mas realizados, a viagem de retorno prosseguia normalmente, dentro das condições de trafegabilidade.

Nas proximidades de Joaçaba – a uns 30 quilômetros – o pneu dianteiro esquerdo estourou, e o veículo parou no acostamento. Isso às 3h de uma noite sem luar. Vamos trocá-lo. Enquanto descíamos do carro, inusitadamente àquela hora, estourou o segundo pneu; agora o traseiro, também do lado esquerdo. A Rural pendeu... “E agora, Doutor Elói? Só temos um pneu estepe...” Naquele instante, vimos faróis se aproximando. Levantamos as mãos, e o caminhão, carregado de suínos, parou no acostamento onde também estava a Rural azul. O motorista ouviu nossa história, dizendo: “Levo os pneus até Joaçaba e peço para alguém trazê-los de volta, consertados.” O Prefeito Mattje, experiente caminhoneiro, ponderou que deveria ir junto. Viram que os pneus estavam irremediavelmente danificados. Seria, possivelmente,





o caso de comprar dois novos, assim que abrisse o horário comercial. Foi o que ocorreu. Quando o Prefeito voltou com os dois pneus, montamo-los. O meio-dia já se aproximava (paciência, doutor...). Nem precisaria comentar, mas nossos estômagos reclamavam, com razões óbvias...

Acomodados na Rural, seguimos viagem até Joaçaba, onde almoçamos. Não pensem que a história para por aqui... O causídico – mesmo pela sua despropositada impertinência, já nos parecia suportável – tinha uma *carta na manga*: uns rojões que comprara e mantivera escondidos das nossas vistas. Já tarde avançada, ao chegarmos a Maravilha pela estrada antiga – acima do Colégio –, ele retirou da sua pasta um foguete e imediatamente o acendeu com a chama de um isqueiro. Os vidros da Rural estavam fechados para evitar o pó da estrada de chão. O estouro foi ensurdecedor, terrível, talvez infernal... Ficamos atordoados... Alguém desmaiou, desfigurado... O motorista parou a Rural, tomada de fumaça e forte cheiro de pólvora, dificultando a respiração e causando ardência nos olhos. Saltamos do carro o mais rápido possível, em meio ao pó e à fumaça. A palavra de ordem era calma. Alguém acordou, assustado: “Estou tonto, meus ouvidos estão assoviando, quero água...” Não importava, a conquista era superior!





Seção VI

Da comunicação da conquista

Mais uma vez devo dizer: a história não acaba por aqui. O Senhor Prefeito pediu-me que preparasse um protocolo para uma reunião comunitária para comunicar e festejar a conquista. Feitos os convites, hora marcada...

A sessão se realizaria no Salão Knopp, por falta de outro local mais amplo. Salão cheio, casa cheia.

Lá no alto estava o causídico, com papel na mão, e em falsete, bradou com voz forte: “Acomodem-se, vou compor a mesa de honra”, chamando as autoridades e convidando-as imediatamente, pela ordem: Prefeito, Presidente da Câmara, Juiz, Dirigentes Escolares, Vigário, Pastor e Delegado.

Fiquei no meu canto...

No dia seguinte o MM. Juiz de Direito, Doutor Elói Luiz Dadam, afixou na portaria do Fórum uma carta de desagravo ao Professor Antônio Osvaldo Conci, motivado pelas razões que o leitor pode imaginar.

Mais tarde, fiquei sabendo que o Professor de História Francisco Gialde, num de seus bons livros, também relatara o fato.





Antônio Osvaldo Conci



Pasmem, a história não para por aqui... Passaram-se três anos letivos. Formatura da Primeira Turma da Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa. Preparativos para a sessão magna de Formatura, como manda a boa tradição protocolar...





Seção VII

Da escolha do paraninfo

Não sei de que forma, mas o causídico se proclamou paraninfo dos formandos.

A notícia se espalhou no meio escolar, vazando na comunidade. Alguns formandos me procuraram, pedindo explicações. Obviamente eu não sabia o que efetivamente tinha ocorrido (comigo imaginava que era mais uma do *infiltrado*...).

Os formandos, sob a presidência do aluno Edegar Gruber e coordenação do aluno Ari Vogel, redigiram um ofício destinado ao pretense paraninfo, destituindo-o da pretensão de sê-lo, o qual levou a assinatura do Edegar Gruber, que mais tarde seguiu a carreira na magistratura (juiz desembargador).

Das discussões restou claro para os estudantes que o causídico se autoproclamara paraninfo. Inconformados, os formandos o destituíram da pretensão. Em ato contínuo, por unanimidade, escolheram o Professor Conci como paraninfo da Primeira Turma de Formandos da Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa de Maravilha. Na minha opinião estritamente pessoal, quem deveria ter sido escolhido como paraninfo era o Professor Deonildo Faggion. Na sessão magna de formatura várias autoridades falaram, entre elas o Doutor





Antônio Osvaldo Conci



Elói Luiz Dadam, MM. Juiz de Direito da Comarca, que relatou todas as ocorrências para se chegar àquele grande dia festivo para todos. A fala do representante dos formandos teve uma tônica forte de agradecimentos, destacando a importância do título de Técnico em Contabilidade, fato que abriria novas oportunidades para o exercício da profissão. Por sua vez, o paraninfo, além das felicitações de praxe, secundou as palavras dos oradores que o antecederam, concluindo: “Agora, meus estimados afilhados, entrem na Arena da vida e mandem brasas pelo progresso do Brasil.”





Seção VIII Da denúncia

Devo explicar: na época existiam somente dois partidos políticos: Arena (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro). O ingrediente curioso, para não dizer perverso, do causídico, com a colaboração de um tal sargento, foi o fato de que tomaram minha frase final e me denunciaram, como comunista, para um tal tenente do 5º Distrito Naval de Florianópolis. Resultado: fui chamado à Capital para dar explicações sobre o que dissera na Formatura. O Jovem Dércio Knopp – mais tarde eleito Deputado Federal – soube da minha convocação e disse que me acompanharia à dita audiência inquisitiva. Viajamos, com as dificuldades de sempre... Chegamos ao local do interrogatório. Lá estava o Tenente. Figura antipática. Magricela. Rosto alongado. Olhos azuis, profundos. Nariz meio adunco, mas fino. Vestia terno de cor verde-clara, com gravata amarela. Mandou que eu entrasse na sala de audiência, não permitindo que o Dércio me acompanhasse. Sisudo, encarou-me, trovejando suas roucas palavras:

- Você é comunista, tentando me impressionar.
- Não, respondi, tranquilo.
- Mas então por que você usa essa barba comprida?





Meio revoltado, disse:

– Jesus Cristo também a usava e, pelo que sei, não seria comunista.

Já com a voz alterada, berrou:

– Não desvie a conversa. Você está sublevando a juventude de Maravilha, incentivando-a ao socialismo de Fidel Castro e Che Guevara.

Meu coração batia forte, querendo saltar do peito...

– Isso não procede, pois curiosamente fui vereador da Arena.

– Então você é um infiltrado. Como prova de que estou certo, você incentivou os formandos a incendiarem o Brasil, pela simples frase sub-reptícia: *Mandem brasas para o progresso do Brasil*. Isso para mim já basta. Você é um perigoso subversivo. Vou encaminhar essas informações ao DOPS, em Curitiba.

Mais tarde, tive que me apresentar. Essa parte foi pior que a primeira. Talvez a conte, noutra oportunidade. Mas o referido causídico não se contentou com seus intentos inescrupulosos até aqui. Denunciou-me, em ação, sob a alegação de *condescendência criminosa*. Busquei socorro jurídico junto ao Doutor Antônio Piquetti, que me tranquilizou. Se bem me lembro, a tentativa não vingou. Certa feita, fazendo uma divagação, participara de uma Comissão de Fiscalização dos Cursos Jurídicos, junto à ODB/SC, em Florianópolis, como representante do CEE.

Lá pelas tantas apareceu o dito causídico, de peito estufado... O Presidente da Comissão, ponderado e respeitoso, apresentou-me: “Este é o Professor Antônio Osvaldo Conci, Presidente do egrégio Conselho Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina e membro efetivo desta Comissão de Fiscalização dos Cursos Jurídicos.”





Causos & Versos



A porta da sala continuava entreaberta, aguardando que a visita entrasse. Já o conheço há muito tempo. Estivemos em muitas pelejas: ora do mesmo lado, ora em trincheiras diferentes; cruzamos espadas, ninguém se feriu. Adiantou-se dizendo: “Professor Conci, minhas respeitosas considerações.”

Levantei e nos cumprimentamos, com um aperto de mãos que parecia ser sincero, pacífico.

Foi a última vez que vi o amigo, reconciliados.

Com a Promulgação da Carta Federal de 1988, teria a oportunidade de saber o que estaria escrito nos meus assentamentos no DOPS, de acordo com a alínea b, do inciso XXXIV, do artigo 5º, da Constituição Federal.

Já sofrera o suficiente, então preferi tentar esquecer as perseguições, como ouvi certa feita: não interessa saber quem afiou o Machado de Assis, nem quem engatou a marcha ré do caranguejo...





Seção IX

Da compra dos pneus

Agora ainda não posso concluir, pois tenho mais um episódio relevante a relatar em decorrência dos fatos. O leitor possivelmente ainda lembra que o Prefeito Mattje comprara dois pneus novos, em Joaçaba, naquela ocasião. O Prefeito, ponderando equilibrar os pratos da balança, tirou a nota fiscal dos pneus em nome do Município. As razões e justificativas de mérito eram muitas, visto estarmos fazendo as viagens com o veículo do Doutor Elói e às suas expensas. O empenhamento contábil foi feito dentro desse contexto. O Tribunal de Contas Catarinense, ao examinar as contas da Prefeitura, entendeu que o fornecimento dos pneus era indevido, pois não se tratava de veículo da municipalidade, e, em consequência, recomendou a rejeição das contas do Prefeito Mattje, pelo ocorrido. Todavia – alguém está olhando –, as contas vieram para a Câmara de Vereadores de Maravilha, para apreciação e votação do parecer do Tribunal de Contas.

Adivinhem...O Presidente da Câmara de Vereadores de Maravilha, por ocasião da votação das contas do exercício, era precisamente o Vereador Antônio Osvaldo Conci que, defendendo o mérito da questão, propunha a aprovação das contas.





Antônio Osvaldo Conci



O voto do Professor Conci foi aprovado pela unanimidade dos senhores vereadores, livrando o Prefeito Nidolfo Carlos Mattje de outras implicações.

Os ex-alunos da Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa – que ainda estão entre nós – fazem encontros periódicos, relembrando histórias vividas, nas brumas da saudade.

Aqui, sou um simples inquilino do Planeta Terra, aguardando a hora da passagem...

Acabo de escrever estas mal traçadas linhas emocionado, engolindo um nó na garganta, molhado com furtivas lágrimas que o tempo enxugará... Finalmente, com o próximo relato, concluo.

Quando se recebe uma autoridade, recomenda-se que esta seja aplaudida na chegada; porém tais aplausos não devem ser repetidos na saída, por razões óbvias... Porém, o dito causídico – e nem falei sobre os fatos da Rádio Clandestina, pois ainda teria mais o que contar –, fiquei sabendo que fora para outras paragens, o que foi comemorado com clarões e fumaças nos céus, pelo trovejar de rojões....





Capitula II
O Frade e o
Besouro

O causo que vou relembrar não tem bruxas, caiporas, saci-pererês ou tantos outros personagens do folclore de duendes.

O Frade – Missionário da Sagrada Família – era um religioso que, nesta história, era o dirigente do coral de vozes mistas.

O Besouro, por sua vez, era um artrópode revestido de quitina, de tamanho considerável; talvez um *Acrocinus longimanus*, colorido.

Esse fato ocorreu na noite de Natal de 1964, se bem me lembro.

Eu acabava de desistir da ideia de ser padre. As razões dessa tomada de decisão seriam várias, mas apenas uma foi preponderante: vi uma menina-moça vestida de amarelo que se inclinou na minha frente, mostrando os seios, imponentes e inflamados... Mas essa é outra história que, possivelmente, contarei noutra oportunidade. Conte o resumo do que vira ao padre espiritual – aquele que nos ouvia e dava seus conselhos –, e ele, certamente com boas experiências, foi direto: é melhor sair agora, para não se arrepender mais tarde, com maiores consequências. Nessa época, era fim do ano de 1960 e início de 1961. O Curso de Filosofia, que eu estava fazendo, concluí mais tarde, ao nível de licenciatura, com as habilitações em filosofia, sociologia e psicologia.

O Seminário Maior era onde se cursavam três anos de Filosofia, mais quatro anos de Teologia. Fazendo a soma, seriam sete anos de Seminário Menor (Ginásio e Clássico) mais sete anos de Seminário Maior (Filosofia e Teologia), perfazendo um total de 14 anos de estudos, caso não houvesse interrupções. O Seminário Maior, para onde os seus egressos iriam, localizava-se na Vila Gameleira, da Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Suas instalações ocupavam grande espaço, com construções marginais, formando um grande quadrado, tendo no centro uma edificação bem-alinhada, onde estava instalada a biblioteca do



Antônio Osvaldo Conci



Seminário. Mais tarde, as edificações foram ocupadas pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Belo Horizonte.

Também nesse local a Rede Globo gravou parte da minissérie Ilda Furacão, com a atriz Ana Paula Arósio, como se viu mais recentemente.

Regredindo à época, registro que cursei o Seminário Menor, fazendo um ano de Curso Preparatório, quatro anos de Curso Ginásial, mais três de Curso Clássico, perfazendo oito anos. Nesse longo período, também teria muitas histórias para contar, curiosas; todavia as relego para outras ocasiões, se surgirem.

Então, era noite de Natal. Missa do Galo, à meia-noite. O presépio estava montado a rigor, segundo as Escrituras: José, Maria e o Menino deitado numa manjedoura. Os animais. Os Reis Magos postos mais a distância, pois chegariam mais tarde...

A igreja, num elevado, fora construída ao Sul do povoado que então era conhecido como Sede Maravilha. Mais tarde foi elevado à categoria de Distrito, e sua maioria veio, finalmente, com a Instalação do Município, hoje Maravilha, lembrado como *Cidade das Crianças*.

Como todas as igrejas católicas, tinha sacristia, altar e seus espaços – direito para os homens e esquerdo para as mulheres – e, na entrada, um mezanino chamado coral. É precisamente nesse local que ocorreu o inusitado fato, tendo como protagonistas o Frade e o Besouro.

Alguns fiéis da Igreja, estimulados pelos religiosos que a administravam, formaram um coral de vozes mistas, que recebeu o nome de Coral Santa Cecília, padroeira dos músicos.

O Coral ficava sob a batuta do Reverendo Irmão Meinolf – Missionário da Sagrada Família –, que era diligente, severo e disciplinado



como regente do Coral. Todas as quintas-feiras os cantores subiam a coxilha para os ensaios preparatórios para os cantos da Missa de Domingo, rotineiramente.

Eu, egresso do Seminário, como outros, sabia apertar as teclas do Órgão (Harmônio Bohn) e acompanhar os cantores, então fui encarregado de executar as músicas no pequeno harmônio, mesmo não sendo músico. Deus dá para uns ouvidos para música; porém, para outros, Deus dá apenas orelhas. Este era o meu caso: sabia ler a partitura. A cerimônia, em rito solene, consistia na Missa Cantada e em outras peças, com destaque à Noite Feliz. Tudo andava às mil maravilhas. O Templo cheio. Os fiéis devotados. As mulheres cobertas com véus, nos seus lugares, e as crianças atentas para ver o Menino Jesus. O sermão, embora longo, referia-se ao fato bíblico ocorrido em Belém, cujo sacerdote oficiante se mostrava eloquente pregador. As peças musicais da Missa Cantada – *Kyrie*, *Credo*, *Glória* e *Sanctus* – foram executadas de acordo com os seus respectivos arranjos.

Chegou, finalmente, a hora de o Coral entoar a doce canção: *Noite Feliz*. O Frade, como maestro, deu o sinal. Todos a postos: primeira voz, segunda voz, tenor e baixo. Me apontou, com a batuta, para que eu desse os quatro tons, o que de imediato executei: dó, mi, sol, dó... Perfilhado solenemente, ergueu a batuta para o primeiro compasso da Noite Feliz. Abriu a boca: foi então que veio o malvado do Besouro e nela entrou fundo. O Frade deu um tapa, jogou os óculos na fila das mulheres, lá embaixo... Engasgou. Gemeu. O besouro estralou... Tossiu, tossiu, finalmente pigarreou, respirando profundamente. O que aconteceu? Houve um momento de silêncio... Depois os cochichos... Todos de cabeças voltadas para o Coral, lá em cima. Foi quando, passado o alvoroço, o Frade, ofegante, se recompôs. Ergueu novamente a batuta. Deu o sinal. Era meia-noite. No compasso solene das doces notas da *Noite Feliz*, a emoção tomou conta de todos: nasceu o Menino Jesus! Na saída, entre cumprimentos e abraços, parecia-me



Antônio Osvaldo Conci



outra música ouvir. A melodia soava como a da *Noite Feliz*; todavia, a letra era diferente, vinha do alto, cantada por anjos, que diziam: *Glória a Deus nas Alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade*. Fechei os olhos. Inclinei a cabeça. Tinha entendido a mensagem.

Hoje, com muitas saudades, emocionado, lembro daquela *Noite Feliz*.

Volto à cena, no colo da imaginação, revivo o momento, vendo o Irmão Meinolf... Que Deus o tenha na Casa que lhe fora reservada, junto ao Pai, desde todos os tempos. Saio, contudo ainda ressoa nos meus ouvidos, mesmo a distância, suaves e harmoniosos sons:

NOITE FELIZ...





Capítulo III
Comício em Rainha
da Serra

Em decorrência da Revolução de 1964, restaram só dois partidos políticos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), da situação, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), da oposição. Na formação das chapas para as eleições locais, no caso dos municípios, era permitida a formação de até três sublegendas por partido. Essa medida visava a acomodar eleitores egressos de outras agremiações políticas, aproximando suas respectivas ideologias.

Na época, por ocasião das primeiras eleições dentro desse novo sistema, após a formação das chapas, iniciava-se a campanha eleitoral. Visitas dos candidatos e cabos eleitorais aos possíveis eleitores. Distribuições de santinhos e outras promessas, veladas... Reuniões comunitárias, distribuídas pelas diversas localidades do território municipal. O grande evento político concentrava-se no comício final, que se realizaria na sede do Município de Maravilha. No entanto, foi realizado um comício, mais propriamente uma reunião, na localidade chamada Rainha da Serra, próxima à denominada Barra Suja, hoje tratada por Linha Boa Esperança. Rainha da Serra e redondezas deveriam ter umas 40 famílias, ou menos. Tinha a Escola Isolada Municipal, próxima para a educação de seus filhos, de primeira a quarta série do Ensino Primário.

Contava também com rústica capela religiosa, além de bar e casa comercial.

Tudo em ordem. Povo ocupado com seus afazeres agrícolas. Assim os dias da semana passavam rotineiramente, diferentemente dos domingos e feriadas, com os habituais encontros e visitas, destacando-se os horários de eventos religiosos. O dito comício foi realizado numa residência com área aberta, cedida. Além dos nossos candidatos aos cargos majoritários e proporcionais, tivemos a grande honra de contar com as ilustres participações dos Deputados Estaduais: Gentil Bellani, da antiga UDN; e Antônio Piquetti, do

antigo PRP. Os discursos foram entusiasmados, mas com poucos aplausos. O Deputado Gentil, com sua tranquilidade costumeira, falou sobre a importância do voto e que, se os candidatos do partido fossem eleitos, teriam o compromisso de ajudar a comunidade. Por sua vez, o Deputado Piquetti, senhor duma eloquente oratória, num tom descontraído, convidou os eleitores a apoiarem os candidatos. Enquanto falava, alguém à pequena distância explodiu um rojão, que ribombou nas proximidades. Nisso, o Deputado Piquetti parou seu discurso e, erguendo o braço direito, apontando para o alto, disse em alta voz: “Nesta eleição usem Pólvora Piquetti!” Os assistentes riram do chiste do Deputado. Em ato contínuo, o Deputado Gentil gritou: “Mas sejam *gentis*.” Novas risadas...

Passadas as eleições, as urnas não guardavam nenhum voto para os nossos candidatos.

Novas eleições. O diretório político, reunido, escolheu um mensageiro conhecido da comunidade, para ver o que se deveria fazer para melhorar a situação. Lá, falando com lideranças locais, pediram-lhe uma ponte (pequena) que desse passagem a carroças para a vizinha fronteira com Campo-Erê. Como nosso partido (Arena) estava no governo, entendeu-se que a pretensão seria benéfica para a Localidade. Faltavam poucos dias para as eleições. Mãos à obra. Máquinas, caçambas e operários, tudo em movimento. Curiosamente, observamos que as propagandas dos nossos candidatos estavam afixadas em todas as casas da vila na semana da construção da dita passagem, ora concluída. Aberta a urna: pasmem, nenhum voto... O diretório político ficou desorientado, mas...

Vieram as próximas eleições. Devemos conseguir, pelo menos, um voto. Foi então combinada uma estratégia: vamos nomear um fiscal do nosso partido – eleitor de confiança – para atuar no dia da eleição. Feito o ato formal, o fiscal foi à Localidade de Rainha da

Serra. Votaria como voto em separado, porém teríamos a certeza de recebermos, pelo menos, um voto. As formalidades foram todas respeitadas, conforme dispõe a lei. Aberta a urna, constatou-se que, também desta vez, não fomos contemplados com o voto do nosso fiscal...

Abrindo um parêntesis: no dia em que fui agraciado com o título de Cidadão Honorário de Maravilha, numa sessão solene da Câmara de Vereadores, em tom de sutil lembrança, fiz menção aos fatos referentes aos resultados eleitorais em Rainha da Serra. As gargalhadas foram unânimes, destacando-se a do Prefeito, Senhor Celso Maldaner, a quem rendo as minhas justas homenagens.

Recordo que a sessão da Câmara de Vereadores, nessa ocasião, estava bem-assistida, contando com as ilustres presenças do Professor Ricardo José Araujo de Oliveira, Presidente do egrégio Conselho Estadual de Educação (CEE); do Conselheiro Padre Kuno Rhoden (SJ), Ex-presidente; da Conselheira Professora Rosalir Demboski de Sauza, Coordenadora; do Professor Hipólito do Valle Pereira Neto, Chefe da Assessoria Técnica; do Doutor Álvaro de Barros, Diretor Administrativo; do Senhor Presidente da OAB/SC – Subseção de Chapecó; de autoridades locais e de membros da comunidade.

Como devaneio, recordo de duas passagens que envolveram políticos de Maravilha. O Vereador Reditário Cassol, mais tarde eleito Deputado Federal pelo Estado de Rondônia, apresentou na Câmara de Vereadores de Maravilha um projeto de lei criando o cargo de *receptionete*. Alguém, mais precisamente o Vereador Deonildo Faggion, o alertou que o nome do cargo deveria ser *receptionista*; foi quando o autor protestou: quero que seja *receptionete*, igual a *garçonete*.

O Senhor João Cavalheiro, primeiro Prefeito (Provisório) de Maravilha (gestão de 27 de julho de 1958 a 31 de janeiro de 1959) e Vereador na Segunda Legislatura, ao retornar à sua residência, numa

noite chuvosa e muito fria, encontrou a família aquecendo-se ao redor do fogo no quiosque: puxou seu 38 e detonou contra a fogueira. Saltaram brasas por todos os lados. Foi aquele susto... No mesmo instante um de seus meninos – alegre – disse: “Pai, dê outro!” É claro que o pedido foi atendido.

Também o Cavalheiro, pessoa querida e amiga de todos, passou a exercer o cargo de Secretário Municipal do DMER, no Governo do Prefeito Deonubem Baldissera. Contratou um considerável número de funcionários para ajudá-lo no Setor. Em visita às obras (abertura de novas estradas), o Prefeito reclamou, pois constatara a presença de muitos operários, e a folha de pagamentos não suportaria tais despesas, ordenando-lhe: “Reduza o número de funcionários.” Em outra visita o Prefeito constatou que o número de funcionários aumentara. Chamou o João para um lado e reclamou: “Disse-lhe para *reduzir* o número elevado de operários e você o aumentou, em vez de *reduzi-lo*.” O Secretário, sem pestanejar, acrescentou: “Quando *reduzo* a marcha do Jipe, ele tem mais força. Foi o que fiz, pelo que me ordenou: *reduzi* a marcha para ter mais *força*, e isso só poderia acontecer com mais funcionários.”



Capitula IV
O organista

O que vou contar realmente aconteceu. Foi num fim de tarde. Uma viatura parou no portão de entrada. “Vai ver quem é e do que se trata”, ordenou Padre Reitor, Monsenhor Jorge – um Lisboaeta de porte nobre, vestido de batina de casimira, ao rigor romano. Corri até lá, numa distância de uns cem metros. Apostos, ao lado do carro: um senhor, uma senhora e uma jovem moça. Todos elegantemente vestidos. O senhor de terno azul-marinho, numa combinação de cores perfeita. A senhora, de traços nobres, vestia um conjunto azul-claro que fazia o tom sobre tom, comparado com a vestimenta do senhor, possivelmente seu marido, presumi. A jovem moça, sem exageros – era simplesmente deslumbrante. Olhos verdes. Faces douradas, mas com um tom moreno. Vestia alfaias militares de cor verde-oliva. Não fez saudação de continência, mas, com voz macia – que mais parecia melodia –, me fitou, dizendo: “Meus pais querem falar com o Padre Reitor.”

Sem responder, abri o portão.

Admirando as esbeltas araucárias enfileiradas nas laterais do caminho, vencemos a pequena distância de cem metros até o portal de entrada do Seminário.

O Padre Reitor, com sorriso largo, recebeu-os ao pé da escadaria que dava acesso à sala de visitas. Ambiente simples, mas bem-alinhado. Cadeiras bem-entalhadas em Imbuia. Uma mesa de pernas torneadas que sustentavam uma chapa de mármore amarelado. Na parede, do lado Norte, do alto prendia um Crucifixo, e o Cristo nele pregado parecia nos fitar...

“Mas a que devo essa honrosa visita?”, perguntou o Reverendo Reitor, com sotaque português, apontando as cadeiras para que se assentassem. O Senhor, fazendo uma breve reverência, disse: “Somos de São Paulo. Eu sou médico e minha esposa Rosana é engenheira nuclear. Nossa filha, Amanda, decidiu seguir a carreira militar,

ingressando nas Agulhas Negras.” A cadete acenou que sim, enquanto a mãe sorria, simpática. “A Amanda é noiva de um jovem militar desta cidade. Sem dúvidas, como resultado de encontros de estudos nas academias militares”, comentou a mãe. “O enlace matrimonial está marcado para o próximo sábado, como ajustado com o Reverendíssimo Prelado Diocesano.”

O Padre Reitor, sem imaginar qual seria o objetivo das ilustres presenças, simplesmente disse: “Mas então, diante desse importante evento, em que poderia ser útil?”

A mãe, olhando para o marido, adiantou-se justificando: “Convidamos uma cantora paulista que canta maviosamente a Ave Maria, composição preferida de Amanda”, e, participativa, simplesmente concluiu: “Precisamos de um organista para acompanhá-la. Ela trouxe a partitura da composição especial desta Ave Maria, para o caso de ser executada. Também combinamos que o organista deveria executar a marcha nupcial, conhecida como *Lá vem a noiva*, de Richard Wagner, na Catedral, como de costume.”

O Padre Reitor ergueu a cabeça, pôs dois dedos sobre os lábios, fitando o espaço, como se quisesse encontrar uma resposta, que viesse lá de cima... Um organista... para acompanhar uma cantora de São Paulo? E, além do mais, executar no órgão a marcha nupcial? O Reitor me encarou sorridente e comentou: “Já ouvi você executando músicas no harmônio da Capela!” E sem pedir se eu aceitava, sentenciou: “O Vianney irá.”

Dentro de mim correu um calafrio, meu estômago embrulhou, e uma saliva pressionou minha garganta, confesso. Não me restava contraditar. A ordem era obedecer.

Chegou o sábado, com a hora marcada. O Reitor, como sempre diligente, me acalmou dizendo que me levaria à Catedral, mas que lá acompanharia o Excelentíssimo Prelado, Dom Sabóia.

Lá chegado, pus o pé direito no primeiro degrau da escadaria que dava acesso ao Coral, onde estava instalado o Órgão. Puxei a banqueta. Olhei as teclas para os pés. Abri a tampa do teclado: para as mãos, ali estavam três fileiras de teclas brancas longas e outras pequenas, pretas.

A cantora me encarou – eu apenas tinha chegado perto dos 14 anos de idade –, estendeu a mão e me entregou as partituras da Ave Maria e da marcha nupcial. Sem dizer nada, recebi-as e postei-as na tampa aberta do harmônio. Estava tão ansioso que nem prestei atenção na figura da cantora. Como era uma tarde abafada e de muito calor, com algumas nuvens, talvez viesse chuva e vento... Abri as janelas do Coral, para amenizar a temperatura. Minha camisa estava molhada, pelos dois motivos...

A cantora – ainda não sabia seu nome – enxugava a testa com um lenço branco, bordado. Cecília – esse era o seu nome – postou-se à minha direita e me orientou:

– Dar-te-ei o sinal, quando a noiva entrar, você executa a Marcha até ela chegar aos pés do altar, como de costume, conduzida pelo pai e entregue ao noivo.

–Tudo bem, confirmei.

– Depois, na hora apropriada, eu canto a Ave Maria e você me acompanha, pela partitura. Certo?

– Certo! Repeti.

Olhei, meio de esguelho, para a nave da Catedral. Estava lotada; mais parecia um jardim florido, reproduzindo as cores do arco-íris. O Sacerdote Oficiante (OFM) vestia alfaias refletindo as cores pontifícias: branco e amarelo. A Catedral estava ricamente deslumbrante. Duas fileiras de flores, uma de cada lado do corredor, completavam o visual do ambiente. Os coroinhas, vestindo albas cobertas por *sobrepeliz*

verde-oliva. As aias, de vestidos longos em tonalidade azul-celeste, portavam buquês de flores, e suas cabeças sustentavam brilhantes coroas. Efetivamente, tudo estava harmonicamente deslumbrante, mais parecia uma cena de contos de fadas madrinhas, no enlace do príncipe com a princesa. No meio desse visual, destacavam-se os multicores chapéus das damas e seus coloridos vestidos. A vestimenta dos cavalheiros completava o quadro, sem qualquer diferença. Nesse entorno, eu seria o responsável pelos acordes musicais...

Mas antes devo abrir um parêntesis: eu não era músico. Sabia ler e executar as notas das partituras. Sabia, por conseguinte, lê-las. Lembrei-me, aturdido, que para uns Deus deu ouvido musical; porém, para outros, Deus deu apenas orelhas. Nessa situação, eu estava mais para orelhas...

Ela pôs a mão no meu obro como que dizendo: *toque!* Fustiguei as teclas e soaram os primeiros acordes, que ecoaram na Catedral.

De repente, e ao mesmo tempo, um tufão de vento entrou pelas janelas e me roubou a partitura que eu estava lendo e executando. O harmônio pareceu girar e balançar... As teclas ficaram incolores... E agora, Vianney?... Consegui respirar fundo. Me concentrei. Fechei os olhos. Continuei apertando as teclas, alternadamente, como se as estivesse lendo... Lembrei-me que a padroeira dos músicos é Santa Cecília, e uma Cecília estava ao meu lado. Parecia que eu estava desligado do mundo físico, flutuando... Senti, novamente, o toque no ombro: “Ela já chegou no altar!” A Cecília, sorridente, juntou as mãos para o alto: “Que lindo!”

Não entendi... Recuperado, mas ciente do acontecido...

A cantora reposicionou a partitura da Ave Maria – a janela fora fechada –, o órgão soou as primeiras notas, e ela entoou a canção com voz doce, mas solene, que ecoava retumbante no espaço da Catedral.

Vieram os últimos acordes: *Ave, Ave Maria*, os sons ainda ecoando na nave da gótica Catedral; somente então voltei a respirar, sentindo o ar oxigenar meus pulmões.

Todavia, a história não parou por aqui. Eu não tinha a menor ideia do que tocara, depois que o *vento levou* – melhor dizendo, roubou – a partitura que eu estava lendo, jogando-a sobre os convivas, lá embaixo.

A Cecília agradeceu-me, convidando-me para descer.

Ainda aturdido, pedi que descesse e que eu logo iria, também.

Esperei um pouco mais, dirigindo-me aos degraus da escada. Quando pisei o último degrau, um casal ali estava: o médico e a engenheira, os pais da Amanda.

Assustado, segurei-me no corrimão, aguardando a sentença... Ele me encarou cordialmente, colocando a mão no meu ombro e dizendo: “Parabéns, moço! Nunca ouvira uma interpretação da Marcha Nupcial tão solene e bela. Maviosa!”

Fiquei sem saber o que dizer, pois a situação me parecia estranhamente cabulosa... Veio-me à mente que deveria pedir desculpas ao Richard Wagner, virtualmente.

A Senhora Rosana, por sua vez, repetiu as palavras do marido, fazendo uma leve inclinação. “No entanto, temos um convite de última hora: queremos que participe do banquete de casamento.” O convite me pegou de surpresa – talvez devesse pedir ao Padre Reitor –, mesmo assim, só me restava aceitar. Ele apontou para a porta de saída, indicando o carro que nos levaria ao local da festa. Não conhecia o noivo, agora marido da Amanda, que com sorriso largo me felicitou, estendendo-me a mão. Enquanto apertava sua mão, retribuí as felicitações ao casal, desejando tudo o que há de melhor.

O salão da festa, ricamente enfeitado, acomodava centenas de convidados. Colocaram-me com a cantora paulista, sentado diante dos recém-casados.

O banquete – servido à Francesa – dada a disciplina da etiqueta, permitiu a troca de olhares entre os comensais, disfarçadamente... Felizmente, eu já tinha recebido aulas de etiqueta e sabia como me portar à mesa, diante de tais circunstâncias.

Lá pelas tantas, um senhor achegou-se ao meu lado, com uma leve inclinação, dizendo-se músico. Pediu-me que, por gentileza, o agraciasse com uma cópia da partitura da interpretação da Marcha Nupcial, pois nunca ouvira arranjo tão harmonioso, produzindo uma *fantasia* de sonâncias e dissonâncias maviosas. Disse-lhe que escreveria, oportunamente. Pois, pensando comigo, não tinha a menor lembrança do que tocara.

No Seminário os comentários corriam de boca em boca, relatando o ocorrido. Tive que responder a várias perguntas.

Recolhido em mim, só me restava admitir que a padroeira Santa Cecília movimentara meus dedos sobre as teclas.

Agora, enquanto concluo este relato, lembrei-me de outra ocasião em que me colocaram numa situação parecida.

Ingressei no Seminário Maior Sagrado Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte, com mais três colegas seminaristas seculares: o Lélío, de Itapiranga; o Panocelli, de Pato Branco; e o Camilotti, de Clevelândia. No primeiro dia, o número dos recém-chegados aproximava-se de 200. Chegou a hora da Oração da Noite – Oração Vespertina em Coro – na Capela do Seminário. Tudo organizado – cada um com seu *Liber Usualis* –, porém o oficiante conferiu e constatou que faltava o organista para acompanhar a execução dos salmos e do *Tantum ergo*. Ninguém se manifestou. O oficiante, fitando o coro,



indagou se alguém se apresentaria. Foi então que o Lélío – sempre o Lélío – disse: “O Antônio pode tocar, ele sabe.”


“Quem é o Antônio?” – obviamente haveria outros com o mesmo nome. Apresentei-me: “Penso que sou eu!”

Tratava-se de música gregoriana; mas eu sabia ler as notas (quadradas) sobre as pautas. Desta feita, encontrei as partituras, as quais li tranquilamente.

A temperatura estava amena. As janelas estavam abertas; porém não havia vento...

Não sei por quê, mas seguidamente era chamado para executar peças no Órgão. Foi o caso da instalação da Diocese de Chapecó em 14 de janeiro de 1958, sendo seu Bispo Dom José Thürler (gestão de 12 de fevereiro de 1959 a 22 de março de 1962). Nesse evento o coral do Seminário São João Maria Batista Vianney veio de Palmas, PR, para cantar a missa solene, oportunidade em que eu também deveria executar a *Marcha Pontifícia*, de Charles Gounod (1818-1893). Essa peça musical, composta pelo pianista Gounod, destinava-se a músico que a executasse valendo-se da mão esquerda, o que me causava certa dificuldade. Registro, por oportuno, que não havia vento...





Capítulo V
Troquei minha
enxaqueca por um
Coíba

É possível que a maioria das pessoas já tenha sofrido uma dor de cabeça por razões diversas. Todavia, a enxaqueca é a mais ocorrente.

Meu pai dizia que tivera enxaqueca até aos 46 anos. Depois, parou. Minha mãe sofreu desse mal durante toda sua vida, quase todos os dias. Nasci numa localidade chamada Porto Novo, junto ao Rio Uruguai; do outro lado estava Itapiranga. O Distrito recebera o nome de Barril (hoje Frederico Wesphalen), pertencente ao grande Município de Palmeira das Missões. Isso ocorrera em 15 de outubro de 1938. Na Pia Batismal recebi o nome de Antônio, em homenagem ao Santo Lusitano. Meu pai, Cláudio Conci, e minha mãe, Hilda Manfrin Conci. Em verdade, os meus bisavós, imigrantes italianos, eram registrados com o sobrenome *Conci*, com *a*. Na época, as certidões de nascimentos (registros) eram feitas em Palmeira das Missões, redigidas com caneta-tinteiro.

Quando me apresentei, na idade certa, no quartel para fins do Serviço Militar, o escrevente teimou que se tratava da letra *o*, em vez de *a*, portanto: *Conci*. Não adiantou retrucar. Disso resultou que até hoje já constatei as seguintes grafias: *Conci*, *Cansi*, *Canzi* e *Conte*, quando de fato só deveria ser *Conci*. Essas variações são bastante ocorrentes.

O meu pai era agricultor ou, como se dizia à época, colono. Cultivava a pequena colônia com os instrumentos e meios do tempo: machado, foice, enxada, máquina de plantar de dois cabos e, às vezes, até saraquá, arado puxado por junta de bois.

A minha mãe, além dos afazeres domésticos, cuidava e ordenhava as vacas, tratava as galinhas e lavava a roupa no córrego, próximo à casa.

Assim passavam os dias de trabalho, e aos domingos a comunidade se reunia na pequena Capela para as orações e os encontros familiares. Meu pai era quem puxava as orações, iniciando com a reza do Terço (o Terço tem 60 ave-marias, diferente do Rosário, que tem

o triplo). Todos ajoelhados, em posição de prece, recitando as rezas em latim. Aqui surge um impasse de desagradáveis consequências. Na época, o Presidente Getúlio Dorneles Vargas proibiu a fala de outras línguas, especialmente a germânica e a italiana. O inspetor de quartirão – autoridade suprema local – denunciou meu pai, dizendo que estava rezando o Terço em italiano, o que era ato ilegal. Meu pai foi chamado, inicialmente, a Barril, e como o caso não se resolveu, teve que ir a Palmeira das Missões, onde tudo ficou esclarecido, pois o Delegado, pessoa mais culta, sabia a diferença que existia entre o italiano e o latim.

A viagem a Palmeira das Missões era feita em lombo de cavalo, num tirão de quatro a cinco dias. As dificuldades eram inimagináveis.

No retorno, além do cavalo estropiado, o tempo se armou, trovejou, relampejou, e desandou uma pesada chuva envolta por fortes ventos em condições de tormenta. Naquele momento – longo por demais –, meu pai encontrava-se numa picada, fechada pela floresta. O vento retorcia galhos, que caíam por todos os lados. O cavalo de nome Pinhão negava-se a andar, relinchava e, numa negada, tirou o cavaleiro da sela. O meu pai, enrolado na sua capa ideal, rolou no chão alagado, entre galhos quebrados. O susto foi grande. Até seus últimos dias comentava sobre aquele lamentável episódio, e sempre que o céu se carregava, manifestava seu medo de tormentas. Até aprendeu a benzê-las...

Como referi antes, minha mãe lavava a roupa no riacho próximo à residência. A água corria do sul para o norte, deslizando sobre leito rochoso, num pequeno declive que aligeirava a corrente de água. Num desses dias, como sempre, me levava numa cesta rasa e me acomodava próximo a ela, enquanto torcia a roupa. Eu deveria, então, já estar engatinhando, com meus sete meses de idade. Rolei, e a correnteza do riacho estava me levando aos solavancos. Quando minha mãe viu a

cena, correu, derrapou e também rolou na água. Logo me alcançou e me socorreu. O susto, sem dúvida, foi grande para minha mãe: talvez, para mim, até tenha sido brincadeira... Comentando com meu pai, disse que a imagem da ocorrência ainda constava nos seus olhos e agradecia a Deus por não ter ocorrido o pior.

Quando eu já estava com meus quatro anos, ela me mostrou uma flor alaranjada desenhada ao lado da panturrilha da sua perna direita, embora eu já a tivesse visto: quando eu te esperava, rocei numa flor dessa cor e forma. Quando cheguei em casa vi que a flor estava aqui, onde você a vê. A flor continuou ali e a acompanhou até seu último dia neste plano terreno.

Bom, vou retomar o assunto. Tive minha primeira enxaqueca lá pelos 10 anos. Começou lentamente, regulando uma vez por semana. Aos 14 anos, já me perseguia diariamente, adentrando a madrugada. Depois já aparecia lá pelas 10 horas, dia sim e o outro também. Já estava no Seminário Menor de Palmas. Levaram-me para várias consultas, indo até Curitiba. Remédios: cofergot, migristein, ormigrein, imigram, sumax e tantos outros que não recordo, além dos cuidados com os tipos de alimentos. O gelo na testa aliviava. Eta dorzinha danada...

Dia 31 de dezembro de 1990 – véspera de Ano Novo. Reunião de alguns familiares. Jantar à moda tradicional: sopa de lentilha, carnes suínas, bebidas e doces.

Eu, como sempre, estava *enxaquecado*. Ajudei a preparar o jantar – atividade que gosto de fazer.

Jantamos em clima agradável, como resultado do momento. Convidei o colega Luciano, que nos fazia companhia com sua família, a nos centrarmos na área externa da casa. Assim eu respiraria ar fresco, que me ajudaria.

O céu estava estrelado. Não lembro se havia luar...

Aí acomodados, já com o éter de algumas taças de espumante seco (para os franceses: champagne) que foram enchidas várias vezes, chegou o momento de atizar a brasa e sentir o aroma do *Coíba* – charuto cubano de sabor inigualável.

Entre uma nova taça e a fumaça de cada baforada, as horas foram escorrendo pelo meio dos dedos. O colega Luciano, entre os vários assuntos, lembrou de um jantar no antigo Restaurante Clair (aliás, o Clair sabia preparar uma paleta de ovelha deliciosa, além do ambiente aconchegante e gentil). Estávamos presentes eu, o Luciano, o Carlos, o Osir e o Sadi.

Após o saboroso jantar, fomos para o local reservado aos fumantes. Cada um com seu charuto preferido: Robt, Burns, Romeu e Julieta, Vasco da Gama Corona e o inigualável *Coíba* Cubano. Acendemos as lâminas de cedro dentro do que manda o ritual, atizamos fogo nos deliciosos pitos. As baforadas formavam nuvens de fumaças ondulantes que, lentamente, desfaziam-se no ar. O Dr. Carlos nos explicava que o apreciador de charutos (como Winston Churchill) distingue claramente três sabores ao fumar: no início é mais leve a acentuação do tabaco; a porção constituída pelo meio do charuto, parte que recebe o nome de *flor do charuto*, é a de sabor mais delicioso; e a terceira parte, já no final, é a de sabor mais intenso. O charuto deve ser apreciado lentamente, sem forçar a queima, respeitado o ritual da cinza.

Também, às vezes, realizávamos uma rodada de cachimbo: *Sua Excelência, o Cachimbo!* A ritualística do cachimbo, ao lado do charuto, é bem refinada. Na primeira cachimbada a fornalha é untada com mel e completada com pequena porção de *pipe tobacco* especial (de preferência – para meu gosto: *Captain Black*, dourado), além de outros cuidados de praxe. É de se registrar que, tanto para o charuto quanto



Causos & Versos



para o cachimbo, a fumaça não deve ser tragada, diferentemente do cigarro e outros similares.

As conversas, geralmente, tinham cunho cultural clássico, às vezes bíblico. Conversávamos sobre a Torre de Babel (Gên. 11: 9), quando Deus, depois do Dilúvio, confundiu a língua dos homens de modo que não se entendiam, forçando-os a se separarem e irem para outras regiões, além de castigá-los pelo orgulho da obra que deveria atingir os céus. Foi então que o Sadi, mal de ouvidos, entrou na conversa e nos informou que a *Torre estava inclinada* e que, com o tempo, cairia... Não deu para segurar o riso...


Vamos nos recolher, alertei, enquanto os cumprimentos de bons votos pela chegada do Novo Ano de 1991 circulavam entre as visitas e os familiares.

Tentei erguer-me da cadeira, não consegui. Não era de se estranhar àquelas alturas...

Eu estava com a cabeça *cheia de marimbondos*. Tudo girava, inclusive a cama. Minha esposa fez-me tomar uma xícara de café preto, forte...

Hoje me aproximo à casa dos 83 anos. Nunca mais tive qualquer enxaqueca. Desse acontecido, até hoje, ninguém me deu uma resposta convincente. Possivelmente existem explicações, acredito.





Capítulo VI
Direitos humanos
versus personalidade

Está lá na Constituição, como princípio fundamental, a *dignidade da pessoa humana* (inciso III, do Art. 1º, da CF/1988). Mas a questão é entender que a Premissa Constitucional engloba qualquer um nascido de mulher, segundo as regras da natureza. Então, trata-se do ser humano, como eu e você.

Certa feita, ouvi uma preleção de um bom jesuíta, que proclamava: “Existir é mais perfeito do que não existir.” Concordo plenamente. Não admito a eutanásia, nem o aborto ou qualquer outra forma de matar.

Soa-me claro que quando a Carta Federal de 1988 dá como valor maior a dignidade da pessoa humana, ela está se referindo ao ser humano na sua singularidade. Não leva em conta as suas qualidades atributivas, isto é, se tal humano tem boas ou más qualidades.

Acontece que o ser humano, enquanto visto somente como pessoa, não agrega outras qualidades, a não ser a qualidade de pessoa humana. Nesse contexto, por obviedade, inserem-se todos os nascidos, com a natureza da espécie humana. Aqui, vamos encontrar, de um lado, por exemplo, Madre Tereza de Calcutá, Chico Xavier, Alan Kardec, Nelson Mandela e tantos outros portadores de boas qualidades. Por outro lado, outros, como os assassinos da humanidade – isento-me de citar nomes, por razões óbvias –, gerenciam suas más qualidades.

Por conseguinte: *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.*

Todavia, convém sopesar os termos: pessoa humana *desvestida* de boas qualidades e pessoa humana *revestida* de boas qualidades.

Qualidades, para os conteúdos deste texto, são atributos dos quais a pessoa humana se reveste e exercita no seu comportamento exotérico. Destarte, a pessoa humana, na sua pluralidade, reveste-se de atributos, entre os quais se destaca a personalidade.

A personalidade, por sua vez, significando o caráter, como qualidade de ser da pessoa humana. Dessa forma, a dignidade da pessoa humana refere-se exclusivamente à sua humanidade, desvestida dos seus possíveis atributos. Assim, a personalidade pode ser conceituada como a estrutura de hábitos adquiridos na vida social.

Para Jean-Jaques Rousseau (1712-1778), a criança nasceria totalmente boa, seu desvirtuamento seria consequência do meio. A sociedade não é natural ao homem, mas nasceu de um contrato livremente aceito por todos. O indivíduo, por efeito desse contrato social, aliena de modo total a sua vontade à vontade geral, que é sempre infalível.

Para Thomas Hobbes (1588-1679), no outro extremo, a criança nasceria totalmente má, e seu alinhamento social se daria pelas vivências. A origem do estado está condicionada pelo pacto ou contrato social. É de Hobbes a frase: *Homo lupus homini* (O homem é o lobo do homem). Talvez tenha exagerado nessa colocação valorativa; todavia, parece ter razão, pelo menos em parte.

Talvez ainda outra condicionante: a criança não nasceria nem boa nem má; seria uma folha em branco, a ser escrita...

Hoje, como em quaisquer outros tempos, comenta-se que o *homem é um produto do meio em que vive*, num constante processo de aculturação, condicionado às dependências sociais. Ou, por outro enfoque, será que a pessoa humana, na sua individualidade, desde a origem, seria portadora de genes bons ou ruins? Esse tema é assaz intrigante – para não dizer proibitivo –, relegado à ciência da Psicologia, especialmente no seu desdobramento psiquiátrico.

Entre as entidades civis denominadas, em regra geral, Clubes de Serviços, aqui no solo pátrio muitas se destacam, entre elas o Lions e o Rotary, merecidamente.



Outra entidade civil, denominada Câmara Júnior, conhecida pela sigla JCI, fundada pelo norte-americano Henry Giessenbier em 13 de outubro de 1915, no Missouri, tem a finalidade de treinar e formar lideranças saudáveis na comunidade.

Nos estatutos da JCI estão alinhados os seus princípios fundamentais que, por sua pertinência, permito-me transcrever, com um destaque meu, particular:

Nós acreditamos:

Que a fé em Deus dá sentido e finalidade à vida;

Que a fraternidade entre os homens transcende a soberania das nações;

Que a justiça econômica pode ser melhor obtida por homens livres, através da livre iniciativa;

Que os governos devem ser de Leis mais que de homens;

Que o grande tesouro da terra está na PERSONALIDADE humana;

E que servir a humanidade é a melhor obra de uma vida.

Num breve comentário, desponta nesse conjunto de princípios fundamentais a qualidade atributiva da personalidade.

Dessa feita, parece ser permitido afirmar que a pessoa humana estaria disposta a três situações: a primeira, simplesmente como pessoa humana, na sua singularidade; a segunda, revestida de boas qualidades; e a terceira, portando más qualidades.

Dan Brown, no seu novo livro *Origem* – obviamente no contexto da obra –, na página 243, quando reproduz a prédica do Papa Inocêncio XIV, da Igreja Palmariana (nada a ver com o Papa da Igreja Católica





Romana), que defendia a tese de que, em algumas situações, o perdão pode ser perigoso, dizia, entre outros argumentos, que o perdão dado a título de misericórdia pode encorajar o inimigo a cometer outros crimes, sabendo que continuará recebendo o perdão. No final, conclui que se deve seguir o exemplo de Cristo: tombar a mesa dos vendilhões.

Acredito, e com firme convicção, que quase a totalidade dos seres humanos se encontra nas feiras dos que estão moldados com boas personalidades.

Cito a página 83 do livro *Quem me roubou de mim?*, escrito pelo conhecido Padre Fábio de Melo:

Alguém

Alguém me levou de mim.

Alguém que eu não sei dizer,

alguém me levou daqui.

Alguém, esse nome estranho.

Alguém que eu só vi chegar.

Alguém que eu não vi partir.

Alguém, que se alguém encontrar,

Recomende que me devolva a mim.

Agora ando um pouco além, com outros questionamentos. Por exemplo, a dita pessoa humana, desvestida de boas personalidades, armada, violentamente invade sua casa. Aponta-lhe a arma. Amarra você e sua filha. E, na frente de vocês, estupra sua mulher. Tal criminoso estaria protegido pela dignidade da pessoa humana? Eu





questiono. É apenas um exemplo, entre outros milhares, que você já sofreu, presenciou ou teve notícia...

Alguém, na sua zona de conforto, pode replicar: é culpa do sistema. O problema é de responsabilidade das autoridades. Pergunto, mas você não está inserido no sistema? Com certeza, você tem seus pontos de vista e as correspondentes arguições, defendendo o lado no qual você se enquadra e desfralda a sua bandeira.

Relembrando um dos princípios fundamentais da JCI (antes transcrito), sustento a premissa maior de que o *Grande Tesouro da Terra está na Personalidade Humana*.

Quem não tem respeito pela liberdade e pelo direito dos outros não tem o direito de estar em liberdade.

O cometimento de ato ilícito, respeitado o devido procedimento formal, deve ser punido na proporção do dano causado, material, moral ou psicológico.

Enfim, os direitos da pessoa humana condicionam-se à Ordem do Bem Comum, não privilegiando o criminoso ou sua família com vergonhosas regalias ou benefícios, enquanto as vítimas amargam no abandono.

A personalidade é um atributo que pressupõe que o homem seja livre, mas de bons costumes, com o direito de ir e vir e exercer dignamente uma ocupação laboral.

A responsabilidade também pressupõe que o agente nocivo seja imputável, isto é, que possa responder por seus atos.

A idade cronológica é meramente um dado formal; ao passo que a idade psicológica é um determinante de materialidade. Se teve a capacidade de cometer o crime, já tem a capacidade de responder pelo que fez.





Capitula VII
O Bem e o Mal

Iniciar fazendo perguntas ao leitor parece despropositado. Mas deixando de lado essa observação, eis as perguntas substantivas: o Bem existe? O Mal existe? E, ambos existindo, haveria um ponto intermediário de equilíbrio entre esses extremos?

O Bem e o Mal, o Mal e o Bem (para não discriminar hierarquias) se contrapõem entre si. Às vezes, de forma contraditória; outras, de forma contrária. Se figurados sobre um vetor, os veremos distantes na conceituação; porém, na materialidade, estão próximos, guerreando. E, nesse contexto, o Bem afirma que só ele é o Bem; todavia, no outro extremo, o Mal sustenta que ele é o único Bem. Agora, se o leitor estiver disposto a entrar nesse *fogo cruzado*, vamos em frente. Serei breve.

Ambos, cada um por sua vez, teriam existências físicas e metafísicas. Existiriam no mundo sensitivo e no universo ontológico? Admitamos que sim! Enquanto existências físicas, estariam materializadas nas ações ou omissões dos homens, isto é: no trabalho e suas inumeráveis formas de lucros. Todavia, na forma de existências metafísicas, têm suas raízes na Filosofia, mais precisamente na dimensão do pensamento do homem.

Destarte, um guerreia com espadas, fuzis, bombas e tantas outras formas monstruosas de agressões que em todos os tempos foram empregadas, inclusive nos tempos ditos modernos; o outro se vale da doutrinação ideológica.

Por sua vez, quanto à existência ontológica, tanto o Bem quanto o Mal existem na mente do homem pensante e se manifestam por meio da exposição de suas ideias. Cabe, essencialmente ao Filósofo, expô-las.

Platão (428-347 a.C.), discípulo de Sócrates, registrava que todas as ideias sempre preexistiram, no *Mundo das Ideias*. Nós apenas as relembramos e as reproduzimos. Ainda, Platão ensinava

que a finalidade da Filosofia é resolver o problema da vida. Também, segundo ele, haveria duas formas de conhecimento: o *sensível*, que seria o resultado da opinião; e o *intelectual*, que geraria a ciência. Assim, para Platão, os conceitos seriam inatos, pois o conhecimento seria somente uma reminiscência. Admite a existência da alma, que é eterna, espiritual e inteligível, sujeita à transmigração. A realidade suprema é a ideia do Bem, simbolizado pela Divindade.

Do ponto de vista individualizado, tanto o Bem quanto o Mal (cada um monossilábico) teriam a mesma finalidade (teleológica)? Certamente, cada um por sua vez tem formas e meios para conseguir sua finalidade: pelas ideias ou pelos canhões. Tudo é questão de tempo e oportunidade. A história se repete, diferentemente, em cada momento cultural, científico e artístico. Tanto o Bem quanto o Mal, vistos dentro de situações puramente ideológicas, propagam a supremacia de suas doutrinas, como reservatórios democráticos. Dessa maneira de enquadrar os conceitos, infere-se que ambos buscam se apropriar do poder, valendo-se dos meios disponíveis, raramente éticos.

Enveredando-se por um dos caminhos, pode surgir a posição de Direita e a posição de Esquerda, como resultado de conceituações ideológicas. Na abrangência axiológica dessa contextualização, seria virtual a existência de uma terceira mão: a de Centro? Como seria composta e qual sua finalidade e propósitos?

A presença de uma terceira via, nem de esquerda, nem de direita, teria força para equilibrar os pratos da balança? Poderíamos dizer que: nem tanto ao Mar, nem tanto à Terra! Mas veja-se: é nesse ponto (local) onde as águas marítimas (às vezes com estrondosa força e violência) se chocam com rochedos... Se essa figura representar a posição de Centro, estará no meio do turbilhão, recebendo empurrões de todos os lados. Possivelmente seria a posição mais combatida.



Seria a frase latina *In medio est virtus* o paradigma dessa tese? Mas não será um mero fenômeno físico, em que ambos seriam colocados num liquidificador, surgindo o ponto de equilíbrio? Impossível. Esses extremos são pilares desde Adão e Eva; e desde Caim e Abel...

Agora, fazendo uma divagação, imaginemos que o diálogo entre o Pequeno Príncipe e a Raposa (*Pequeno Príncipe de Antoine*, de Sent Exopery), em outra versão livre, fosse assim: A Raposa diria: “Sou feia; estou triste. Os caçadores me atijam os cães. Me escondo em tocas. Está difícil de pegar galinhas. Quero ir embora. Me leva para o teu reino?”. O Pequeno Príncipe diria: “Te levo”. A Raposa saltaria de alegria, mas faria a segunda pergunta: “No teu reino tem galinhas?”. O Pequeno Príncipe diria: “Lá tem galinhas”. A Raposa, reticente, faria a terceira pergunta: “Lá também tem caçadores, cachorros e tocas?”. O Pequeno Príncipe confirmaria: “Lá também tem caçadores, cachorros e tocas”. A Raposa, desiludida e desapontada, concluiria: “Vou continuar por aqui, pois nada é perfeito”.

Diante de situações conflitantes é aconselhável consultar o coração; talvez, bem lá no fundo, existam algumas respostas pertinentes às nossas angústias e inseguranças. Também o homem, diante de situações ou fatos inexplicáveis, cria crenças e erige templos a deuses. De repente o Sol é venerado como um deus; a Lua como uma deusa; o rio fica sagrado, e por aí afora... O medo do desconhecido enreda o homem, e ele imagina soluções, no abrigo da zona de segurança.





Capítulo VIII
Comentários referentes
à tolerância



Como definição ampla, pode-se dizer que Tolerância é uma:

Atitude ou processo-situação de natureza social em que se reconhece aos demais o direito de manifestar diferenças de conduta e de opinião, sem que isso implique, de nenhum modo, aprovação. Encontra-se unida aos sistemas de liberdade nas formas de dominação; distingue-se de todo o estímulo direto à variação e à mudança. (T.D.E.)

A tolerância (Lat. *Tolere*), no contexto exegético, tanto teleológico quanto axiológico, deve ter objetividade pedagógica; sem, contudo, esgueirar-se em evasivas tautológicas ou tergiversantes. A boa maiêutica Socrática parteja nessa circunscrição.

Os propósitos têm sentido ético se exercitados no âmbito restrito, dentro do alcance em que foram pactuados, afastadas questiúnculas retorsivas.

Tolerar – pelo simples tolerar – é render-se, concordando ou calando-se, diante da impertinência do tolerado; pois, respeitadas as regras da disciplina didática, o impertinente deve ser motivado a ponderar seus pontos de vista, equilibrando os pratos da balança.

Todavia, o importante é estarmos atentos para não confundirmos tolerância com *atitude omissiva*, ou com a *inútil complacência*. Busca-se a coerência, tendo como suporte a verdade, nada mais que a verdade. Aqui, verdadeiro é quando nossa manifestação exotérica coincide com o nosso pensamento, sem qualquer reserva mental (*Oculto mentatio*), isto é, externamos o que pensamos. Assim, quando externamos diferentemente do que pensamos, estaremos falseando a verdade; isso significa mentir!





É possível que alguém não goste de ouvir a verdade. Daí pode resultar, no caso, duas situações: uma, o tolerado não gosta; outra, o tolerado entende e aceita.

Pode ocorrer uma situação desconfortável; tranquilidade, pois a verdade e o bom senso devem prevalecer.

O ato de tolerar implica o ato de compreender a situação do tolerado.

Nesse sentido, procurei algumas frases que guardassem conexão com a premissa maior, como seguem:

A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira. (Pv, 15, 1).

A língua dos sábios adorna a sabedoria, mas a boca dos tolos derrama a estultícia. (Pv, 15, 2).

E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor! E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais. (Jo, 08, 10-11).

Às vezes, é melhor ficar calado e deixar que as pessoas pensem que você é um imbecil, do que falar e acabar de vez com a dúvida. (Abraham Lincoln).

Pai, perdoai-lhes: porque não sabem o que fazem. (Luc, 23, 34).

Acredito que o exercício da tolerância nos conduz ao primeiro degrau para se chegar ao perdão.

Há poucos dias li o livro *Origem*, de Dan Brown (p. 243-245), no qual ele, referindo-se ao Papa da Igreja Palmariana – nada a ver com o Papa Romano –, diz que o perdão, em alguns casos, pode ser



perigoso, especialmente quando perdoamos o mal no mundo, pois o estaremos estimulando a prosseguir, na certeza de que, em outras situações, o perdão virá novamente. Também, continua ele, quando agimos com misericórdia, estaremos encorajando o inimigo. Por fim – no contexto do livro –, citou três versículos bíblicos: *Senhor, Deus justiceiro, Deus das vinganças, apareci em vosso esplendor.* (Salmo 94:1). *Suporte comigo os sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus.* (2 Timóteo 2:3). *É ministro de Deus, para fazer justiça e para exercer a ira contra aquele que pratica o mal.* (Romanos 13:4). Se consultarmos os Textos Sagrados, especialmente os do AT, nos depararemos entre dois extremos: o Bem e o Mal. São dois ingredientes que não se misturam, a exemplo da água e do azeite. Essas figuras, com ideologias próprias, foram materializadas como Direita e Esquerda, embora isso não possa ser aceito ao pé da letra.

É bom que vivamos em paz e união (João 14:27 – 16:33); todavia, nem sempre isso é possível, ou por nossa culpa ou pela de outrem. Lembrando o Filósofo Nicolau Maquiavel (03.05.1469 – 21.06.1527), colho a seguinte frase: “Quando a razão não se sobrepõe à ignorância, faça-se como os burros, dê-se as patas.”

Os nossos desafetos, até certo ponto, são importantes, pois nos obrigam a estar alertas e prevenidos.

Cada Profeta, no seu tempo e circunstâncias, tinha sua maneira de interpretar a tolerância, mas todos tinham uma conceituação uníssona que se concentrava no Princípio do Amor, por exemplo:

- Jesus Cristo (Judeu) valorizou o tema levando-o ao seu limite: a *misericórdia*;
- Buda (Sindarta Indiano) a escalonou como: *compaixão e perdão*;



Antônio Osvaldo Conci



- Maomé (Muçulmano) a enquadrava nos conceitos de: *justiça, cordialidade, generosidade e caridade;*
- Moisés (Israelita) conciliava: *ama a Deus sobre todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo,* tudo de acordo com os Dez Mandamentos;
- Hermes Trismegisto (Egípcio) apela por um *justo julgamento* como recompensa da prática de boas ações e bom comportamento;
- Platão (Grego), como discípulo de Sócrates, repetia que o *Homem deve conhecer-se a si próprio,* enfatizando o *Verdadeiro,* o *Belo* e o *Bem* – *Nosce te ipso;*
- Aristóteles (Grego) ensinava que a *amizade é superior ao amor;*
- Zaratustra (Indiano) ensina que: *bons pensamentos levam para boas palavras e estas para as boas obras;*
- Confúcio (Chinês) pregava a lei da *reciprocidade: Não faças a outrem o que não queres que te façam.*

Concluindo, o ato de tolerar deve ter consequências pedagógicas, para possibilitar ao tolerado as condições de se ajustar à realidade.





Capítulo IX
Lados

Recomenda-se, por ditado popular, que ao começar uma caminhada o primeiro passo seja dado com o pé direito. É empirismo social que só em devaneio pode ser considerado. É uma expressão de efeito positivo, singular.

A raça humana, na sua grande maioria, em decorrência de arranjos e estruturas biológicas dos neurônios (RNA e DNA), nasce destra (direita), e uma pequena parte nasce sinistra (esquerda). Destarte, os destros privilegiam seus movimentos pelos membros do lado direito, e os sinistros, pelo lado esquerdo. Então, respeitando as regras da Natureza, os sinistros deveriam, obviamente, iniciar a caminhada com o pé esquerdo. Simples demais, simplório. As duas palavras são de raiz latina: destro, direito; sinistro, esquerdo.

Mas o que me causa espécie não é tanto o fenômeno, mas a esporadicidade do evento, quando emprego a palavra sinistro, que, em outras acepções, pode significar algo inusitado, como incêndio, extremamente danoso, azarento, funesto, maldoso, maléfico, fantasmagórico...

A inferência desses possíveis sinônimos, do ponto de vista ético, parece conter aspectos subjetivos, singulares. Levando, hipoteticamente, esses termos para outros campos da sociologia humana, fatalmente vamos esbarrar em extremos: Direita ou Esquerda. Aí a conversa pode se complicar, mormente quando se tratar de ideologias políticas. E a partir dos termos Direita e Esquerda, outras ilações seriam óbvias, como o Bem e Mal.

A questão, a essas alturas, é identificar onde efetivamente o Bem e o Mal estão, respectivamente, localizados; pois, dessa premissa, ambos se posicionam como o Bem. Isso é real, quando analisado do ponto de vista ideológico de cada um desses extremos.

Seria possível, nos aspectos da axiologia teleológica, ambos os dois, e cada um por sua vez, reclamar pela propriedade do Bem?

Na prática, por exemplo, vemos que os grandes assassinos da humanidade transitavam em qualquer um desses extremos. Isso fica bem patente quando se contemplam as formas, os meios e os fins desses assassinos, especialmente nos trágicos eventos de desumanidade praticados nas duas Grandes Guerras. Será que Hitler, ou mesmo Stalin, entre outros, tinham em mente o Império do Bem nas fornalhas do Holocausto ou nos trabalhos forçados nas geleiras da Sibéria?

Às vezes, quando esses temas invadem meu *id*, repasso alguns versículos da Bíblia, naturalmente, respeitando parcimoniosamente os seus credos, entre eles: *E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.* (Gn: 01:26, 27).

Se compararmos alguns desses textos, entre suas conexões, fico perplexo, atormentado... Qual seria, então, a Perfeição Divina? Já que Deus é perfeito, possivelmente, as intenções dos homens podem ser perfeitas. Como conciliar tais dicotomias? A resposta é uma só: Deus deu ao homem a liberdade de decidir – *te vire*, você é dotado de Livre Arbítrio. A escolha é inteiramente sua.

Todavia, a pergunta é recorrente: será mesmo que estamos no comando?

Mas aí vem um conselho do Profeta Jesus Cristo, Deus, quando ensinou a Oração Universal *Pai Nosso*, na qual reconhece a existência do Mal: *mas livrai-nos do mal!*

A raiz do Mal – já que ele existe – está alicerçada na desobediência e no orgulho do Anjo Portador de Luz: Lúcifer – combinação de duas palavras latinas: *Lux* – luz (substantivo) e *fero, tuli, latum fere* – carregar, levar, ter consigo (verbo irregular).



No dito Livro da Lei, são muitas as passagens que descrevem os embates entre o Bem e o Mal. O exemplo que desponta é quando Lucas descreve *A Tentação de Jesus* (Luc: 04: 2, 13 e 12: 4, 12).

Outro episódio, referido por Mateus, é *O Princípio das Dores* (Mat: 24: 2, 28).

Se lermos os Salmos 23 e 59, restam bem evidentes os desencontros entre o Bem e o Mal; entre o Amigo e o Inimigo.

Qual é a motivação, conseqüentemente, do nosso querer, do nosso agir, das nossas decisões, das nossas opções? As respostas me soam diretas, agimos por dois motivos: porque gostamos ou porque não gostamos; ou, melhor ainda: porque amamos ou porque odiamos. Os exemplos das Sagradas Escrituras, mais uma vez, socorrem-me, quando Salomão julga a causa de duas mulheres (I Reis 03: 16, 28). No caso, a *mãe falsa preferia ver o filho da mãe verdadeira partido* ao meio (decidiu motivada pelo ódio); ao passo que a *mãe verdadeira preferiu ver seu filho vivo, mesmo que no colo da mãe falsa* – sua decisão foi tomada em favor do seu filho (decidiu por amor).

Mais um questionamento: quem está certo? O Amigo ou o Inimigo? A Direita ou a Esquerda? O Bem ou o Mal? As possíveis respostas serão óbvias, dependendo em que posição você se enquadra, pois você está diante do seu Livre Arbítrio, condicionado à consciência dos seus atributos valorativos de caráter e de personalidade.

Aqui surgem as implicações que atingem o Princípio da Verdade: verdade ou inverdade! A verdade se manifesta corretamente quando você expressa exatamente o que você guarda na mente, sem qualquer reserva; a inverdade, ou melhor dizendo, a mentira, escamoteia o que você efetivamente esconde na mente. A verdade é falseada, valendo-se de subterfúgios ou da *oculto mentatio* (Lat.): reserva mental.



Será que a mente do Bem tem certeza de ser a verdadeira? A mesma pergunta pode ser dirigida à mente do Mal! As respostas podem estar escondidas atrás de cortinas ideológicas, tergiversantes.

Para me encaminhar à conclusão desses devaneios dispersos, teria mais uma pergunta, intrigante: seria possível a coexistência de um ponto de equilíbrio entre esses extremos? Do tipo: nem tanto ao mar, nem tanto à terra?

Certa feita, numa palestra dentro da Ordem, proferida por Dom Dadeus Grins (Arcebispo Emérito de Porto Alegre), este citou um exemplo que posso aproveitar agora. Dizia ele: “Se você pedir para um Gremista qual é o melhor time, ele vai responder que é o Grêmio, com orgulho; porém, se a mesma pergunta for feita a um Colorado, a resposta será o Internacional, obviamente.” Assim, então, teremos as posições dos extremos. Diante disso, vamos mudar a pergunta: o que os Gremistas e os Colorados, em comum, podem fazer para evitar a violência nos gramados? Possivelmente ambos teriam boas sugestões.

A posição de Centro – isonômica – é a mais difícil de sustentar; porquanto, os papéis se invertem. Seria, possivelmente, a teoria da tese, da antítese e da síntese, lembrando Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo do Idealismo.

Talvez, numa nova passagem ou ressurreição, vislumbre-se a existência de um só pastor e um só rebanho!

Os sonhos podem se tornar realidades, talvez um dia: possivelmente quando o homem procurar Deus dentro do coração, e não dentro do átomo.



Capitula X
Fundeste



Seção I *Dados gerais*

O Governador Celso Ramos tinha uma visão sociocultural e econômica da geografia catarinense. Ao iniciar sua administração governamental (de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966), estruturou seu desenvolvimento instituindo o PLAMEG, com a preocupação de atender igualmente todas as regiões do Estado.

Entre as ações contempladas no Plano estava a criação da Secretaria dos Negócios do Oeste, delegada ao Filósofo e Professor Alcides Abreu. Tudo aconteceu como planejado, resumindo.

Assim, o Governo Estadual atravessava a Ponte Hercílio Luz, com o objetivo de encurtar distâncias.

Entre seus secretários destaco o Engenheiro Serafim Enos Bertaso e o Empresário Plínio Arlindo de Nez.

Plínio era dotado de excelente visão administrativa, além de sua personalidade afável e sua presença simples, mas altruísta e prazerosa, entremeando suas falas com objetividade, às vezes com chistes espertos e reticentes...

Abrindo um parêntesis: certa feita – bem mais tarde –, numa visita à Cidade de Maravilha, em comitiva com o Governador Colombo





Machado Sales, o Prefeito Nidolfo Carlos Mattje reclamava por ajudas ao seu Município, pois sem elas estava difícil fazer a boa política. O Dr. Ivo Roman, empresário local, disse: “Política é a arte de engolir sapos”, ao que o Seu Plínio emendou: “Mas, pelo menos, me deixem arrotar...”

Todavia, o principal objetivo deste relato, sem exageros românticos, é o tema que envolve a política educacional superior no Oeste. Nessa direção, os esforços comuns se voltaram para a busca de formas para realizar tal intento. A primeira saída adotada seria a criação de fundações educacionais (Assembleia Geral de Prefeitos em 4 de julho de 1970) pelos municípios de sedes regionais que consignassem nos seus orçamentos recursos para fazer face a despesas decorrentes do funcionamento de cursos superiores. Na teoria isso teria dado certo; porém, nem sempre houve a possibilidade da cobertura financeira pelos municípios. A solução, desde o início, foi a cobrança de mensalidades dos acadêmicos. Essa prática encontraria obstáculos jurídicos: como as fundações foram criadas pelos municípios, seriam, também, de direito público; por conseguinte, não poderiam onerar os alunos. Esse assunto envolveu outros itens, como a Filantropia e o Imposto de Renda, com algumas pendências sem solução até hoje.

A Fundeste foi instituída em 6 de dezembro de 1971 pela Lei Municipal n. 141, assinada pelo então Prefeito João Destri, com efeitos retroativos a julho de 1970. Sua instalação solene ocorreu em 21 de fevereiro de 1972, abrindo portas para o funcionamento de cursos superiores, a serem autorizados pelo Conselho Estadual de Educação (CEE).

De imediato – não vou descrever detalhes – foi autorizado o funcionamento do Curso de Pedagogia para a Fundeste.



As atividades acadêmicas iniciaram a contar de 1972, nos espaços físicos cedidos pelo Seminário Diocesano; mais tarde foram deslocadas, definitivamente, para o endereço atual. Registre-se que a ocasião da instalação do Curso de Pedagogia contou com a presença do Professor Carlos Augusto Caminha, então Secretário de Estado da Pasta da Educação, do Professor João Aderson Flores, entre outros, e no retorno à Capital, houve o conhecido acidente, enquanto o avião decolava na antiga pista, deixando o Professor Caminha paraplégico. Tive a oportunidade de visitar o Professor Caminha na sua residência, acompanhado pelo Professor Ricardo José Araujo de Oliveira, e o encontramos bem de saúde e ânimo.

Comecei a lecionar na Fundeste na gestão do Poeta e Professor Oracílio Costella. Nesse período, entre dificuldades, especialmente financeiras, o Curso de Pedagogia foi concluído, abrindo condições para a vinda de novas possibilidades.

Para fins de memória, registro os dirigentes de ensino superior da Fundeste nos anos de 1972 a 1990, os seguintes Professores: Oracílio Costella, Antônio Osvaldo Conci, Antônio Carlos Bottan, Santo Rossetto e Plínio Seidler.

Confrontos

Nesses registros, nem sempre o clima reinante era pacífico e cordial. Nos procedimentos para a escolha dos dirigentes da Fundeste, era comum o confronto, geralmente com coloração ideológica, em busca do Poder. Os meios empregados para tanto, às vezes, fugiam das regras da boa convivência. Alguns confrontos, nesse sentido, até certo ponto, poderiam ser enquadrados como cômicos e folclóricos. Lembrome de dois, inusitados...



Antônio Osvaldo Conci



Como mencionei, o Professor Plínio Seidel foi eleito Diretor do Centro de Ensino Superior (Reitor), dentro das regras estabelecidas, obviamente. Porém, o pessoal que lhe faria oposição não gostou do resultado e, sob o comando do Professor Santo Rossetto, gerou algumas escaramuças. Para esse grupo ocorreu a ideia de fazer protestos, e o número escolhido para o “teatro” foi a encenação simbólica do sepultamento do Professor Plínio Seidel que, então, havia sido eleito Reitor. A encenação foi montada com todos os detalhes: caixão, passeata, sepultamento e as ditas falas dos opositores.

Mas como tudo tem começo, meio e fim, o Professor Santo Rossetto, desta vez, foi eleito o novo Reitor. Chegara a hora da justa desforra...Tudo foi reproduzido a exemplo do ocorrido com o Professor Plínio. Dessa vez, com o sepultamento simbólico do Professor Rossetto.

A bem da verdade, cada competidor, na sua trincheira, fazia o que podia para conquistar o Poder.





Seção II

Da escolha do Reitor

Chegara a data da escolha do novo Dirigente de Ensino da Fundeste. A fórmula regimental adotada era pela apresentação de lista tríplice. Os nomes selecionados foram dos Professores: Santo Rossetto, Reni Cecilia Iop e Plínio Seidel. O Presidente da Fundeste, Plínio Arlindo de Nez, a quem cabia a nomeação, houve, por bem, nomear a Professora Reni Cecília Iopp.

O Professor Santo Rossetto, como fora preterido, não se conformou com a escolha do Presidente pela Professora Reni, criando um clima de descontentamento e de oposição, fazendo com que, já no terceiro dia da nomeação, a Professora renunciasse, vencida. Para melhor entendimento, registra-se que o Professor Santo Rossetto era Ex-padre Saletino, com formação Teológica no Colégio Pio Brasileiro, em Roma. Sua esposa, de igual forma, era ex-freira. Tudo em ordem. Tive oportunidade, mais tarde, de viajar semanalmente com o Professor Santo, participar de bons diálogos e fluir de sua erudita cultura clássica. O ilustre casal me fazia lembrar, em bom sentido, o Filósofo grego Sócrates e sua esposa Xantipa. Ele, então descontraído, arrematava: sou mais *roxo* do que *rossetto*.





Antônio Osvaldo Conci



Deixando de lado essas informações, passemos a comentar sobre a escolha da segunda lista tríplice. Outra vez o Dr. Milton Sander me chamou e de pronto foi ponderando que, diante dos fatos ocorridos na Fundeste, eu deveria colocar meu nome, no caso, para compor referida lista. Conhecendo o clima, tentei esquivar-me; todavia, concordei, não me restava outra alternativa. Ao final, a segunda lista tríplice ficou assim formada: Antônio Osvaldo Conci, Francisco Gialdi e Santo Rossetto.

O ato de nomeação firmado pelo Presidente da Fundeste, o Empresário Plínio Arlindo de Nez, contemplou o nome do Professor Conci. O tempo fechou e, entre trovões e raios, veio a tempestade... O Professor Santo, novamente inconformado, por ter sido mais uma vez preterido, passou ao confronto, mesmo que aparentemente velado.

Passei a receber telefonemas com ameaças e cartas anônimas ultrajantes e com termos desrespeitosos. De forma alguma poderia acusar alguém, pois eram peças anônimas. Não consta no meu dicionário a palavra renunciar. Vou resistir. Assumi. Dei continuidade às atividades regulares dentro das minhas atribuições (sem levar em conta o gato preto enforcado na porta de entrada da minha residência).



Seção III

Do episódio no hospital de Coronel Freitas

As perseguições veladas continuaram, cada vez mais agressivas. Já estava me sentindo mal, pagando um preço que não devia. Indisposto, consultei meu médico, o Dr. Iunis Mussi, que me recomendou internamento imediato, pois estaria entrando em crise nervosa, sugerindo que o fizesse no hospital em Coronel Freitas, onde ele atendia regularmente e poderia me acompanhar. Lá fiquei internado por 15 dias. Mas aqui é que ocorre o mais inusitado. Após os 10 primeiros dias já estava me sentindo mais seguro e pronto para o retorno. De repente, a porta do meu quarto foi aberta, sem batida. O Dr. Iunis entrou, assustado e ofegante. “Venha comigo para outro quarto.” Perguntei: “O que houve?” Não me respondeu... Me puxou pelo braço, arrastando-me pelo corredor do hospital, e me acomodou em outro quarto. “Fique aqui. Chaveie a porta e só abra se eu te chamar, entendido?” *É claro que eu não havia entendido.* Passada uma hora, o médico retornou. Bateu na porta. “Pode abrir. Sou eu, Iunis.” Destravei a porta e a abri. Ele entrou. Sentou-se na cadeira à minha frente. Respirou fundo... “Há pouco, andando pelo corredor, de quarto em quarto, para as visitas, cruzei com uma freira que me pareceu não ser uma das que trabalham aqui. Me adiantei e quis saber quem era. A reconheci. Não era funcionária do Hospital. Horrorizado, pressionei-a

indagando o que estava fazendo aqui, de hábito religioso. Serrou os lábios: ‘não é da tua conta...’ Quis evadir-se. Segurei-a pelo braço e tirei-lhe da mão um pequeno volume, redondo. Despencou pelo corredor e sumiu. O invólucro era uma seringa, contendo possível veneno...” Pergunto-me: quem era a freira? E para quem se destinava? Mais uma vez, não respondeu...

Após 15 dias de internamento tive alta, me cuidando. Não ocorreram mais perseguições, nem telefonemas, nem cartas anônimas, nem gato preto enforcado na garagem...

Embora tenha insistido junto ao Dr. Iunis, ele não me revelou quem era a dita religiosa que, portando a seringa com a cicuta, queria visitar o quarto onde eu me encontrava internado.

Hoje, até fico mais tranquilo por não ter ficado sabendo a identidade da dita potencial assassina. Qualquer imaginação não passaria de mera suposição.



Seção IV

Do Movimento pelo Ensino Público e Gratuito

Outro evento que merece registro foi o Movimento pelo Ensino Público e Gratuito, intentado no final de 1979. Talvez os mais antigos dessa época se lembrem que o General João Batista Figueiredo, Presidente do Brasil, visitou Florianópolis e se dirigiu, com acompanhantes, a um Café Tradicional, na Avenida Felipe Schmidt. Lá apareceram uns jovens, entre eles um que respondia pelo nome de Adolfo Dias.

O inusitado foi que, a despeito da autoridade do Presidente, esse moço conseguiu chegar perto e tentar estapeá-lo. O fato teve ampla divulgação, mas ficou por isso...

Os acadêmicos da Fundeste foram informados ou, melhor dizendo, ouviram pela Rádio Chapecó a notícia de uma assembleia dos estudantes. O Presidente do DCE, à época dos fatos, se bem me lembro, era o acadêmico Hugo Paulo Gandolfi de Oliveira, que também era assessor de imprensa do Empresário Plínio Arlindo de Nez no antigo SAIC.



Na sala de aula onde estudava o Presidente do DCE – era o horário da Professora Terezinha Giordani – comentava-se a notícia do Movimento Estudantil, que logo reuniria os estudantes no pátio para ouvir as falas.

O acadêmico Cláudio Rotava, em bom tempo, ponderava da falta de comunicação prévia sobre os objetivos do referido Movimento.

A Professora Terezinha, prudente e com o intuito de bem orientar, auxiliou os alunos na escrita de um texto de interesse comum dos acadêmicos, cujo teor foi lido no local da reunião.

Mas agora entra o referido estudante que, em Florianópolis, tentara bater no Presidente Figueiredo – a convite de quem ele estava ali? Seu pronunciamento, como de estilo, incentivou os estudantes a se organizarem em busca dos seus direitos e pela causa do ensino público e gratuito.

No entanto, diante da inusitada presença, o acadêmico Rotava dirigiu-se à minha sala expondo-me os detalhes do que estava acontecendo e me convidou a participar do evento. Como Reitor, ponderei-lhe que os alunos tinham o direito de se reunir, ordeiramente. Mas, diante da insistência, acompanhei o estudante Cláudio. Os alunos abriram espaço para que nos aproximássemos. Houve um momento de silêncio... e foi anunciada a minha presença. Deram-me a palavra, reticentes...

Disse: “Saúdo a todos e agradeço o convite do acadêmico Cláudio Rotava. Não me causam espécies as reivindicações em busca de melhorias gerais para a nossa Fundeste que tragam bons resultados tanto para o corpo discente quanto para seus bons professores; lembro-lhes, contudo, que a Fundeste tem cunho comunitário e que se mantém às mínguas com as mensalidades e poucos auxílios do Município. Todavia, já é mais que tempo da UFSC e da UDESC



atravessarem a Ponte Hercílio Luz e virem para esta parte do Estado, na área do Ensino Superior.”

Depois disso, em ordem, os alunos retornaram às salas, dando continuidade às aulas.

No dia seguinte fui chamado a comparecer no gabinete do Presidente da Fundeste. Na sala estavam, então, o Senhor Plínio e o Professor Humberto Detoni, Diretor Administrativo da Fundeste, o qual, certamente, relatara os fatos ao Presidente. Pelos semblantes e olhares me senti desconfortável, encurralado...

A cobrança foi no sentido de que eu não deveria ter ido à reunião, pois não sabia o que efetivamente estava por trás das pretensões, visto que o mentor do dito Movimento era o Rodolfo Dias, aquele que tentara estapear o Presidente Figueiredo. “Certamente aqui veio a convite de alguém, pois duvido ter sido por conta própria... Ademais, a Fundeste é particular!!!” Tentei argumentar no sentido de que minhas intenções foram as melhores para o momento. Não adiantou. A “mijada” foi longa...





Seção V

Do processo de desligamento

Agora, por ser matéria pertinente, trago à baila outro evento envolvendo acadêmicos e dirigentes da Instituição, que passo a relatar resumidamente.

A origem substantiva desses fatos nasceu em consequência de discussões relativamente ao estabelecimento dos valores das mensalidades escolares.

Primeiramente é preciso dizer que o acadêmico Nilton Martins de Quadros ocupou a Presidência da Entidade nos anos de 1993/1994, e Paulinho da Silva foi Presidente na gestão 1994/1995. Lembro que estive presente na solenidade de formatura do acadêmico Paulinho da Silva, oportunidade em que o cumprimentei. Ainda destaco aqui que Paulinho da Silva, já titulado como advogado, ingressou nas atividades políticas no Município de Chapecó, tendo sido eleito vereador por três legislaturas (2001 a 2008 e 2013 a 2016).

Ao Diretório Central dos Estudantes da Unoesc campus de Chapecó, entidade estudantil, conforme competência estatutária e legal, cabia intermediar o processo de negociação das mensalidades acadêmicas. Para tanto, estabeleciam-se diversos mecanismos de diálogo entre os estudantes, com reunião dos líderes de sala de aula



e, posteriormente, com análise e deliberação pela Assembleia Geral de Estudantes.

O DCE, em 5 de abril de 1995, realizou Assembleia Geral no horário de intervalo das aulas da noite na Universidade. Na oportunidade, o Presidente do DCE convocou os líderes de sala de aula para que fizessem informes do que haviam decidido aos demais acadêmicos. Um desses líderes, Nilton Martins de Quadros, acadêmico de Direito, relatou um episódio ocorrido em sala de aula, quando o Professor Agadir Lovatel não respeitou o intervalo de aula, alegando que a Universidade estava uma baderna e queria ver quem mandava mais na Instituição, se o DCE ou ele próprio. Ainda, teria dito o Professor que não daria mais aulas na Instituição, ao tempo que não autorizou a saída dos estudantes para a Assembleia Geral. O acadêmico Nilton Martins de Quadros fez o informe e concluiu: “Ele que peça as contas então, pare de ameaçar. Nós arrumamos um professor bem melhor que ele.”

Por sua vez, os dirigentes da Fundeste encerraram o processo de negociação, definindo os valores das mensalidades, bem como encaminhando um processo ao Ministério da Fazenda solicitando sua homologação.

Nesta altura dos fatos, a Unoesc deliberou que tomaria medidas judiciais e administrativas quanto às supostas agressões e desacatos, especialmente do Nilton Martins de Quadros.

A Direção da Universidade, pela Portaria n. 55, datada de 6 de abril de 1995, instaurou processo administrativo para apuração dos fatos. Segundo a Instituição, os dirigentes estudantis incitavam os demais acadêmicos à revolta e ao desrespeito ao corpo docente, sendo que o processo administrativo buscava apurar possíveis atos de difamação, agressão e calúnia desencadeados contra direção,

professores e funcionários, o que feria a dignidade dos profissionais e da própria Instituição.

A Comissão marcou audiência dos acadêmicos envolvidos para 27 de abril de 1995, quando então compareceram os acadêmicos Nilton Martins de Quadros e Marilei Martins de Quadros. O acadêmico Paulinho da Silva negou-se a prestar depoimento, pois entendia que tudo estava bem armado e o objetivo final era a expulsão, e que o processo administrativo serviria para tanto. A Comissão Processante concluiu pelas penalidades de desligamento da Unoesc, com possibilidade de transferência, aos acadêmicos Paulinho da Silva e Nilton Martins de Quadros, e de advertência à acadêmica Marilei Martins de Quadros, as quais foram comunicadas aos acadêmicos em 2 de junho de 1995 por um funcionário da Instituição conhecido como Sr. Mario. Assim, os acadêmicos estavam proibidos de continuar a estudar na Unoesc campus de Chapecó. Contudo, teriam direito a receber a documentação de transferência para outras universidades.

A Comissão concluiu que o acadêmico Nilton Martins de Quadros teria difamado e agredido a imagem de um dos professores do Curso de Direito. Já o acadêmico Paulinho foi afastado diante do fato de ter se negado a participar e prestar depoimento à Comissão Processante, deixando de contribuir com as investigações, o que, segundo a Comissão, representava total desrespeito à Instituição, ocasião em que ele presidia a Assembleia, em 5 de abril de 1995, logo, tornava-se cúmplice das agressões.

O processo administrativo foi instaurado e composto pelos Professores Lourdes Alves (Pró-reitora de Administração), Santo Rossetto (Pró-reitor de Ensino) e Lucia Frazzon (Pró-reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação), sendo que coube ao Reitor, Professor Aristides Cimadon, primeiramente determinar a abertura do processo administrativo, bem como decretar o desligamento com

transferência dos acadêmicos Paulinho da Silva e Nilton Martins de Quadros, por meio da Portaria n. 73-R/95, o que ocorreu em 2 de junho de 1995. É de se comentar que as palavras *desligamento com transferência* eram empregadas para se evitar o termo *expulsão*.

Os desligamentos tiveram repercussões abrangentes nos meios de comunicação, inclusive com manifestações na Câmara de Vereadores de Chapecó, na Assembleia Legislativa e na Câmara dos Deputados.

O acadêmico Paulinho da Silva, em 12 de junho de 1995, manteve audiência com o então Governador de Santa Catarina, o Dr. Paulo Afonso, oportunidade em que entregou um longo dossiê da situação enfrentada, ao tempo que solicitou apoio ao então Governador. Os estudantes entendiam à época que não havia clima administrativo e moral para o prosseguimento de qualquer processo internamente na Unoesc, instando ao Governador que intermediasse junto à Instituição para que houvesse uma solução amigável.

Na época, o Professor Eloy José Ranzi era Prefeito de Maravilha e estava na Capital para assinar alguns convênios de interesse do Município, ocasião em que presenciou o encontro do acadêmico com o Senhor Governador.

Os estudantes, em assembleia, decidiram por greve geral na Universidade, com adesão maciça das turmas; porém, os estudantes em fase final do curso continuavam em sala de aula, a fim de não prejudicar suas formaturas.

Os acadêmicos, em 6 de junho de 1995, ajuizaram Mandado de Segurança por seu Procurador, o Dr. Sérgio Martins de Quadros, sendo que o magistrado, Dr. Valério Braum, não concedeu liminar de reintegração.

As lideranças das turmas, às 19h do dia 7 de junho de 1995, logo após a decisão que indeferiu a reintegração, reuniram-se na sede do DCE, quando se decidiu pela realização de greve de fome. Na oportunidade, dezenas de estudantes queriam aderir à greve de fome, o que não seria interessante, eis que alguém precisava liderar o movimento. Assim, apenas os acadêmicos Paulinho da Silva e Nilton Martins de Quadros iniciaram tal greve. A conselho do próprio Reitor, o Procurador dos acadêmicos ingressou com o recurso nos termos regimentais.

O Reitor, então, recebeu o recurso com efeito suspensivo, diante do qual os acadêmicos desistiram da greve de fome.

O Conselho Universitário da Unoesc, em 28 de junho de 1995, sob a Presidência do Reitor Aristides Cimadon, reuniu-se na Cidade de Joaçaba para apreciar e deliberar sobre o recurso administrativo apresentado pelos acadêmicos. O Conselho, é bom dizer, era composto por representantes da comunidade acadêmica dos campi de Joaçaba, Chapecó, Videira, Xanxerê e São Miguel do Oeste.

Nesse cenário, um dos conselheiros, o Professor Antônio Osvaldo Conci, apresentou proposta de revogação das penalidades, condicionando que o Diretório Central dos Estudantes deveria emitir nota pública, cabendo aos estudantes fazer *mea culpa* pelo episódio, como forma de desculpas.

O Consun, diante da proposta do Professor Conci, deliberou por acatar o recurso apresentado pelos acadêmicos, dando-lhe provimento e os absolvendo das penalidades aplicadas, quando foi determinado o arquivamento do processo administrativo, de acordo com a Resolução n. 09 do Consun, de 28 de junho de 1995.

Por sua vez, os acadêmicos Nilton Martins de Quadros e Paulinho da Silva lançaram nota de retração, sendo que Nilton esclareceu que sua manifestação na Assembleia geral de 6 de abril de



Antônio Osvaldo Conci



1995, no tocante ao Professor Agadir Lovatel, não teve a intenção de ofendê-lo. Já ao acadêmico Paulinho da Silva coube reconhecer que, em respeito à Instituição, deveria ter comparecido ao depoimento na Comissão, colaborando com os esclarecimentos dos fatos; porém, a acadêmica Marilei Martins de Quadros, que recebeu a penalidade de advertência, foi isentada da penalidade.





Seção VI *Em Passo Fundo*

Aqui lembro de outro fato ocorrido na Universidade de Passo Fundo (UPF), onde eu cursava a Licenciatura de Ciências Naturais, em período de férias. Em certa manhã, um grupo de acadêmicos de outras áreas entrou em nossa sala, em plena aula, desconsiderando a Professora. Um deles se adiantou informando que estavam se apresentando como Chapa Única para o DCE dos cursos de férias. Entre as propostas de gestão estariam as lutas pelos direitos dos alunos e a gratuidade das mensalidades; e, portanto, seriam eleitos.

A nossa sala era composta por 40 estudantes. Eu me sentava no fundo da sala, como de costume, tranquilo (gostava, como ainda gosto, do texto bíblico escrito por Lucas: 14:7,14). Nada falei, pois o meu objetivo era concluir os estudos, nada mais. Uma aluna que ocupava lugar na frente levantou-se e, simplesmente, disse: “Nós vamos, também, apresentar uma outra Chapa que, pelo visto, não será a Única. Meu candidato à Presidência do DCE dos cursos de férias é aquele colega que está sentado lá no fundo da sala, de óculos escuros.” Aquele colega era eu. Criou-se um clima de desconforto. Os visitantes protestaram afirmando que seriam eleitos, pois não precisavam do nosso apoio, e deixaram a sala batendo a porta.





Antônio Osvaldo Conci



A colega – não sabia ainda seu nome – que tomara a iniciativa pediu se os demais colegas concordavam com sua ideia, no que foi aplaudida. Formou-se a outra Chapa. Mãos à obra. Mimeógrafo produzindo a Plataforma de Gestão. Resumindo, vencemos com mais de 70% dos votos. Fizemos um bom trabalho prestigiando os cursos de férias, e as mensalidades foram cobertas com bolsas à conta do MEC.





Seção VII Comentários

Mais tarde o Professor Santo Rossetto foi eleitor Reitor, dentro de um novo ordenamento denominado Unoesc, campus de Chapecó. Ele, Reitor, e eu, Presidente da Funoesc. Juntos fizemos um bom trabalho, perfeitamente sincronizados.

Sempre que encontrei uma pedra no caminho, não a desviei. Não passei por cima. Mas a afastei, para que outros pudessem passar. Amanhã sempre será um Novo Dia.

Por oportuno, o Dr. Milton Sander, Prefeito de Chapecó, mais uma vez, chamou-me para comparecer à Prefeitura. Ao adentrar o seu gabinete, ali estavam o Deputado Estadual Vinício Tortatto e o Vereador Nenê Scheffer. O Parlamentar Tortatto, ao me saudar, disse: “Temos uma notícia e missão para você, além de trazer-lhe os cumprimentos do Deputado João Valvite Paganella.” O Prefeito Sander me encarou informando que o Governador Jorge Konder Bornhausen informou ao Deputado Tortatto que abrisse uma vaga no Conselho Estadual de Educação e que pretendia contemplar o Oeste com um conselheiro nessa vaga.

Aceitei o convite. Em consequência disso, fui nomeado Membro Titular do Conselho Estadual de Educação (CEE) pelo então





Antônio Osvaldo Conci



Governador Jorge Konder Bornhausen, conforme consta no Ato n. 0515, de 27 de abril de 1981.

Como Presidente do CEE, por dois mandatos, tive a oportunidade de realizar um bom trabalho, com uma excelente equipe administrativa e técnica. Incentivamos a criação dos Conselhos Municipais de Educação, dando-lhes autonomia para a instituição dos Sistemas Municipais de Ensino. Conseguimos autorizações para que todos os municípios tivessem o Ensino Secundário de Educação Geral, autorizações para o funcionamento de universidades do Sistema Acafe e uma reestruturação formal dos procedimentos do Conselho.





Seção VIII

Da cisão

Aqui o verbo cindir tem o significado de separar e dividir; e o substantivo cisão significa divisão e dissidência.

A Fundação Educacional Unificada do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) resultou da união das fundações educacionais de: Chapecó, Joaçaba, São Miguel do Oeste, Videira e Xanxerê.

Segundo ajuste formal, a Sede Jurídica ficaria em Joaçaba e a Sede Administrativa, em Chapecó.

Dentro desse Ordenamento Jurídico e Administrativo, cada campus exercia suas competências em Ensino, Pesquisa e Extensão de acordo com suas respectivas demandas locais.

Entrementes, lideranças de Chapecó, especialmente do meio educacional, estariam propondo um processo de cisão, no sentido de que o campus de Chapecó tivesse, independentemente, sua própria universidade. Essa iniciativa tomou corpo junto à comunidade, encontrando apoio nas organizações empresariais de todas as áreas produtivas.



Naturalmente existiram opiniões favoráveis e outras desfavoráveis. Estas defendiam a importância de continuar dentro da Universidade Unificada. Enquanto aquelas argumentavam que Chapecó, como centro regional, tinha todas as condições de ter sua própria universidade.

Internamente as opiniões apontavam as vantagens da cisão. À época, o Vice-reitor do campus de Chapecó era o Professor Santo Rossetto, que defendia a permanência da Universidade Unificada. O Professor Aristides Cimadon, Reitor da Unoesc, e o Professor Antônio Osvaldo Conci, Presidente da Funoesc, considerando as razões formais e materiais da comunidade chapecoense, opinaram pela formalização da cisão.

Como medida imediata, no dia 13 de novembro de 2001, o Presidente da Funoesc assinou petição dirigida ao Conselho Estadual de Educação requerendo a transferência, nos seguintes termos e condições:

O Presidente da Fundação Educacional Unificada do Oeste de Santa Catarina – Fundação UNOESC, mantenedora da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, abaixo-assinado, comparece perante Vossa Excelência para, em conformidade com a Resolução nº 04/Assembleia Geral/2001 de 30 de outubro de 2001, Resolução nº 07/Conselho Curador/2001 de 19 de outubro de 2001, Resolução nº 97/CONSUN/2001 de 18 de outubro de 2001, e termo nº 01, todos documentos anexos, requer a esse Egrégio Conselho Estadual de Educação a transferência para a Fundação Universitária de Desenvolvimento do Oeste – FUNDESTE, obedecida a legislação pertinente, dos cursos com suas respectivas vagas ministradas pela Universidade do oeste de Santa Catarina, no Campus de Chapecó e suas Extensões, sem prejuízo dos mesmos cursos oferecidos e vagas nos demais Campi, conforme relação abaixo discriminada [...] Requer, outrossim, que este




Causos & Versos



pedido integre no processo de criação da nova Universidade em Chapecó, já protocolado nesse Conselho, bem como solicita orientação da responsabilidade da Unoesc sobre esses cursos e vagas, diplomas e demais documentos, enquanto não houver a decisão definitiva da transferência pleiteada ou da autorização e/ou credenciamento do ente acadêmico pretendido pela FUNDESTE.

Observe-se que os dados constantes nessa petição conferem com as pactuações consignadas no Contrato de Cessão de Direitos Reais de Uso firmado entre a Fundeste e a Unoesc, em 23 de agosto de 1995, no que couberem.





Capítulo XI
No Conselho
Estadual de
Educação



Seção I Dados gerais

O Conselho Estadual de Educação (CEE) foi instituído no Governo do Doutor Celso Ramos (de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966), pela Lei n. 2.975, de 19 de dezembro de 1961, e foi instalado em 28 de maio de 1962. O CEE é um Órgão Colegiado do Sistema Meio, com competência consultiva e deliberativa em matéria educacional no território catarinense, em todos os níveis e modalidades de ensino, tanto da Rede Pública quanto da Particular. Tem autonomia administrativa e deliberativa, na forma e nas condições do seu Regimento Interno (RI) (Resolução n. 075, de 22 de novembro de 2005 – atual).

Permaneci no CEE (que realizava sessões na segunda terça-feira de cada mês, ordinária e extraordinariamente sempre que convocadas) por dois mandatos e um terço. O mandato era de seis anos, com alterações bienais de um terço, no sentido de respeitar o princípio da continuidade isonômica. Como já mencionei quando me referi ao tema Fundeste, o principal incentivador da minha ida ao CEE foi o Doutor Milton Sander, então Prefeito de Chapecó.

Para ser nomeado Conselheiro, de acordo com a Lei, o candidato deveria distinguir-se como Educador de Notório Saber. Lá estando, ao



lado desses educadores, no decorrer dos mandatos, tive oportunidade de ocupar todos os cargos diretivos, inclusive nas comissões. Produzi centenas de pareceres para as respectivas autorizações para o funcionamento de cursos, respostas de consultas, entre outros.

Na gestão do Prefeito Luiz Basso, de São Miguel do Oeste, o CEE autorizou o deslocamento de 40 vagas do Curso de Administração, cedidas pela Fundeste para a Fundação Educacional dessa Cidade. Tive a grata incumbência de cancelar o Parecer que foi entregue numa concorrida reunião em SMO. O Ensino Superior chegara ao Extremo-Oeste, com seu primeiro curso. O mesmo procedimento ocorreu em Xanxerê, mas com 40 vagas para o Curso Superior de Ciências Contábeis.

Atuei como Relator do item Administração de Recursos Humanos, conforme consta no respectivo Parecer, para a criação da Unidavi, em Rio do Sul.

Outro registro que considero importante foi quando fui convocado para Relatar o Processo n. PCEE 746/975, referente à criação do Curso de Medicina na Univali de Itajaí. Até então, no Estado de Santa Catarina existiam somente dois Cursos de Medicina: um na UFSC (Florianópolis) e outro na FURB (Blumenau). Conseqüentemente, a Univali seria contemplada com o terceiro Curso de Medicina. Na época, o Magnífico Reitor da Univali era o Doutor Edson Vilella. Marcamos um encontro para discutirmos aspectos gerais da pretensão, especialmente a questão da competência. A reunião ocorreu no Hotel Bertaso, em Chapecó, pois ainda aqui eu residia. O Reitor Vilella se fizera acompanhar pela Professora Rosalir Demboski de Sauza, Conselheira convidada. Nos reunimos durante toda a tarde. Tínhamos em mãos todas as informações e os papéis que me dariam suporte formal e material para que eu produzisse o Parecer.



Jantamos no restaurante do Hotel, saboreando um *Côngrio-Rosa a La Nelle Miniere*, com uma boa taça de vinho. Na manhã seguinte o táxi aéreo decolou. Sobrevoou a Cidade, retornando a Itajaí, levando as ilustres visitas para suas casas.

Apresentei o relatório na Comissão de Ensino Superior. Redigi o Parecer, destacando os aspectos históricos e analíticos do pedido. Sem dúvida, mais que nunca, era urgente a criação do terceiro Curso de Medicina no Estado Barriga-Verde.

Os documentos que integram o processo asseguram que os Órgãos Colegiados Internos da Univali, na forma e condições dos respectivos ordenamentos normativos da Instituição, apreciaram e aprovaram a implantação do Curso de Medicina com apenas 30 vagas, para funcionar em Itajaí, sua sede, do que dão conhecimento ao Conselho de Educação.

Nesta linha escrevi o meu Relato favorável, informando que os órgãos internos da Univali tinham a competência para criarem seus cursos de nível superior, inclusive o Curso de Medicina, nos termos informados no Parecer CENS n. 005/98 e no Ofício n. 146/98, e, pela sua importância e firmação de jurisprudência, concluí com o seguinte voto:

[...]

Voto do Relator

Considerando o pedido da UNIVALI (Processo PCEE 746/975), especialmente, o permissivo legal consubstanciado no artigo 88 da Lei Federal n. 9.394/96, combinado com o artigo 64 da Constituição Estadual, e o artigo 1º da Resolução n. 34/97/CEE/SC, em respeito à autonomia universitária, o relator vota no sentido de que o Conselho Estadual de Educação, por sua Comissão de Ensino Superior, terminativamente, tome conhecimento das decisões dos órgãos colegiados internos da Universidade, na implantação do Curso de Medicina, com





Antônio Osvaldo Conci



ênfase na Medicina Preventiva e no atendimento domiciliar, nos termos deste relato, tendo em vista a ausência ainda de nova legislação específica do Sistema Estadual de Educação.

A Comissão de Ensino Superior aprovou, por unanimidade, o Voto do Relator, contando com as assinaturas dos Conselheiros: Júlio Wiggers (Presidente), Antônio Osvaldo Conci (Relator convocado), Almerindo Brancher, Nilson Paulo, Kuno Paulo Rhoden, Fernando Fernandes de Aquino, Walter Fernando Piazza e Rosalir Demboski de Souza (Conselheira convidada). O Parecer foi homologado, levando a chancela do Conselheiro Ricardo José Araujo de Oliveira, então Presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina. Destaco que esse Parecer (entendimento) formou jurisprudência para outros casos semelhantes.

Numa sessão especial do CEE, o Parecer foi apreciado e votado com sufrágio unânime, com eloquentes manifestações dos senhores conselheiros. O Curso de Medicina da Univali iniciou suas atividades acadêmicas a partir de 1989.

Como havia prometido, fiz o que pude. Poderia ter feito mais; porém, o que fiz, fiz com dedicação e muito amor. *As sementes caíram em terras férteis, em todas as regiões Catarinenses. Germinaram e produziram bons frutos.* (Mat: 13:8)

No CEE tive maiores proximidades e apoio dos Conselheiros: Rosalir Demboski de Souza, Salomão Ribas Júnior, Ângela Regina Heizen Amim Helou, João Aderson Flores, Jorge Coelho, Nilson Paulo, Frei Junípero Beier, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, Ricardo José Araujo de Oliveira e Nilton Severo da Costa.





Seção II

Da escolha do Presidente

O Conselheiro Nilton Severo da Costa (Ex-prefeito de Florianópolis e Professor da UFSC) tinha grande consideração pelo Oeste catarinense, mormente em temas do desenvolvimento educacional. Certo dia, após a sessão, disse-me que teria um assunto importante para falar comigo. Nos reunimos e ele foi logo ao caso: “Vou lançar seu nome como candidato à Presidência do CEE!” Fui pego de surpresa, pois jamais imaginara tal hipótese. De fato, ele o fez. (Pensei com meus botões: isso não é para um *índio* de Chapecó). Comuniquei o fato ao Doutor Milton Sander que, de pronto, disse-me que deveria aceitar, pois o Oeste catarinense o merecia.

Foram registradas, nas condições do RI, duas Chapas: uma encabeçada pelo Conselheiro Luiz Anderson dos Reis e outra por mim. Dia das eleições (grandes expectativas no ar...). Tudo pronto. Urna. Votações. Escrutínio. Até o décimo voto: empate. O décimo primeiro voto configurou minha eleição. O Conselheiro Severo bateu na mesa, dizendo: “Vencemos!” E acrescentou: “Professor Conci, faça uma boa administração!” Agradei a confiança e prometi, em juramento, fazer uma boa gestão, com o apoio de todos. Tenho certeza de que a realizei.



No entanto, chegou o momento da nova eleição. A história se repetiu. Duas Chapas. Na hora o concorrente desistiu. Recebi 21 votos, inclusive o meu. O Conselheiro Nilson Paulo, no seu estilo parlamentar, interpelou-me: “Vossa Excelência votou em si mesmo?” Ponderei-lhe: “Como acreditar nos demais Conselheiros se antes não acreditasse em mim?” Ele acrescentou: “Era essa a resposta que esperava, parabéns!”

A propósito, o Conselheiro Nilson, ao apreciar um Parecer, o fazia com perspicaz parcimônia. Todos já previam seu voto: se elogiava, o voto seria contrário; porém, se encontrava algumas imperfeições, justificava-as, votando favoravelmente. Até se dizia: *Quando o Conselheiro Nilson parece não ter razão, ele a tem.*

Encerrada a sessão, o Conselheiro Severo convidou o Conselheiro Jorge Coelho e a mim para irmos ao Pântano do Sul, para comemorar. Conduziu-nos à casa de sua mãe, Dona Elice Dorvalina Costa, que nos recebeu com afabilidade. Preparou uma tainha escalada, assada na brasa, e nos serviu com pirão de feijão. Com uma taça de vinho, tudo estava delicioso, com agradável ambiente familiar.

Um último registro: um pescador ribeirinho soube que o Professor Severo estaria na casa da sua mãe, Dona Elice. Não demorou muito para que uma dezena de pescadores batesse à porta indagando pelo Professor, que se apresentou, sendo saudado e abraçado por todos, calorosamente. Um deles – possivelmente o líder – lembrou que uma ressaca com fortes ondas invadiu a praia, causando sérios danos nas embarcações dos pescadores, incluindo que o fulano perdera sua canoa, que foi totalmente destruída, instrumento de seu ganha-pão. O Professor Severo indagou se alguém dos presentes tinha uma canoa igual à do fulano. Alguém informou que o cicrano tinha uma igual: cavada em tronco de Peroba (*Aspidosperma polyneorum*) trazido do Paraná há mais de 50 anos. O Professor solicitou que fossem chamar o

cicrano, o que foi feito imediatamente. Com a presença do convidado, o Professor foi logo ao assunto, dizendo: “Quanto quer pela sua canoa?” A resposta veio logo: “Não está à venda, pois é herança do meu pai.” “Mas você tem outras e...” Depois de algumas barganhas, o negócio foi fechado. E, em ato contínuo, o fulano recebeu o presente do Professor Nilton Severo da Costa. O momento foi de emoção, com calorosos abraços, misturados a algumas lágrimas. Disfarçadamente, enxuguei a minha... A Dona Elice, que a tudo presenciara de pé, ainda de avental de cozinheira, o usou para enxugar o rosto, enquanto beijava o filho...

O Governador Amim teve duas gestões (de 6 de julho de 1975 a 14 de agosto de 1978 e de 1 de janeiro de 1989 a 1 de abril e 1990), e nesta última o Professor Nilton Severo da Costa foi titular de duas secretarias: Secretaria da Educação e Secretaria de Assistência Social, período em que o acompanhei como Assessor.



Seção III

Das visitas

Fizemos muitas visitas escolares. Uma delas foi ao Município de Abelardo Luz, a convite do seu Prefeito, o Agrônomo Valdir Sgarbozza. Motivo do convite: criar uma unidade escolar de primeira a quarta série, num assentamento sem-terra.

○ Prefeito Valdir nos fez um relato da situação e nos conduziu ao local do acampamento. Na entrada nos apresentou. Estava ali um senhor de feições severas e desconfiado, sentado num cepo. Sobre as pernas, segurava com as duas mãos uma espingarda, que presumi ser uma 36 rossi. Após nos medir, destrancou a entrada. Entramos. Muitas barracas. Muitas pessoas, desconfiadas, e umas 25 crianças, inocentes. ○ Prefeito, com simplicidade, ponderou que as crianças deveriam ter aulas.

○ coordenador do acampamento, objetivo e autoritário, respondeu que sim, mas que tudo deveria ser ali no local e com uma professora de sua indicação.

○ Prefeito concordou e prometeu já iniciar a construção de uma sala de aulas, conforme fora dito. ○ Município, por seus serviços assistenciais, fornecia alimentação e atendimentos de saúde aos





acampados, é bom que se diga. Veio a pergunta: quem manteria a improvisada unidade escolar?

O Professor Severo, então Secretário Estadual de Educação, foi direto ao ponto: “Professor Conci, posso criar, agora, a escola?” Respondi: “É de sua atribuição.” “Então redija o Ato de Criação.” Arranquei uma folha do meu Diário e lavrei a Portaria, sobre o capô do veículo. Após isso, o clima refletia cordialidade, misturada às alegrias das crianças e de suas mães.

Na mesma viagem, visitamos Maravilha (Tigrinhos), Ponte Serrada (Criação do Curso Normal de Magistério), Seara e São Domingos. Em São Domingos (Criação do Curso Agrícola) fomos agraciados com o Diploma de Cidadão Honorário de São Domingos, numa concorrida sessão solene da Câmara de Vereadores, com noite fria. O último encontro dessa viagem foi na Cidade de Seara, onde pretendíamos pernoitar.

A temperatura (inverno) estava muito baixa, e o Professor Severo tremia o tempo todo. Tentamos dormir. Lá pelas três da madrugada o Professor Nilton disse: “Está muito frio. Não aguento. Chame o motorista. Vamos para casa.” Fiz o que ele pediu. Retornamos, tremendo até Blumenau.





Capitula XII
Registros



Seção I Um desabafo

O Professor Francisco Gialdi escreveu vários livros sobre Maravilha, entre eles me refiro ao intitulado: *Maravilha: sua terra, sua gente, sua história*, 2ª edição, p. 484-485, onde faz seu desabafo: a frequente busca de dados históricos com o doutor professor Antônio Osvaldo Conci, que deixou marcas não somente na História de Maravilha, mas na região e no Estado de Santa Catarina, mormente no magistério, na política, nas secretarias municipais, especializando-se no Direito Administrativo, e com altos cargos ocupados, como o de Diretor da FUNDESTE (depois UNOESC) e de presidente do Conselho Estadual de Educação, insistia no estímulo da publicação da história que estava engavetada e fazia vir à memória o 1º Brasão de Maravilha. Estranhava as mudanças ocorridas nos símbolos municipais. E incluía: Tenho mais coisas para desabafar. Confirmou, por escrito, através do seguinte ofício:





Antônio Osvaldo Conci



Chapecó (SC), em 12 de março de 1993.

Professor Francisco:

Tenho certeza que tua caneta, ao registrar no papel as ideias, imagens, pensamentos e o conhecimento que tem sobre a história de Maravilha, te será fiel e obediente, dando-nos uma visão perfeita do que fomos e como tudo aconteceu.

Certamente, algum dia leste – tenho certeza que sim – José de Alencar que, ao falar de uma de suas deusas, usou uma figura que se presta para o momento. Dizia ele, mais ou menos assim: “Lá longe, onde o céu parece encostar-se à terra. Lá nasceu Iracema.”

Acredito que foi também mais ou menos assim que os nossos primeiros colonizadores viram Maravilha coberta pelas frondosas copadas das araucárias, que lhes arrancaram expressões de admiração: Que Maravilha! E nessa pia batismal foi adotada como Maravilha, tal qual a Iracema ou Diva de José de Alencar (certamente o Professor Eloy José Ranzi faria um reparo: não esquecer do Tronco de Ipê).

Na época, Professor Francisco, também teríamos exclamado: Lá longe, lá sob as gigantescas araucárias, nasceu Maravilha. Deve ter sido mais ou menos assim. Foi meu pai que me contou essa história, lá por 1957, quando saíamos do Bar do Seu Davi e subíamos o morro para ir à Igreja, lá em cima no Seminário. A missa foi rezada pelo Padre Fleck.

Bom, como a boa semente lançada em terras férteis produz também bons frutos, assim cresceu Maravilha. De ontem, quando – segundo dizem – a Dona Doralda, esposa do Vereador Alcides Benvegnu, fazia salame com carne e tripas de anta, e a Maravilha de hoje, suficientemente desenvolvida, ocupando seu lugar no espaço e tempo.





Causos & Versos



Lembro-me que vencestes um concurso para fazer o desenho do Escudo e da Bandeira do Município.

Tudo foi visto dentro da dinâmica de crescimento do Município. O moleque que desenhaste era lindo (Maravilha sempre foi tida como Capital das Crianças – dizem até, naturalmente as más línguas, que foi por causas dos ‘internacionais’ da firma Benvegnu que, nas madrugadas, acordavam os dorminhocos casais), mas o teu escudo foi mudado.

Substituiu-o um desenho grotesco do tempo da Idade Média, em nome de uma vetusta heráldica. Quiçá, um dia, um novo Prefeito ou novos Vereadores te façam justiça, restabelecendo aquele primeiro escudo que conquistastes, numa disputa pública, até aprovada pela então Câmara, disso é prova o ilustre Deputado Dércio Augusto Knop.

Teria muitos assuntos e casos para lembrar, mas sei que a tua memória é melhor que a minha e, por isso, não esquecerá de nada, inclusive a ‘gaiota’ que parou nas escadarias da Igreja – Ah! Se o Padre José te pega, coitado –, ou o saudoso Vereador João Cavalheiro dando aquele tombo na mesa, ou, ainda, da ‘recepionete’ do Vereador Reditário Cassol – mais tarde eleito Deputado Federal.

Porém, lembro: Lá longe sob a capada das araucárias nasceu Maravilha. Que saudade, diria a Irmã Ancila.

Parabéns pelo teu livro! Deixas para todas as gerações o registro do nosso esforço. *Perge sic.*

Atenciosamente.

Antônio Osvaldo Conci,

OAB/SC 3169

MEC 228/1971.



Seção II

Um depoimento

Amizade que conforta e traz de volta a ligação já esquecida!

Um currículo invejável, positivamente!

Uma história que merece respeito e apreço da nossa gente!

Um homem simples, contido e de solene sabedoria

Especialmente para aqueles de sensível percepção,

Agraciados pela primazia de sua interlocução! Conci, Doutor Conci, Mestre Conci, Professor Conci... como preferir!

Para mim, Professor Conci, com sabor de aprendizado perspicaz e consistente,

Um verdadeiro Mestre que sinaliza as curvas e os contornos do porvir,

Reconhecendo, a cada semblante, no olhar e na expressão

O que convém e o que não convém, comedidamente, exprimir.

Desejo que receba, Conci, meu amigo

Um pouquinho de minha genuína e profunda gratidão





Antônio Osvaldo Conci



Por acolher-me como mais um escolar do caminho, junto a memoráveis aprendizizes

Cuja luz clareia a reflexão e lapida as escolhas do propósito

Concerne em seu jeito pedagógico, sutil e discreto

Mantém ereto o respeito e cultua à tradição.

Amigo Professor Conci de muitas batalhas e transformações

Acompanho atenciosa e interessadamente os pitorescos episódios de sua vida e carreira,

No afã de entender como a paciência e a tolerância abrem novas fronteiras,

Na mente e no coração, sem qualquer látego, tudo se reestabelece.

Apenas no contumaz silêncio, discrição e fluidez a exemplo da água na corredeira.

Pois amanhã, como bem dizes: “Amanhã é outro dia” e...

Tanto eu, como o Senhor e a água, jamais conseguiremos manter o que fomos

Seremos outros, na busca da melhor versão possível de si mesmos!

Sobretudo, amigos que o tempo felicitou com a aproximação para pararmos um pouco

Abraçando um ao outro e ouvindo a voz que o Pai abençoou: “A sua benção, Pai? Deus, abençoe-os, meus filhos.

*De seu amigo Jonas Berger,
com amor, consideração e respeito!
[15/08/2020]*



Segunda Parte
Versos





A gota e o grão de areia

A praia, que a onda do mar fustiga,
Em eterno balanço, como melodia antiga.
De grãos de areia é formada
E nunca cansa dessa jornada.

As gotas formam a vastidão do grande mar,
No vai-e-vem, sempre a balançar.
Os grãos fazem as praias deslumbrantes
E as gotas preenchem os espaços restantes.

Não importa se você é gota ou grão de areia,
O importante é que você ocupe seu lugar,
Formando a praia ou as águas do mar.
A praia não é praia sem o grão e a gota, nessa teia.

De dia ou à noite, mesmo ao luar,
Meu espaço quero ocupar.
Fazendo a diferença, na ordem suprema da Natureza,
Não importa a pequenez ou a grandeza.

De gotas em gotas, forma-se o mar,
Por seu número impossível contar.
A praia é formada pelas areias,
Onde brincam as sereias.

O mar só é mar,
Quando nenhuma gota faltar.
A praia só é praia completa,
Quando de grão em grão está repleta.

A gota e o grão fazem a diferença.
O que importa é a sua presença.
Então faça sua parte:
Como verso de poesia, ou cena de arte.





A lição da chuva e da seca

Nuvens, transportadas pelo vento,
Deslocam-se do Norte para o Sul.
Os primeiros pingos descem do firmamento,
Enquanto o Céu deixa de ser azul.

A chuva, de há muito era esperada,
Pois a seca assolava Terra,
Com sua chegada, ela fica molhada
E a longa estiagem se encerra.

As fontes e os riachos transbordam.
As hastes murchas se enguem.
As águas, carregando folhas secas, andam
E os primeiros botões floridos se abrem.

A melodia da chuva caindo no telhado,
Como acorde sonoro e suave que acalma,
Ouvida em cima do chão molhado.
A Natureza, revigorada, não mais se alarma.

Logo todos se recolhem a seus abrigos.
Enquanto as sementes prometem boa colheita.
A seca vencida: já não restam perigos.
A Terra verdejante e florida, engalanada, se enfeita.

O Crente, agradecido pela calma,
Espreita o longe horizonte,
Acreditando no milagre Divino: recita a Ave Maria!
Para que do Alto venha a chuva e outra seca não desponte.





Quando muita água do céu despenca,
Inconformados pela demorada quantidade,
Nessa situação, parece que tudo vira enchença,
Causando as enchentes, tirando-nos a tranquilidade.

Mas, quando vem a seca prolongada,
Situação que causa tanto dano,
Ocasão em que a terra em pontos fica rachada,
Esperando que não se repita no próximo ano!

Nessa continuidade, as águas aumentam,
O céu continua cortado por coriscos, refletidos no escuro,
Todos reclamam e não se contentam,
Imaginando que o momento não é seguro.

Se tem muito sol e calor,
O vivente reclama, ansiado e descontente,
Pede água, muita água, para lavar o suor,
Ignorando que sua reza traga nova enchente.

Somos reclamões, talvez por natureza...
Quiçá por desconhecer as consequências do futuro,
Pensando que o dia seguinte é incerteza,
Como lição, o vivente quer se sentir seguro.





Amizade

*Em todo o tempo ama o amigo;
E na angústia nasce o irmão.
Que sempre te dará abrigo,
Como gesto vindo do coração.*

Quem tem um amigo:
Tem um tesouro.
É o que sempre digo:
Vale mais que o ouro.

Está escrito no Livro Sagrado,
Como norma fundamental.
Que isso fique bem gravado.

Para que não seja apagado,
Como abraço fraternal
E para sempre fique lembrado.



(Provérbio 17, 17)





Amor próprio...

Olho e não te vejo:
Então, sufoco o meu desejo.
Na miragem do espelho:
Em prece, dobro o joelho.

Mas, por que te escondes:
E não me respondes.
Estou dentro de mim escondido:
Para não ser visto, nem ouvido.

O amor é sentimento universal:
Por isso, não é individual.
Também é igual à lamparina:
Que alumia a todos, como luz divina.

Abra as portas e as janelas:
Deixe o Sol e o Luar entrar por elas.
Inspire o ar da manhã, veja a gota de orvalho:
Ouça o sabiá, que canta no galho.

Ama teu próximo como a ti:
Dizem as Escrituras que li.
O equilíbrio está na certa dosagem:
Amando neste breve tempo de passagem.

Agora, imaginando voar pelo espaço do firmamento:
Nas asas da felicidade, sem lamento.
A alma flutua no éter celestial:
Na certeza do encontro final.





As flores

Se as flores falassem, o que elas nos diriam?
Ou será que elas, nas suas pétalas, guardam segredos?
E, se fosse o caso, em que língua falariam?
Seria possível desvendá-los e sabê-los?

O guardião, então, seria o beija-flor?
Que, sedento, visita-as todo dia?
Possivelmente, declamando versos de amor!
Ruflando as asas, em suave melodia.

Sim, elas não falam a linguagem dos outros seres,
No entanto, sua comunicação fustiga nossos sentidos,
Nos inebriando pelas formas, pelos perfumes e pelas cores.
Pois as suas formas, perfumes e cores não têm ouvidos.

Como o beija-flor, também os deuses do Olimpo,
Segundo conta a antiga grega mitologia,
Acima da Terra, nas alturas siderais do espaço limpo,
Bebiam o néctar das flores, embalados pela divina orgia.

As flores enfeitam e estão presentes em todas as ocasiões,
São símbolos de todas as festas, casamentos, batizados e funerais...
O vento transporta seus perfumes para os lares, igrejas e salões,
Sem qualquer distinção, pois para as flores todos são iguais!

Que bom seria, se cada espaço tivesse seu jardim florido,
As paisagens seriam atraentes e mais alegres,
E o Mundo, na sua imensidade, seria mais colorido.
E, em consequência, haveria mais lares e menos albergues.





Quem ama as flores não deve ter medo de sujar as mãos na terra,
Cavar: plantá-las, regar: cuidá-las, esperando as florações.
Seja com sol, chuva, frio ou calor, mas, principalmente, na Primavera,
Agora tão bela, multicolor e perfumada, provocando suspiros e emoções.

Dizem que as flores deixam perfumes nas mãos de quem as oferece,
Acreditando ser um gesto de gentileza, carinho e amor incondicional,
Deus, vendo esse ato de amor, figurado, do Céu aqui desce,
Trazendo Fé, Esperança e Amor para o mortal.

Quando nasci, recebi flores, na vida cultivei e colhi flores,
Mas como tudo, por sentença, tem começo, meio e fim,
Perfumei os jardins, colori a Terra, com pétalas multicores;
Porém, na certeza de que alguém, ainda, cultive meu jardim.





Butiá

Que desfralda tuas folhas nas várgeas e campos.
Pomo de polpa fina e caroço duro.
Verde quando verde, amarelo quando maduro.
No colo penduras teus cachos de tempos em tempos.

Nos vales, montes e serras, pousa gentil.
Nos versos Parnasianos de lírica pureza,
No Positivismo, poema de extrema beleza,
Como Patriota, representa as Cores do Brasil.

Árvore nativa, de espécies variadas, do chão Brasileiro.
Teu aroma e sabor se mesclam por inteiro.
No mastro da Pátria, balança altaneiro.

Na mistura das festas, traz alegrias
Em arcos, bordados com fitas e alegorias,
Imponente orgulho, deste Povo, sem cativoiro.



Obs.: Lembrando a pureza do Parnasianismo e as cores do Positivismo,
no Verde Amarelo do Butiá.



Caburé

Cacei um Caburé no galho.
O bichinho me deu tanto trabalho.

Se fingia de morto,
Esperando para ser solto.

Pequeno, mas de olhos de coruja.
A penugem parecia suja.

Minha Mãe não gostou do bicho.
Ato de teimosia ou capricho.

Os seus dedos eram colados.
De ambos os lados.

A mãe grávida, esperava o José.
Veio com os dedos iguais aos do Caburé.

Mais tarde, o médico os descolou.
Porém a lembrança do fato não se apagou.

Minha Mãe, como sempre, tinha razão:
Não deixe o Caburé na prisão.

Deixe-o em liberdade para voar,
E, na mata, volte ao seu lugar.





Casamentos

São sete os Sacramentos,
Entre eles estão os Casamentos:
União entre o homem e a mulher.
Só entram neles quem quiser.

José aceita Maria como tua esposa, aceita?
Maria, para ti a mesma pergunta é feita!
Então como o prometeis, os declaro casados!
Com estas alianças fiquem entrelaçados.

Não separe o homem o que Deus uniu por sentença.
Essa é a Lei Divina, lei da nossa crença.
Também, cresci e multiplicai-vos!
Mas sempre unidos, amai-vos!

Os filhos os levem à Pia Batismal,
Para livrá-los do Pecado Original.
Eles serão vossas alegrias,
Na união da Família, todos os dias.

Nos primeiros tempos ela dizia: meu amor!
Alegre eu respondia, em pleno vigor..
Agora, às vezes, me chama de querido,
Talvez, ainda lembrando que sou seu marido.

Hoje encurvados pelos anos das idades,
Lembrando os bons dias das nossas mocidades...
O relógio do tempo vai girando sem parar,
Felizes, pois continuamos a nos amar!

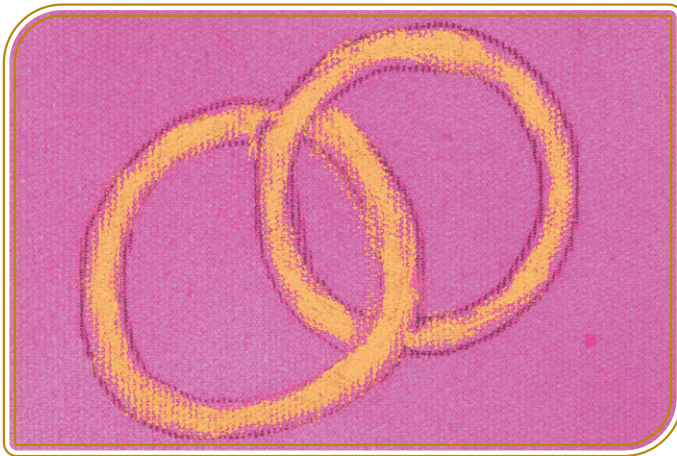




Na noite ou no dia ensolarado.
Na cadeira de balanço: não estás mais ao meu lado...
É triste... dele lembro com saudade,
Aguardando o reencontro na eternidade.

O Arco-íris lembra o infinito das alianças.
Entrelaçadas, embalaram nossas lembranças.
Ser Pai ou ser Mãe é graça Divina.
E ser Avô ou ser Avó é alegria que combina.

Essas são histórias dos casamentos:
Dentro, viva intensamente todos os momentos!
No Jardim da Vida, cultive belas e perfumadas flores:
Lírios, jasmims, rosas e amores-perfeitos, com pétalas multicores.





Cativar

Cativar é criar vínculos de afeição,
De sentimentos sem imposição,
Como no voo dos pássaros
E no afeto dos seus abraços.

Ame quem você cativou agora
E o faça sem demora,
Com carinho e dedicação,
Igual à rosa que desabrocha em botão.

Sei que um dia irá embora,
Pois essa é a nossa sina:
Andar rumo à Luz Divina.

No encontro de nova aurora,
De paz e harmonia,
E de eterna alegria.



Chegadas e partidas

Na aurora da madrugada,
O vento anunciou minha chegada,
No vozerio de cantiga e verso,
Passei a ser inquilino do Universo.

Agora me encontro na esgrima da vida,
Não sei se será curta ou comprida.
Só sei que o pão virá do suor do rosto,
Como na Oração está posto.

Procuro o bem, evito o mal.
Levo a vida com alegria.
Rezo o Pai Nosso e a Ave Maria.

Pois a existência é fato real.
É feita de lutas e conquistas,
Rumo às estrelas, para não perdê-las de vistas.





Chimarrão

Cevado com erva cancheada e socada no pilão,
Logo o Porongo circula de mão em mão,
Como trança e nó de laço,
Formando um forte abraço.

A bomba encravada como saraquá,
Na erva secada no carijo ou barbaquá.
Tem um gosto de fumaça,
Que o toque crioulo realça.

A chaleira no trampe da fogueira
A água chia bem ligeira,
A bugrada atiça o pito nas brasas
E a fumaça voa como se tivesse asas.

Vertem causos de bailantas nas madrugada,
Enquanto a graxa pinga nas brasas,
Do chibo espetado na taquara.
De milonga em milonga a noite vara.

Na panela cascurrenta ferve o carreteiro,
Na brasa fica pronto bem ligeiro.
A cheringa desossa a costela
E o gaudério na mesa encosta a fivela.

O Pinho de manso faz o fundo musical,
Envolvendo todos num abraço fraternal.
Enquanto o churrasco vai assando
A cuia continua rodando.

O gaúcho sem chimarrão é soldado sem fuzil,
Costume pazigueiro espalhado pelo Brasil,
Como símbolo do Povo do Sul,
Onde o minuano sopra e o Céu é mais azul.

São duendes sagrados: o Saci-pererê e o Boitatá.
A coruja, o quero-quero, o João-de-Barro e o Sabiá,
Que anunciam a hora da prece da Ave Maria,
Roncando a cuia, esperando a ceva de Novo Dia.





Ciclos e fases

Como regra para todos os seres mortais,
Tanto para as plantas, como para os animais,
Um tanto diferentes para os minerais,
Afinal de contas, todos somos iguais.

O homem, nessa regra dos ciclos e fases da vida:
Nasce, vive e vai, às vezes sem despedida.
Nasce Belo, vive Forte e fica Sábio na lida
E, nestes tempos, educa e é guarida.

Nasce e a esse berço deve contínuo respeito,
Considerando que pertence à Natureza sem defeito,
Abrir e estender a mão a todos de direito,
Com seriedade, nunca de qualquer jeito.

Na primeira regra, não importa a razão,
Quem nasce não programou sua Iniciação.
Porém, o suor do rosto o torna digno da Elevação,
E, pela Sabedoria, será coroado pela Exaltação.

No espaço entre o começo e o fim do mortal,
Somos inquilinos do Mundo, bem ou mal,
A ele estamos ligados pelo cordão umbilical,
Expirando e inspirando, até a data final...

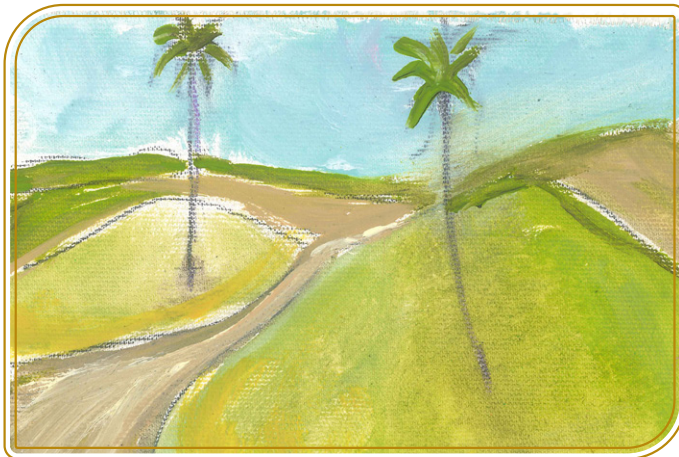




Pois na Natureza tudo se transforma,
Essa é a grande e fatídica norma.
É ponto material, estabelecido por dogma,
Transformado em suporte de eventual plataforma.

A madeira queimada pelo fogo muda a substância.
A água em ebulição muda de estado, nessa constância.
O homem apegado a tudo vive na ânsia:
Ignora que entre o começo e o fim existe pouca distância.

A distância talvez seja um rio sem ponte,
Onde as águas serpenteiam desde a fonte,
Andam teimosas como o deus Faetonte,
Sempre, sempre, ao longe, divisando o horizonte...





Deixei de acreditar...

Deixei de acreditar,
Que ainda pudesse amar
Depois das decepções,
Ferido pelas decepções.

Mas o Cupido me flechou,
Quando você chegou,
E o fogo de amor renasceu.
Foi assim que tudo aconteceu.

Misturamos nossas salivas,
No frenesi do beijo sem divisas,
Unidos em forte abraço,
Vencido, repousei no seu regaço.

O coração pulsou forte,
Acreditando na sorte,
Pensando que você me amava,
Porém só de querido me chamava.

Só querer é pouco,
Eu estava em novo sufoco.
Muito mais é o amor.
Desiludido, mergulhava na dor.

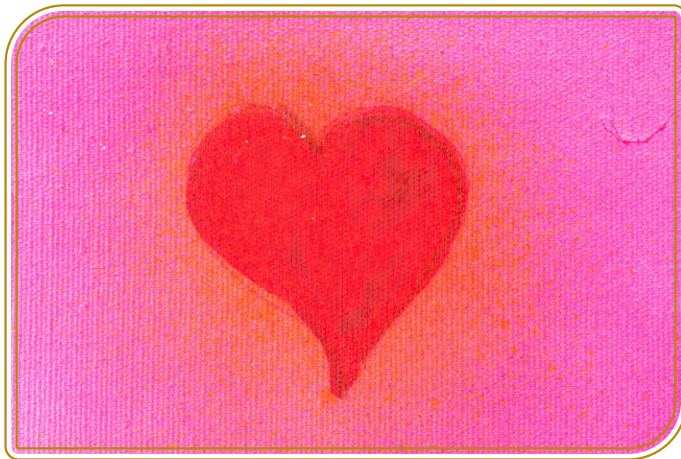




Talvez alguém muito especial,
Me diga: meu amor, afinal,
Na esperança desse dia,
Que será de suprema alegria.

À noite o sono não vem,
Enquanto espero esse alguém.
Oh! Cupido, encontre meu amor
E me livre desse pavor.

Talvez fosse um mal-entendido...
Ela o quer como seu marido,
Para chamá-lo de meu amor,
Só assim finda minha dor.





Dê tempo ao tempo...

O Livro da Lei ensina:
Aja com disciplina.

Dê tempo ao tempo,
Para não haver lamento.

Não tenha pressa angustiante.
O tempo é peregrino viajante.

Não ignore a oportunidade,
Pois não considera a idade.

Há tempo para nascer.
Também hora para morrer.

Tempo para lançar a semente
E colher seu fruto, contente.

Tempo para curar,
Em vez de matar.

Tempo para construir,
Em vez de demolir.

Tempo de lágrimas doloridas.
Tempo de curar as feridas.

Tempos de ventanias.
Tempos de poucos dias.





Tempo para espalhar.
Tempo para juntar.

Tempo para querer.
Tempo para esquecer.

Tempo para se aproximar.
Tempo para se afastar.

Tempo para ver.
Tempo para rever.

Tempo para abraçar.
Tempo para amar.

Tempos de paz e guerra,
Extremos, na terra.

O tempo é uma passagem,
Do peregrino, em viagem.

Aproveite-o agora bem,
Como crédito para o além.

(ECLE 3:1,8)





Desfile

Sete de setembro,
Se bem me lembro:
Independência do Brasil,
Pátria amada e gentil.

Na Avenida Araucária, deslumbrante,
Desfila a Criança Sorriso, indo adiante.
O Bumbo marca o compasso,
Pé com pé, a criança acerta o passo.

É o Dia da Pátria querida.
O desfile sobe a Avenida,
Aplaudido pela comunidade,
Todos presentes, independente de idade.

Então ouço uma linda canção,
Que embala e traz emoção.
Versos rimados em lírica poesia,
Botão de flor que perfuma e inebria.

Maravilha, Cidade das Crianças.
Gente feliz: buquê de esperanças.
Lembrando: Lourdinha, Vieira e Julmir,
Lição de fé, convite para seguir!



*São botões que irão florescer,
Nesta vida existem caminhos a percorrer.
Hoje cai a chuva, amanhã céu anil.
Salve a Criança Sorriso, salve o Brasil!*

*Onde foi que aprendi.
Não sei se veio de Deus
Ou de minha mãe que me trouxe aqui,
Pois esta mensagem me veio de ti.*



Observações:

As palavras em itálico pertencem exclusivamente ao seu autor original, o Professor Julmir Viccari; porém, aqui colocadas, têm a finalidade de lembrar – pelo menos em parte – o Hino *Criança Sorriso*.

A execução cantada – original – foi ouvida nas vozes do Autor (J. Vieira) e de Lourdinha (Lourdes Canci).



Destino

Indago: será que a nossa vida já seria um livro escrito?
O tempo de estarmos na Terra já estaria tabulado?
É certo o nascer, o viver e o morrer, pois está prescrito!
Considerando que um dia o céu está limpo; porém outro, nublado!

Não teríamos outras opções, só existe este livro para ler?
Destarte, o vetor da existência seria uma mera linha de fatalidades?
E o destino, como fatalidade, não permitiria outro querer!
Outras circunstâncias ocorridas, seriam registros de saudades!

Todavia, é bom ponderar, o destino é a gente quem faz.
Os reflexos de estarmos no tempo moldam as consequências.
Chuvas num dia, noutra vem o Sol, são circunstâncias que ninguém desfaz.
Por isso, entre o destino e as circunstâncias, existem grandes diferenças.

Dizem que um raio nunca cai no mesmo lugar.
A cultura popular, no pulsar dos tempos, assim o propaga.
Mas, se a despeito cair: seria força do destino ou simples azar.
Sabendo que o destino não é fatalidade e a circunstância não é praga.

Também o refrão: São obras do destino, como se fosse um planejamento.
De voltas em voltas, passando pelo encontro do mesmo dente da rotação.
Quando assim se alega, o fato parece vir com um tom de lamento.
Aceito como obra do destino, diante do quê, deve-se agir com coragem.





O nascer e o morrer, como extremos, são inequívocas realidades.
São consequências da Substância e do Ocidente, num momento ímpar.
Onde os eventos acontecem, encerrando nossas liberdades.
Nestes devaneios das circunstâncias e do destino, paro de pensar.

Então, deixo o tema para suas conclusões pessoais.
Pois de cada cabeça pode vir uma sentença.
O destino e as circunstâncias resultam conceitos desiguais.
Como lição: na pluralidade, cada um reclama por sua crença.

Antes do apagar das luzes e o Sol ir para o outro lado,
Espero que o destino não seja apenas uma zona de conforto.
Na inércia ou luta, no fim da jornada, tudo reste reconciliado.
Na certeza de que o Piloto conduziu o barco ao Bom Porto.





Diva das dores

No Lajeado das Flores,
Por certo, linha florida,
Morava Diva das Dores,
Donzela, por todos querida.

De feições rubras e formosas,
Andar compassado e sereno,
As faces como pétalas de rosas,
Diante de sua formosura o mundo era pequeno.

De olhos verdes da floresta,
Lábios grossos, que pareciam macios,
Cabelos negros, ondulados na testa,
Entrelaçados de fios em fios.

De olhar furtivo e malicioso,
Espreitava, insinuante, de esguelho,
Suas palavras tinham som melodioso,
Era Diva das Dores, vista no espelho.

Os mancebos queriam roubar seus beijos,
Furtivos, espreitavam nos cantos,
Faziam promessas, mesmo de joelhos,
Esperando o socorro dos santos.

Diva das Dores fazia que nada via,
Em galanteios não acreditava,
Insinuando que a resposta daria,
Cego de amor, o pretendente esperava.

Um dia: foi surpresa... Diva das Dores,
Chegou, linda como nunca, dizendo:
Vou ser freira, pois amo Deus, santos e as flores.
Fato que o pretendente ficou sabendo...



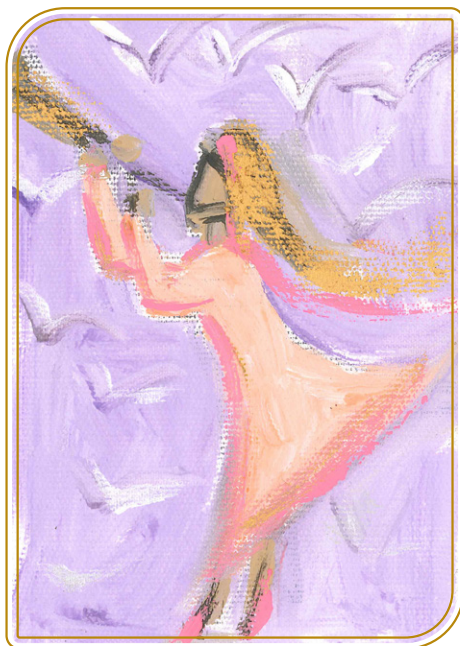
Antônio Osvaldo Conci

Ajoelhado aos pés de Diva das Dores,
O moço choroso, implora: não faça isto!
Ela, não preocupada com seus dissabores,
Lhe disse: serei a esposa de Cristo!

Ele, sufocado pelo peso do tédio,
Disse: serei então apóstolo do Redentor,
Pois não tinha mais outro remédio:
Desse modo, esqueço minha dor...

Mais tarde, no encontro furtivo dos dois,
Ela de véu, ele de batina,
Nada mais restava para depois,
Se não: o beijo da Graça Divina.

Enquanto o homem propõe,
Nos seus anseios de felicidades,
Para seu bem, o Criador tudo dispõe
Enquanto os sonhos repousam no berço das saudades...



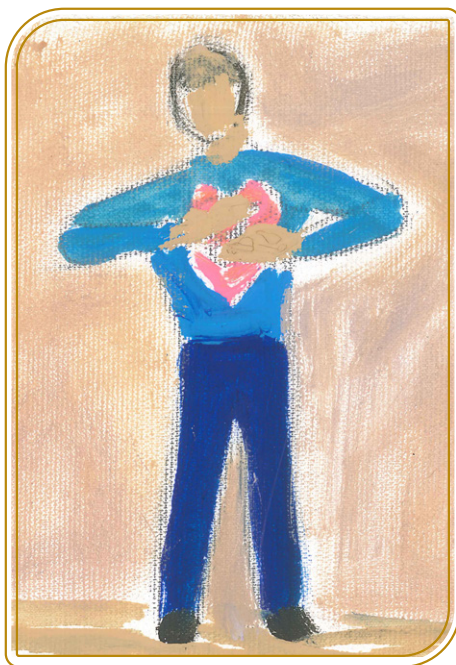
Dores da alma

Dores doloridas da alma.
Sonhos noturnos da consciência.
Angústias inconscientes da demência.
É a voz rouca do silêncio ouvido que alarma.

Alguma força forçada me corrói:
Sinto-a dentro de mim...
Parece que é o começo do meu fim....
Nesse turbilhão, minha alma dói...

No sopro morno da tarde,
Navego em nuvens de brumas,
Pois dentro de mim, o fogo arde...

Sofro, mas o sofrer me consola,
Envolto em sombras de espumas.
Vem a noite escura e me isola...



Empatia

Te coloques no meu lugar,
Para sentires o que eu sinto

E então possas me julgar.
É verdade, não minto!

Quando alguém pede o teu lugar:
É pedido de socorro eminente;

Antes de decidir, é bom pensar,
Para que ninguém fique descontente.

São três palavras semelhantes:
Empatia, simpatia e antipatia.

Podem representar: estima, medo ou alegria.
Todas, com sentidos diferentes.

Ajude, mas não anules o teu Eu.
Só faça isso, para quem o mereceu.





Era uma vez...

Mas faz tanto tempo...
Porém, na retina dos olhos, vejo sua imagem,
Envolta em brumas: reconstruo aquele momento,
Desejando que aquilo não fosse miragem.

O tempo conta os dias das saudades,
Na cadeira de balanço, miro a distância,
Na imaginação, não considero as idades,
Que o reencontro me livre dessa ânsia.

No olhar difuso no espaço,
A vejo linda, formosa e graciosa,
Imagino o calor do seu abraço,
Em devaneio cor-de-rosa...

Tudo muda e se transforma.
O que ontem era hoje não é mais,
Pois essa é a norma:
O que era uma vez... só se registra em anais.

Em sonhos volto àqueles tempos,
Mas é como argila que escorre entre os dedos,
Na ilusão daqueles momentos,
Envoltos na fantasia de revivê-los.



A certeza do fim é uma só:
Como a nuvem que passa ao léu,
Pois o tempo não para e de ninguém tem dó,
Crio asas e voo rumo ao Céu.

Lá possa te reencontrar, talvez
Numa nova dimensão, assim como
Era uma vez...
No éter desse assomo.

Volto ao tempo do passado longo,
No místico regresso do hoje para o ontem vazio.
Que a palavra do adeus seja breve, sem ditongo,
Como a folha que navega sobre as águas de rio.





Esplendor das araucárias

De tronco roliço e altivo,
De copada belíssima.
Viestes de Seres como fruto nativo,
Na floresta, desponta altíssima.

Suas sementes plantadas pelas galhas
Atestam as esperanças do seu germinar,
Acreditando nas tréguas dasafiadas navalhas,
Para que as Aves Azuis continuem a lhe plantar.

Como o Quero-Quero, se tornou urbana,
Para fugir da ganância do desmatamento,
Na bravura de uma corrida insana.
Agora, na saudade, lembra esse momento.

Por sua generosidade empresta o seu nome,
Para a Avenida Araucária de sublime esplendor
Para que, na memória de todos, nunca some.
Ontem, hoje, amanhã, seja lembrada por seu valor.

O Juca Ruivo – o Doutor Leal – sempre a admirava,
Por sua pujante imponência, a batizou: Maravilha!
Considerando que este nome a representava,
Como Cidade das Crianças, na Escola, ao pé da coxilha.

Seu Povo é ordeiro, culto e trabalhador.
A bela mulher, em pé de igualdade, tem sua profissão,
No calendário das festas, o povo é o promotor,
Como resultado vem a satisfação.





Antônio Oswaldo Conci



Salve Maravilha, Esplendor das Araucárias altaneiras,
No hino Criança Sorriso, poesia que traz esperança,
Onde o jovem é belo e as jovens faceiras.
Como buquê de flores, evoca grata lembrança.

Palco de boa Cultura.
Teatro de grandes realizações.
Onde cada bravo luta com bravura,
Coluna de Beleza e Força, orgulho de gerações!

Nas asas da Sabedoria,
Encerro este rude verso,
Agradecendo ao Patrão do Universo,
Pois amanhã será um Novo Dia!





Estar prevenido

O exemplo vem da Roseira.
Não muda por mais que se queira.
Ela tem a rosa, também o espinho,
Na mesma haste e no mesmo ninho.

A rosa como flor enfeitada, murcha e cai
E seu suave perfume se esvai.
Porém o espinho permanece pontudo,
Entre as folhas escondido, continua agudo.

A rosa está pronta para ser colhida.
O espinho fere a mão desprevenida.
Por isso esteja prevenido e atento.

O espinho evita o intruso descuidado.
Assim, colha a rosa e deixe o espinho de lado.
Desse modo, não haverá lamento.





Filosofia popular

Nunca compre o que você não pode pagar;
Nunca prometa o que você não pode cumprir;
Nunca abrace quem você não pode segurar.
Essas são as leis que você deve seguir!

Se você não pagar o que comprou de alguém,
Vem a cobrança justa do vendedor:
Você alega que, pela má sorte, não possui um vintém,
E dá o endereço do coitado fiador...

Promessa é dívida de sua responsabilidade.
Se não cumprir, a Justiça pode ser acionada.
Velhaco, você se esconde embaixo da escada.
O Oficial de Justiça anota que não encontrou nada.

Se você promete à moça que vai se casar
E espera marcar a data da celebração.
Não comece a tortura de tudo reclamar,
Para segurar, não deve ter enganação.

Para tudo você tem desculpa e evasiva,
Devia pensar, agora aguente as consequências,
Pois, no julgamento, a sentença será decisiva
E o mau comportamento não permite indulgências.

Leia de novo o primeiro verso, como lição,
Para não ter que, arrependido, voltar atrás
E pedir desculpas, como ato de reconciliação;
Afim de contas, você ainda pode ser um bom rapaz!

Obs.: Filosofia ouvida do Seu Bráulio.





Gotas de orvalho

Na madrugada fria,
Antes do romper da Aurora,
No começo do Novo Dia,
Vem a Luz, não demora.

Na ponta da folha pendida,
A gota de orvalho pendurada,
No Arco-íris, refletida,
De raios do Sol, coroada.

Assim é a gota de orvalho,
Balançando ao sopro da brisa,
Pendurada na folha do galho,
Da noite e do dia, fazendo divisa.

Da janela, a vejo pendente,
Que logo pode cair,
Como água de fonte corrente,
Andando, continua fluir...

O sopro da vida é passageiro,
Como a gota de orvalho,
Que despenca ligeiro,
Sem curva ou atalho.





Mesmo que de existência fugaz,
Importante é estar no tempo,
Não olhando para trás,
Brilhando, no seu curto momento.

Somos gotas de orvalho,
Passageira é a vida,
Como a folha do carvalho
Que cai, sem despedida...

Porém, nova gota vem com outra Aurora,
Cada novo dia se repete,
Repetida de hora em hora,
No contraste, a Luz reflete.

O seu exemplo constante,
Pelo eterno andar do tempo,
A persistência será relevante,
Mesmo que seja por breve momento.





Lembranças

Fustigo a minha mente, para que ela me diga
O que de importante existe entre o Céu e a Terra?
Temerosa me responde, em versos dublados por Lira Antiga
Ressoando ecos refletidos nas montanhas, que o vai e vem reverbera.

Então miro as estrelas, luminares de Cinco Pontas.
A Lua de luar esquivo entre as folhas das copadas.
Lembranças, bem vividas, distantes e já prontas.
Na retina dos olhos, o Arco-íris lembra cores passadas...

Lembranças que recordam passados momentos,
É ler a página amarelada de um livro já lida,
Onde lágrimas furtivas evocam sentimentos
E saudades... reminiscências... que desfilaram na vida!

Talvez, as de maior Beleza fossem aquelas enquanto ainda menino.
Outras, já crescido, mais Força elas tinham.
Na Primavera da Vida, na hora da Ave Maria, na badalada do sino...
No entardecer da Vida – agora com Sabedoria – as lembranças vinham.

Na caminhada da existência, as passadas na Terra guardam recordações
De momentos felizes vividos entre amigos e Irmãos,
Nos encontros e momentos do vivente que provocavam emoções.
No brindar das taças, o Santo Gral passava de mãos em mãos.

Agora, já Patriarca, deixando o legado dos bons exemplos,
Que a história, testemunha do tempo, faça seu registro à memória,
Àqueles Iniciados que, com os pés destros adentram os Templos.
De Horizonte em horizonte, na certeza da final Vitória!

Como lição: tudo tem início, meio e fim...
Cada página lida e virada só fica na lembrança.
Talvez, por agrado, alguém se lembre de mim
E, na Barca de Osiris, espero vencer nos pratos da Balança.





Lembrando Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
Homenagem à Língua Portuguesa,
Parnasiana de encantadora beleza,
Que o Poeta cultua e revela.

*Salve lindo pendão da esperança,
Salve símbolo augusto da paz!*
Versos métricos de pureza audaz,
Da Pátria retrata a lembrança.

Viestes da Taprobana, do além-mar,
Na pena de Pero Vaz de Caminha,
Fato que o acadêmico deve lembrar.

Filho, cante esse verso!
Lembrando a Língua Rainha,
Que tua voz encante o Universo!

Inspiração: Olavo Bilac (1865-1918) – Parnasiano da perfeição formal,
tratado como Príncipe dos Poetas.





Lidas de gaúcho

Deitado entre o pelego e as estrelas do Céu.
No espelho da sua imaginação, repassa o dia.
Atiça o fogo, prende o pito, enquanto a chaleira chia,
Na espera da Aurora que da noite afasta o véu.

Ceva a cuia, sorve o primeiro gole, repetindo o ritual.
Acorda a Prenda, para a prosa e companhia.
Enquanto, pelas frestas da janela, já penetra a luz do dia.
E o Quero-quero repete a mesma canção, sempre pontual.

A Peonada participa da roda, agora já pronta e reunida.
Cada Peão, de tirador, munido com suas encilhas, cela o Pingo.
Não importa qualquer dia da semana, mesmo o domingo.
Faça calor ou frio, chuva ou Sol, já é tempo de iniciar a lida.

Os afazeres de cada um são distribuídos na invernada.
Cortar a lenha, seja do angico ou do espinilho, para o fogo queimar.
Sovar o laço, abrir e fechar a cancela, sem nunca reclamar.
Cada um no seu posto dá início à nova jornada.

Tudo pronto e organizado, as horas escorrem pelos dedos das mãos.
Ao meio-dia, na hora do almoço, o chibo pinga na brasa.
Em derredor da mesa, de garfo e cherenga, ninguém se atrasa.
Antes, porém, uma oração, afinal de contas todos somos irmãos.



Patrão do Universo, te peço com reverência, abençoa este alimento
E que ele não falte em cada rancho de cada Irmão ou família,
Pois acreditamos, pelos olhos da fé, que aqui sua Luz brilha.
E para o corpo e nossa alma se transforme em sustento.

Assim são as lidas da rotina do Gaúcho, em cada dia.
Para o jantar, na panela cascurenta, ferve o Carreteiro.
De bom charque, boa água, fica logo cozido, bem ligeiro.
Pronto, todos ao derredor da mesa o saboreiam com alegria.

Findo o jantar, ainda vertem causos, antes do repouso vespertino.
Novamente deitado entre o pelego e as estrelas do Céu.
E a mão silenciosa da noite enluarada puxa seu véu.
O Mocho voa para sua toca, com a chegada do romper matutino.



Mãe...

Mãe, palavra que soa tão singular...
Que não tem outra para com ela rimar...

Mesmo no verso rico da poesia!
Mãe é doação, no embalo do berço da alegria.

Como a roseira que desabrocha a flor,
Tudo o que ela faz o faz por amor!

O dom de ser Mãe lhe deu o filho...
Neste milagre, a Natureza tem seu brilho.

No cálido aconchego do lar,
Tem sonhos com a Lua e o Luar...

Enfrenta tudo a qualquer hora,
Sempre disposta: atende sem demora...

Não é imortal, mas com ela a vida se repete!
Mãe, nome sem rima, que a Luz Divina reflete.



Mãos que ajudam

Estenda a mão aberta ao necessitado:
Este ato de generosidade será recompensado.

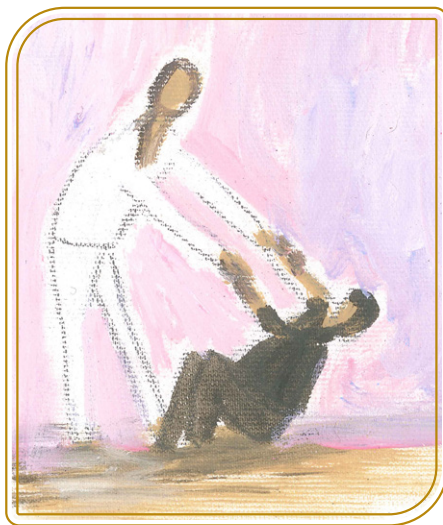
Como a pobre viúva que deu seu último vintém,
Na certeza que estaria ajudando alguém.

Rezar é bom e dá esperança,
Ajudar é melhor e dá confiança.

O alimento recebido mata a fome
E sacia aquele que come.

Por isso são mais santas as mãos que ajudam,
Do que os lábios que rezam,
Atos que todos prezam.

Repartindo o pão, solícitas, cuidam
Para que a ninguém falte,
Especialmente àquele de pouca sorte.



Obs.: Lembrando a Madre Tereza de Calcutá.



Mas...

Existem coisas lindas!
Entre elas, as flores.

As rosas:

De pétalas multicores,
Que exalam perfumes.

Os amores:

Os amores-perfeitos,
Graciosos, bem feitos.

Os Lírios:

Os lírios dos campos,
Vestidos com pompa,
Como outros tantos.

As aves:

As aves dos céus,
Que na liberdade do espaço,
Voam perto de Deus.

Também:

O gorjeio melodioso do sabiá,
O trinar multissonoro do uirapuru,
Ouvindo aqui e acolá.

A brisa:

Que faz as folhas farfalhar,
Mesmo levadas pelas águas de regato,
Não param de nos encantar.



O poente:

Onde, no horizonte, o Sol se deita,
Envolvido em nuvens fofas de algodão alaranjado,
Saudando mais um dia trabalhado.

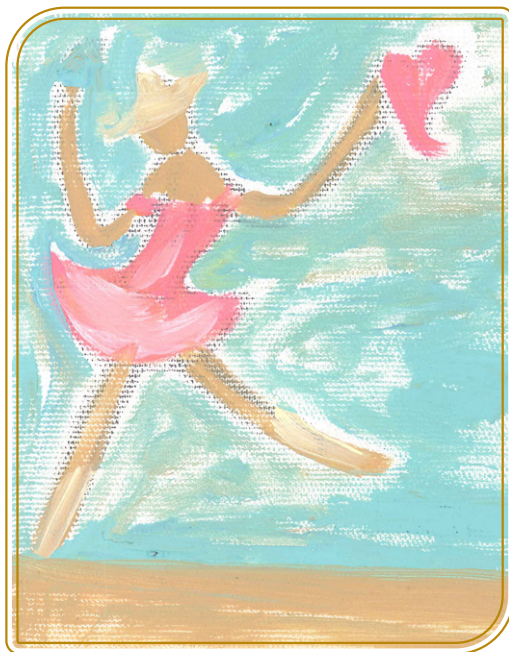
O nascente:

Refletido em gotas de orvalho,
Ou réstias na janela,
Saúdam o novo dia que se revela.

Emoções:

Emoções que arrepiam,
Algumas que nos fazem rir,
Outras nos fazem chorar,
Por estas ou aquelas lembrar.

Sim, existem coisas lindas:
Mas linda mesmo é você!



Melancolia

Sentimento que a alma fustiga,
Emoção que machuca e castiga.

Me escondo dentro de mim,
Remoendo momentos, pensando no fim;

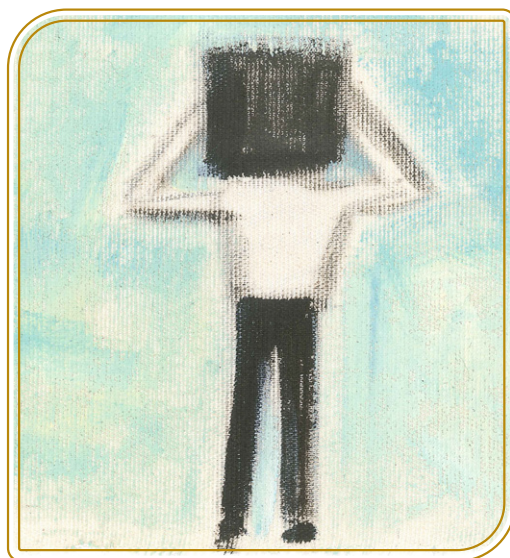
Melancolia... busca empatia,
Para fugir, pois ela me assedia.

Outro se põe no meu lugar,
Aliviado, posso meditar.

O melancólico sente prazer no sofrer,
Isso lhe tira o desejo de viver.

Fuja, escape dessa aflição.
A vida deve ser vivida,

Como dom e coisa querida
E deixe pulsar o coração.





Menino da rua

Com frio congelante, caminho rumo à Universidade,
Pensando nas questões da Prova, com ansiedade,
Para chegar lá, teria que atravessar a Cidade,
Então, alarguei os passos e aumentei a velocidade.

Nesse embalo, a cena não me saía da mente,
Na retina dos olhos, o via claramente.
Era um frágil menino, talvez indigente...
Que, nos degraus da Catedral, esperava o Sol nascente.

Encolhido, tremendo, roxo de frio, vi que chorava...
Procurando um lugar quente, mas não encontrava,
Parei... voltei... até onde o Menino estava.
Estou com muito frio, com fome, ele reclamava.

Ali, nos degraus da Catedral, encolhido...
Não tinha ninguém que, pelo menos, lhe desse ouvido.
Agora, passada a noite, também o dia seria comprido.
Desse quadro medonho o Menino deveria ser socorrido.

A geada branca, nos degraus da imponente Catedral, já se derretia.
Além de tudo, estava descalço, com pouca roupa, que não o aquecia.
Assim era sua vida, sem abrigo, dia após dia, o tempo corria.
O que seria dele, perambulando pelas ruas, sem ninguém, triste e sem alegria...





O Professor me entregou a folha da Prova que deveria responder.
No momento, me veio à mente a figura do Menino, que deveria socorrer.
Deixei a Prova de lado e, nessa lembrança, estes versos comecei escrever.
O Mestre, reticente: temos um poeta na sala e os versos começaram a ler.

E agora, como fica a sua nota, pois você não respondeu as questões.
Professor, me desculpe, me dê a nota da poesia, pensei com meus botões.
Dez, disse o Professor, com palavras reticentes, mas na próxima vez, sem ilusões.
Considerando que a lamúria do Menino sensibilizou nossos corações.

O fato foi divulgado pelos colegas da Sala e chegou às autoridades
E o Menino, por causa disso, foi atendido e socorrido nas suas necessidades.
Existem diferenças que na natureza se equilibram, superando dificuldades.
Na roda da vida, a lição ensina que todos devem respeitar as desigualdades.

Hoje o Menino deve ter crescido – imagino –, superando as mazelas da infância.
Talvez seja um profissional de renome, um mestre, ou um patrão de Estância.
Aqui se colhe o que se planta, pois só vencem os que têm constância.
O passado não volta, mas serve de lembrança, então viva sem ânsia.





Minha alma está triste

De olhos fechados, vejo o longe horizonte,
Despedindo-se da luz do fim do dia,
Na esperança de um outro despoite,
Pois a escuridão me causa agonia.

Vejo somente árvores desfolhadas,
Mesmo estando na Primavera,
Andorinhas que voam sem asas.
Nessa nebulosa, tudo já era.

O mundo, ao redor, me sufoca:
Poluições, sirenes, alarmes e gritos...
Em aluviões de pororoca,
Procuro calma, mas só ouço apitos.

Já não sou mais o que antes fui,
A cova aberta, então, me espera...
Chegada a derradeira hora, tudo rui,
Agora, no antro frio, não sou mais o que era.

Talvez, eu vá sem as despedidas:
Somente bruxuleiem algumas toscas velas...
Lenços, disfarçados, enxuguem lágrimas escondidas...
Enquanto minh'alma voa pelas janelas.





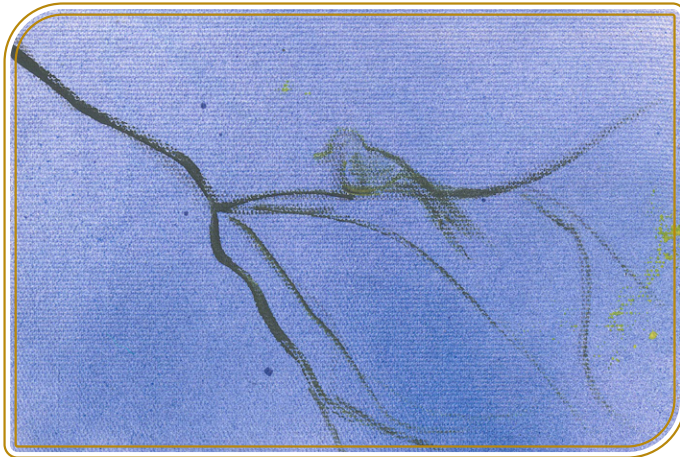
Antônio Osvaldo Conci



Agora, diante do trono da Divindade,
Espero, finalmente, ser recebido,
Por consolo, misericórdia ou piedade,
Prestando contas do que tenho vivido.

No além-mundo da eternidade,
Na casa há tempos reservada e paterna,
Junto ao Arquiteto de infinda bondade,
Descansarei, em nova dimensão eterna!

Aqui, fui viajante passageiro,
Levava alforje, apoiado em bastão.
Tudo passou tão ligeiro,
Nas badaladas do compasso do coração.





Na hora do adeus...

Talvez ainda me reste um tempo,
Para fazer o que queria,
Pois agora, em derradeiro momento,
Não posso fazer o que faria.

O tempo, por mais que queira,
Não permite recontagem,
Tampouco retoma a carreira,
Pois finda está a viagem.

O ponteiro do relógio repete a hora,
Diferente do ponteiro da vida,
Que finda e vai embora,
Mesmo sem a despedida.

Poderia ter chamado meu pai de herói,
À minha mãe: dizer-lhe que a amava!
A falta do abraço final: dói, dói...
Inconformado, pois o tempo acabava!

Agonizante, com esforço, estendo a mão,
Esperando o aperto de alguém,
Quiçá, de um parente, amigo ou irmão...
Tudo é escuro e não vejo ninguém...

A lição da existência ensina:
Faça em vida o que tem a fazer,
Considerando que a vida na Terra termina
E, agora, não adianta lembrar ou querer!

É possível – não duvido – que alguém chore
E aflorem algumas lágrimas furtivas,
Desejando que o evento não demore,
Jogando pétalas de flores nativas.





Lembra-te – jovem – do teu Criador,
Antes que venha a hora da despedida,
Que lá, do outro lado, passada a dor,
E, iluminado, inicie a nova Vida!

Que a hora da despedida seja um “até breve”,
Entre suspiros, orações, talvez uma melodia...
Para que o adeus seja leve...
Enquanto aguardo o meu dia...

Sei que chegará minha hora,
Onde e quando virá essa agonia?
Logo, ou em compasso de demora?
À noite ou de dia?

Nesse momento: treme o gigante!
Nada mais resta a fazer;
Ela chega sem avisar o vivente
E o mortal, aqui, para de prometer.

Todavia, consola-me o Bom Combate,
E ao Supremo Árbitro peço licença,
Já que cheguei no arremate,
Rogando que Ele, por bondade, me dê a recompensa.

Rogo pelos que ainda ficaram,
Vislumbrando o reencontro final,
Para aqueles que tanto amaram,
Na certeza da alma imortal.





Não chores, meu filho

Não chores, meu filho,
Dizia Gonçalves Dias,
Poeta de belas poesias,
Mesmo longe, no exílio...

*Que a vida é luta renhida,
Que os fracos abate,
Sem direito ao empate,
Na esgrima perdida.*

*Mas os fortes e os bravos,
Só pode exaltar,
Como prêmio do lutar,
Cicatrizes dos cravos.*

Se um dia vivemos,
Em florestas largas,
Nas lutas que vencemos,
Dos seus, nas lembranças,

Com o peso das cargas,
Sem perder a esperança.
*Quando o arco entesa,
Tem certa apresa.*

Inspiração:

Canção do Tamoio, do Poeta Gonçalves Dias (10.08.1823 – 02.11.1864),
Primeira Geração Romântica–ABL-15





Não sei...

Não sei, nem o dia, nem a hora,
Do momento que ela virá...
Se logo, ou se demora...
Na certeza de que ela chegará!

Lembro que o Antro Frio me espera!
Que este é meu destino final,
Esta sentença ninguém altera,
Considerando que sou mortal.

No derradeiro e fatídico momento,
Talvez, alguém segure minha mão,
Ou, quiçá, eu vá sem sacramento,
Quando para o coração.

Depois, coroas, rezas e velas...
Semblantes honestos, outros fingidos...
As luzes do Sol ou da Lua espiam pelas janelas.
Em sinal de luto, cochichos nos ouvidos...

Meu corpo inerte, é levado pelo cortejo,
Entro, agora já estou no Campo Santo...
No ataúde, morto, não teria desejo,
A vida já era, quebrou-se o encanto.

Talvez, uma última prece,
Como saudação de despedida,
Enquanto o caixão ao Antro Frio desce,
E o lenço esconde a lágrima furtiva.

Enfim, a hora do final adeus,
Pois volto ao pó da terra,
Indo para a Casa de Deus
E, por aqui, tudo se encerra...





Não seja ingênuo...

Não acredite nas aparências,
Pois elas escondem inconsistências.

O lobo veste pele de ovelha,
Estende o olhar e aguça a orelha.

Para não ser notado,
De tocaia, fica disfarçado.

Seleciona a vítima descuidada:
Assassino, desprende a dentada.

O rebanho nem nota a falta,
Enquanto o lobo se afasta.

Tem seu predileto jantar,
Chegou a hora de apreciar.

Não acredite que todos são seus amigos,
Atrás dos disfarces se escondem os perigos.

Esteja sempre atento e vigilante,
Fingido, o lobo não está distante.

Quem vê olhos não vê coração:
Atrás da máscara está a ilusão.





Então, o ingênuo cai na má sorte;
Sem saída, está diante da morte.

Não negocie com o inimigo;
Fingido, diz que está contigo.

Ele só espera o momento certo,
Por isso, procura estar por perto.

Quando chega o momento esperado,
Lhe dá o golpe de antemão planejado.

O homem prevenido vale por dois:
Assim, evita se lamentar depois.

Essa é a grande lição:
Não seja ingênuo, preste a atenção!



O aperto de mão

Ao apertar a mão de alguém,
Esperando que ele o faça também.
Aperte-a com firmeza
E o encare com delicadeza.

Se a mão for mole: desconfie;
E, pior ainda, se for fofa: não confie!
O aperto há de ser decidido,
Como gesto de dever cumprido.

O aperto sincero é ato de grandeza,
Representa boa educação e sintonia,
Também afeição e simpatia.

São gestos serenos, feitos com sutileza,
Pois brotam do pulsar do coração:
Assim deve ser o aperto de mão!





O banco

Quando tem Sol:
Você não precisa de guarda-chuva.
Quando tem chuva:
Você não precisa de guarda-sol.

Essa é a regra do Capital
E da livre iniciativa,
Diferente da Social,
Que alega ser participativa.

Em dias de Sol aberto,
Te oferece crédito certo;
Porém se o tempo fica nublado,
O crédito fica cancelado.

É a regra do lucro seguro,
Pois o crédito não é caridade:
Cresce do fruto do juro;
Mas quem paga é a sociedade.

O juro certo é justo.
O abusivo é usura.
O equilíbrio será a soma do custo,
Pois não se trata de aventura.





Quem ara a terra,
Para enterrar a semente,
É dele o fruto que espera.
Isso não pode ser diferente.

O exemplo serve para qualquer atividade,
Onde exige o suor do rosto,
Independente do tipo de sociedade
E não adianta apresentar preposto.

Os extremos são rivais,
Como o Sol e a Chuva, em tempos diferentes,
Já que na média são iguais,
Pois todos esperam os frutos das sementes.

A Justiça Econômica resulta:
Da livre iniciativa,
Por homens livres, sem consulta,
Para toda classe produtiva.





O celular

Mais que nunca, o Mundo ficou pequeno,
Todos estão presentes, mesmo ausentes...
João e a Maria, em colóquio ameno...
Aliás, todos sem assistentes.

O celular, movido à bateria,
Portanto, não tem coração,
Por isso, a saudação fica fria,
Sem qualquer emoção...

É óbvio, tem sua grande utilidade,
Encurtando as longas distâncias,
Aproxima o Interior à Cidade,
Para assuntos de quaisquer instâncias.

Forma-se o meu grupo e o grupo físico,
O grupo simpático e o grupo alheio,
O contato fica por conta de fio virtual tísico,
E a tela do celular torna-se espelho.

Na rua, nos encontros, ou outro qualquer lugar,
O aparelho está sempre em singular companhia,
Sem que o vizinho, também distante, possa escutar
O relato de assuntos de tristeza ou alegria.

Estou longe, distante, não estou contigo,
Porém o aparelho de ti me aproxima,
Me transporta para perto do teu abrigo,
Para te demonstrar minha grande estima.





O entardecer

Lá longe, no Poente, junto ao Horizonte,
Onde o rubro céu abraça a Terra,
Antes de um novo desponte,
Quando o tempo vespertino se encerra.

O Astro Rei, já sonolento, se deita
Envolvido em nuvens fofas de algodão,
Sabendo que a luz logo será desfeita,
Cedendo lugar, pela ordem, à escuridão.

O Sol, no seu leito alaranjado,
Puxa mais uma aba do seu cobertor,
Agora, confortável e bem acomodado,
Fecha os olhos e adormece, para o novo dia de labor.

No espaço acima, ainda voa uma andorinha,
Veloz, graciosa em rasante zigue-zague:
Enquanto a noite escura e sem Lua se aproxima,
Atenta, antes que a luz se apague...

Outras Aves dos Céus instalam-se em ramos e ninhos,
A coruja, vendo o anoitecer, em tom lúgubre, pia...
Todos, juntos ou sozinhos,
Considerando que amanhã será um novo dia.

Nessa hora, na Torre da Igrejinha,
O sino em badaladas anuncia,
Diante da noite escura que se avizinha,
Vem o silêncio, com a despedida da luz do dia.

Boa noite, digo no Entardecer,
Na esperança de um novo dia,
Saudando outro Amanhecer,
Agora dizendo: Ave, ave, MARIA!





O exemplo da romã

Fruto rosa trazida do Oriente,
Sobre as vagas de bravio mar,
De lá veio para o Ocidente,
Agora, como seu novo lar.

Neste solo por Deus abençoado,
Despontou verde e formosa,
No galho o fruto pendurado.
No quadro a pintura cor-de-rosa.

No seu seio abriga as sementes,
Perfeitamente bem-guardadas.
Embora de formas diferentes,
No arranjo, bem-acomodadas.

Exemplo para a sociedade,
Cada um ocupa seu espaço,
Em ordem e seriedade,
Envoltos em fraterno abraço.

Além da beleza da sua flor,
Seu sumo é doce e saboroso,
As papilas sentem seu sabor,
De intenso palato delicioso.





É o exemplo dos frutos romãs:
Dentro do mesmo compartimento,
Abraçadas como irmãos,
Em amplexo de contentamento.

O exemplo é carisma do coração
Cada um no seu devido lugar,
Formando a roda e o cordão,
Para nunca se separar.

Fruto rosa trazido do Oriente.
Sobre as vagas de bravio mar,
De lá veio para Ocidente,
Agora, como seu novo lar.

A Ordem respeita seu exemplo,
No desenho da semente una,
Como torres do Templo,
No topo de cada Coluna.





O exemplo das abelhas

Sociedade por uma Rainha comandada,
Este é o primeiro exemplo a observar.
Todas em ordem, sem chamada.
Balançando as asas, prontas para voar.

Observe que o comando é feminino,
As operárias voam buscando o mel.
O Zangão, simplesmente como masculino,
Na reprodução, também, tem seu papel.

No rumo certo, vão de flor em flor,
Sustentadas por suas vibrantes asas,
Sugam o néctar de doce sabor,
Carregadas, retornam às suas casas.

A abelha só colhe o doce da flor,
Dentro da Ordem da Natureza,
Sem dar distinção à cor,
Porém, admira sua beleza.

Além disso, fazem a polinização,
Transportando o pólen para outras flores,
Sempre, de geração em geração,
Com isso, renovam suas cores.

Na organização laboral da colmeia,
Todas executam seu trabalho,
Sem desculpas, mantêm a ideia,
Sem evasiva ou atalho.





Se calor forte, abanam as asas.
Se frio demasiado, se encolhem.
Nas chuvas, permanecem em suas casas
E no inverno, se recolhem.

A abelha de ferrão está prevenida,
Quando atacada, desfecha a ferroada,
Que, para o intruso, será dolorida.
Pois ela não quer ser incomodada.

Respeitando as regras da boa convivência,
É possível exercitar gestos de colaboração.
Se disso todos tiverem consciência,
Não haverá qualquer reclamação.

O segundo exemplo a registrar:
A cada direito, corresponde um dever.
Regra que, igualmente, devemos respeitar.
Respeitando, não há de que se arrepender.

Deixemos que as abelhas voem em liberdade,
Como os deuses no Olimpo distante,
Mesmo que nos reste a saudade,
Pois cada Novo Dia terá seu horizonte!...





O ladrão

Alguém que rouba uma pena,
Não importa se grande ou pequena.

Volta e lhe rouba a galinha,
Safado, lhe rebata até o Galo de Rinha.

De tocaia, retorna disfarçado,
Para não ser notado.

Agora, lhe rouba o galinheiro,
Pisando leve, foge ligeiro.

Assim age o ladrão,
Seu lugar é na prisão.

Se veste de ovelha, mas é o lobo!
E você fica na mão,

Desfalcado, de novo,
Pois só lhe restou a casca do ovo.





O lavrador

Com o dorso da mão direita,
Afasto o suor da testa,
Para que a verga não fique estreita,
Mas tenha boa fresta.

Grito: à verga boi brasino,
Seguro firme as manetas do arado,
Pois foi o que aprendi no ensino
E o terreno fique bem-lavrado.

A pá levanta sulcos na terra,
Onde a semente vai germinar,
Aguardando, na espera,
Que ela venha vingar.

De Sol a Sol, guio os bois,
Enxugando os pingos do suor,
Nada fica para depois,
Esperando o resultado do labor.

Lá, bem longe, no horizonte,
A tarde, lenta e calma, se aproxima,
Antes de um novo desponte,
É o outro convite que nos anima.

Cansado, mas disposto e contente,
Volto, atrás do arado, para casa,
Para encontrar minha gente,
Esperando a janta feita na brasa.

Assim é a vida do Lavrador,
Nasce a boa semente,
Regada por gotas de suor,
Que alimenta nossa gente.

Lavrador, rendo-te meu obrigado,
Pois de ti depende o sustento,
Pelo teu esforço sagrado,
Donde vem nosso alimento.





O lenhador

Pelo caminho da floresta distante,
Andava um andarilho viajante.

De alforje e longo bastão,
De passos firmes, pisava o chão.

Avistou um lenhador na ladeira,
Que, golpeando o machado, cortava a madeira.

Cada golpe que dava,
A lenha seca rachava.

Ali naquele ermo lugar,
Os dois, sem se cumprimentar.

O viajante indagou com ansiedade:
Quanto tempo levo até a cidade?

O lenhador continuou golpeando o machado,
Com a pergunta não estava preocupado.

O viajante desiludido sem respostas,
Foi andando e ao lenhador deu as costas.

Deu os primeiros passos na trilha,
Na direção da distante coxilha.





Foi quando o lenhador atendeu.
Por que antes não me respondeu?

O lenhador, esboçando uma alegre risada
É que não sabia o tamanho da tua pisada.

Então, nessa velocidade,
Para chegar à próxima cidade:

Vais levar mais meio dia,
Dessa forma o lenhador respondia.

Agradecido, o viajante foi andando:
No fim do prazo estava chegando.

O andarilho pensou consigo:
Na alegria de mais um amigo.

Indagado, dê a resposta quando tiver certeza,
Tudo restará claro, com clareza.

O lenhador, na floresta distante,
Pelo que fez, estava contente.

Pelas copadas, o Sol já se escondia:
Por hoje chega: amanhã será um novo dia.





O medo

É a falta de coragem descontrolada.
É um fantasma, às vezes não é nada.
Nossa mente imagina pavores,
Eles despertam nebulosos temores.

○ medo nos põe em alerta:
A porta não deve ficar aberta.
Receoso, mantenha-se atento:
○ inimigo pode chegar a qualquer momento.

○ medo tem efeito contagiante:
Não permita que vá adiante!
É uma cortina de fumaça:
Que o vento leva e logo passa.

Então fique atento e vigilante.
Mantenha-se dele distante.
Ele é uma sombra virtual:
Sem matéria, não lhe fará mal.

Não tenha medo ou vertigem de altura.
Evite pisar no vazio em noite escura.
Leve sempre a lamparina.
Assovie... e confie na Luz Divina!





O professor e o aluno

O aluno não existe por causa do professor;
Todavia, o professor existe por causa do escolar.
Essa é a lógica da verdade para o educador,
Onde os dois se encontram no trabalho de formar.

O professor, ou melhor dizendo: o mestre!
O professor pode ensinar; o mestre deve educar.
Não é qualquer um, deve ser alguém que se preste.
Pois a semente lançada em solo árido não pode germinar.

Na próxima aula será o dia da prova, informa.
Serão dez questões, com cinco linhas, para sua escolha.
Responda com caneta azul, tudo dentro da norma.
Se faltar espaço, peça outra folha.

Chegou o dia e hora da dita prova ou sabatina.
Todos a postos, pela ordem, ocupando seus lugares.
O silêncio era completo, enquanto lá fora caía chuva fina.
Assim acontecia, dentro da Ordem, sem desvio de olhares...

Corrigi as provas, disse o Mestre, dei notas de dez a cinco.
Tudo bem, se levarmos em conta a média dos resultados,
Devolvo-lhes as provas, para que as passem a limpo,
E, para não repetir, os erros devem ser anotados.





Assim, de manhã, à tarde ou mesmo à noite, dia após dia,
O mestre educava, sempre atento e entusiasmado,
Com postura solene, mas jovial, e o que fazia o fazia com alegria.
Sempre o víamos contente, disposto, sorridente e bem-humorado.

Um dia, no final das aulas vespertinas, antes da saída,
Postado à nossa frente, com voz solene e ritmada, dizia:
No final dos tempos, no curso da vida, sempre haverá a despedida,
Tudo guardo na memória; porém, sinto que chegou meu dia...

Não tenho arrependimentos ou tristezas para lamentar,
Consciente da minha missão, sempre dei o melhor de mim,
Só tenho conquistas e crescimentos para comemorar,
E, se assim foi, agradeço se lembrarem de mim.

Se o mestre foi bom, no exercício do seu mestrado,
O discípulo deve ser melhor na sua eficiência,
Só assim, o conhecimento resta consolidado,
Com o conseqüente crescimento da ciência.





O sabiá

O sabiá, dia após dia, enfim todo dia,
Vem cantar na minha janela,
Para me avisar que já amanhecia,
Anunciando a Aurora que já se revela!

Su su – bie be – teoto – subieto o sabiá afinado cantava,
Pousado, na janela ou na sacada,
Com seu ritmado gorjeio me despertava,
Avisando-me para uma nova jornada.

Assim, como sempre, dia após dia...
Às vezes voava até o pessegueiro
Preocupado com o dever que repetia,
Antes do desponte do Sol fagueiro.

Cumprida a diária obrigação,
De cantar na minha janela,
De galho em galho, agora sem hesitação,
De peito aberto, cantava a toda goela.

Na harmonia do imenso Universo,
Cada ser desempenha o seu papel,
Cantando, assoviando ou declamando verso.
Na hora e local certos, provando que é fiel.

Às vezes tento o sabiá imitar,
Mas nem de perto consigo,
Pois dele é o sonoro cantar,
Então, calado, ouço o amigo.

Su su – bie be – teoto – subieto, cantava.
Vejo que roxo é teu peito
Enquanto para o varal voava
E, para me acordar, canta desse jeito!



Antônio Osvaldo Conci

Nas quatro Estações: melhor na Primavera!
Em tonalidade Menor: repete a canção!
Anunciando, no seu tempo, cada Era,
No compasso três por quatro do coração.

Triste e saudoso, um dia, eu ficaria...
Se não mais ouvisse o teu trinar.
Então o seu eco seria minha companhia.
Na esperança de outro sabiá me despertar...

Assim, amigo, é a roda da vida:
Um vem e o outro vai...
Às vezes, sem a despedida...
Na sequência do filho que segue o Pai!

Então, no Compasso das Notas do Universo...
Outro sabiá cantará na minha janela,
Por isso, escrevi este verso!
Pois de tempos em tempos nova vida se revela.

Su su – bie be – teoto – subieto, ouço ainda...
A canção que afaga e acalma,
E sempre será bem-vinda!
Pois essa melodia encanta minh'alma!





O trabalho

O deus Sol se prepara para a partida,
Transportando o Astro Rei, na sua Barca Carruagem,
Agora, executaria a viagem mais comprida,
Como Faetonte, não lhe faltaria coragem.

Firme, controla as rédeas dos alados animais,
Ciente de sua responsabilidade cotidiana,
Por Júpiter, Hera e outros deuses, falhar nunca, jamais!
Teria que passar pela Tessália, além da Taprobana.

A mão negra, às vezes sem Luar, puxava o véu,
Os montes e os vales mergulhavam na escuridão,
Nada mais se via, nem mesmo a Luz do Céu...
Mas o piloto, firme, controlava o Timão.

Isso só acontecia no Mundo dos Deuses,
Confortavelmente instalados no Olimpo,
Sempre sorvendo o néctar doce de flores, nunca às vezes,
Pois para os deuses o Céu sempre estava limpo.

Enquanto o Ferreiro Vulcano malhava o ferro em brasas,
Para Júpiter, quando contrariado e furioso, na sua insanidade,
Vendo os súditos mortais sem néctar e sem asas,
E, com os raios de Vulcano, castigava a humanidade.

Os deuses, como disse, moravam no Olimpo elevado,
Que na Mitologia seria o próprio céu divino,
Onde Júpiter era o Supremo Deus coroado,
Assentado no seu trono de ouro, o mais fino.





Todavia, o único deus que trabalhava morava no Inferno,
Era o deus Vulcano, ferreiro de profissão,
Trabalhava no outono, primavera, verão e inverno,
Forjando os raios que desciam do Olimpo como trovão.

Vulcano era coxo, caolho, traído pela companheira...
Morava distante dos outros deuses, no Inferno.
Malhando o ferro quente na fogueira,
Quer fosse outono, primavera, verão ou inverno.

Vulcano, ferreiro, não sorvia o néctar das flores,
Salário mínimo ou outra recompensa não tinha,
Sofria, gemia e mergulhava em dissabores,
Olhava para as mãos calejadas, suspirava... alegria não lhe vinha.

Como virtual moral da história,
O pão deve vir, por castigo de Adão, do suor do rosto,
Que a Escravidão seja afastada, nem reste na memória!
Pois o trabalho é ato humano, resultado do esforço!

Entre o ato de trabalhar e o fruto do seu resultado,
O fiel da balança deve se equilibrar.
Quer seja patrão, quer seja assalariado.
E, em harmonia, os dois possam se abraçar.



O vaidoso

O vaidoso pensa que todos são seus fãs,
Como se todos fossem sementes de romãs.

Se mira no espelho
E vaidoso olha de esguelho.

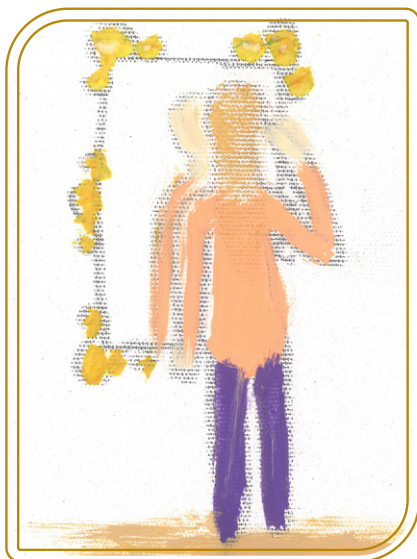
Se veste à moda rigor,
Tanto no frio, como no calor.

Caminha de peito estufado,
Querendo ser notado.

De anel dourado no dedo.
De topete ou cabelo ondulado,

Não passa de um babaca simulado.
Gesticula para que possam vê-lo.

É um ignóbil fanfarrão,
Pois lhe falta a boa educação.





Oração à Santa Virgem Maria

Santa Virgem Maria, Mãe de Jesus!
Te peço com reverência, escuta minha oração.
Intercede junto a teu filho, que padeceu na cruz
E ajoelhado a teus pés, rezo com devoção.

Quando estavas em pranto, na hora do suplício,
Ele estava pendente, nos braços da cruz,
Coroadado com a coroa dos espinhos do cilício,
Entre o Céu e a Terra, iria brilhar nova Luz.

Te peço pelas famílias, que vivam em união!
Te peço que dês aos famintos o alimento.
Que na mesa de todos, nunca falte o pão,
Como fruto do trabalho, tenham seu sustento.

Te peço pelos indigentes, sem lares e abrigos.
Te peço, com insistência, pelos enfermos.
Te peço que os livre dos perigos.
É a petição que a faço, nesses termos.

Te peço que os povos vivam em harmonia,
Que o sangue jamais seja derramado.
Que teu filho nos livre dessa agonia.
E que o perdão seja ato sagrado.

Te rogo que a semente que cai no solo,
Germinar e dê bons frutos e novas sementes.
Que toda criança tenha seu colo
E que teu Manto cubra todas as gentes.

No começo e no fim de cada novo dia,
Em posição solene de meditação,
Sempre repito: Ave, Santa Virgem Maria!
Na certeza de que escutes minha oração.





Para não pensar...

Para não pensar...
Já estaria pensando,
Sem parar...
Continuo andando.

Penso em encontrar um jeito,
Que minha mente não pense
E isso sem defeito,
Para que ela descanse.

O não pensar
Já é um pensamento,
Sem desligar
Em qualquer momento.

Então minha mente não desliga?
Nem mesmo durante o sono!
Talvez, com fadiga,
É o pensar sem dono.

Se penso é porque existo?
Sim, isso é verdadeiro!
Para tanto, insisto,
Enquanto o pensar anda ligeiro.

O ato de pensar é constante,
Pois a mente sempre está ligada,
Pense nisso doravante,
Antes do fim da jornada...





Ela está sempre disponível,
Deve ser ocupada com respeito,
No Prumo, Esquadro e Nível,
Para que ninguém encontre defeito.

A mente registra tudo como fotografia.
É o laboratório da consciência,
Atenta toda hora e dia,
Nos cobra, sem indulgência.

Não importa se é de dia ou à noite,
Profere, silenciosa, as sentenças.
Nos erros aplica o açoite,
Para todos, sem diferenças.

Se, por educação, ler este verso,
Como se plantasse uma semente,
Respeitando o Patrão do Universo,
Como lição de efeito permanente.

Obs.: Inspiração – O Filósofo René Descartes: Cogito, ergo sum.





Passagem

Na Água eu nasci.
No Ar recebi o Sopro da Vida.
No calor do Fogo cresci.
E, ao pó da Terra, volto como despedida.

No meu berço fofo, o tempo não existia.
Ali perto, mas longe de tudo,
Como áurea de sacristia,
Pois tudo estava mudo.

Na Água cálida do Ventre Materno,
Vivi momentos felizes,
Pois, ali, não havia inverno
E os fluídos do Cordão, como raízes.

Porém, o tempo me avisou:
– Sai e vá respirar!
A hora – a contragosto – chegou,
Não tem o que esperar.

Lembro que até chorei,
Por abandonar minha primeira moradia,
Fato que não gostei,
Ouvia vozes, sem melodia.

Aprendi a respirar, ligado ao Universo,
Nestas quatro Estações,
De verso em verso,
Embalado por maternas canções

Agora, cresci e estou no Mundo,
Na esgrima da Fogueira,
Tudo é tão profundo,
Às vezes, sem divisar clareira.

A vida é luta renhida, que os fracos abate;
Mas na Força do dia a dia, os bravos exalta,
Como resultado do bom combate,
Tanto na serra quanto na terra alta.



Antônio Osvaldo Conci

Enfim, na Água nasci,
O Ar respirei,
No Fogo me aqueci
E, agora, à Terra voltarei...

Lembro-me que vim do Pó
E a ele, na certa, voltarei,
Mesmo estando eu só,
Desta, para outra jornada seguirei.

Combati o bom combate,
A fé sempre guardei
E agora no arremate,
A recompensa esperarei.

Diante do Arquiteto do Universo,
Na dimensão que se espalma,
Espero que Ele escute meu verso
E receba a minha alma!





Pecados...

Dizem: o Batismo apaga o pecado original,
Causado por Adão comendo do fruto do bem e do mal.
Por isso foi expulso do Paraíso:
Apaixonado por Eva, perdeu o juízo.

Outro é o pecado mortal.
Sendo falta grave e fatal.
Se não perdoado, causa danação
E não adianta fazer reclamação.

O terceiro é o pecado venial,
Que causa pouco mal.
A sentença é ir saná-lo no Purgatório,
Com o tempo lá, resolve-se o imbróglio.

Esses são os pecados pelas leis divinas,
Ensinadas pelas diversas doutrinas.
Então, por isso, ande direito,
Para não ser acusado de defeito.

É sentença: que o que aqui se faz
Aqui, também, se satisfaz.
O bem se paga com o bem,
O mal exige perdão, sem olhar a quem.

O bem e o mal existem de fato,
Isso é verdade, não é boato.
Cabe ao homem por arbítrio escolher,
Do bem ou do mal o fruto colher.



Pessoas que passam

Pessoas que passam pelas nossas vidas:
Umam nos machucam e deixam feridas;
Outras nos encantam com alegrias:
Assim, passam as pessoas todos os dias.

Umam nos dão carinho, respeito e amor:
Porém, outras só nos causam profunda dor;
Mas existem aquelas que nos abraçam de coração;
Como prova de solidariedade e afeição.

Também existem aquelas pessoas especiais:
Do amor à primeira vista;
Estas não necessitam de conquista.

São casos das pessoas que passam: normais;
Porém, nem todos são iguais;
Encontre as diferenças e não as perca de vista!





Poesia

Poesia é a canção da alma.
Moldada pela métrica da rima
Produzida pela brisa nas folhas da Palma.
Melodia dos Anjos, lá em cima.

No bosque onde o vento dança as folhas.
O sabiá sopra seu apito.
Vertem emoções, mesmo sem escolhas
Ouvem-se canções: tudo fica bonito!

O Poeta navega pelas ondas do mar,
No seu balanço, busca inspirações
No beijo das águas na Praia, fica a imaginar
Que, no barco das saudades, navegam emoções.

Olha lá longe, onde o Mar se curva,
Vê sua tamanha imensidão,
Antes que a vista fique turva,
Ouve o pulsar do coração.

Nessa agradável composição de rimas,
O Poeta escreve suas poesias,
Esquecendo da vida as duras esgrimas,
Em sílabas fonéticas carregadas de alegrias.

Para o Poeta que persegue as estrelas,
Não tem hora de chegada...
Nas noites enluaradas prefere vê-las,
Escrevendo seus versos, esperando a madrugada.

Agora, escreve seu último verso,
Acomodado no espaço entre o Céu e a Terra,
Inspirado pela Imensidão do Universo,
Pois o verso é igual à semente: só nasce quando se enterra.





Profundezas

Tento entrar, pela via da introspecção, dentro de mim,
Mas como poderia fazê-lo eu mesmo?
Realizar essa imaginável aventura sem fim,
Nesse milionário universo celular a esmoço?

Sei que tenho corpo e que é matéria,
Também acredito que tenho imortal alma
E que ela é invisível, perene e etérea,
Como a brisa que não se vê, mas balança a palma.

Fui gerado pela fusão celular,
Durante frenética libido de amor.
Viria homem ou mulher, como adivinhar?
Lírio ou rosa, mas, com certeza, uma flor!

Assim, a terra molhada gerou o homem.
O vento, em forma de sopro, gerou a alma.
De volta à terra, todos se consomem,
Na certeza de que a união dos dois mantém a calma.

Em pensamento, perscruto o meu interior,
Valendo-me dos olhos da simples imaginação.
Os órgãos funcionam regulados pelo Criador,
Como prova solene da Divina Criação.





Antônio Osvaldo Conci



Se dentro de mim encontro os órgãos funcionando,
O rubro sangue corre pelas artérias e veias.
Isso acontece porque ainda estou respirando,
No emaranhado sistema dos neurônios em forma de teias.

Uns tantos acreditam que depois da morte vem a Ressurreição,
De acordo com as Sagradas Escrituras.
Outros, porém, acreditam que depois da Passagem vem a Reencarnação.
Todavia, todos acreditam na recompensa Divina para as almas puras.

Enfim, nas profundezas desse imenso esmo,
Lembrando a lição do Filósofo Ateniese,
Que na Escola Peripatética ensinava: Conhece-te a ti mesmo,
Considerando que o profundo conhecimento só ao Arquiteto pertence!

Tudo o que está em cima também está em baixo, no mesmo pó,
Mesclados pelo vai e vem do eterno movimento, como os ventos.
Todos, então, são matéria e espírito, presos pelo mesmo nó
E, nas profundezas dos mistérios da existência, buscam esperanças nos sacramentos.





É certo que...

A morte virá um dia,
Que vale a pena pensar nela,
Momentos, porém, de agonia,
Onde tudo se nivela.

Nesse momento, não haverá diferença
Entre o pobre e o rico,
Entre aqueles que têm crença,
Pois ninguém dirá aqui ainda fico.

Treme o gigante,
Sem fé, debate-se o covarde,
Por ter chegado o instante.
Não adianta choro e alarde...

Dos quatro Elementos,
O vivente já passou por três,
A água, o fogo e o sopro dos ventos,
Pois, agora, chegou a sua vez...

Lembra-te que viestes da Terra,
E, como despedida, a ela vais voltar,
Aqui, neste Plano, tudo se encerra,
Nesse curso, nada há a adiar.





O crente despede-se sereno,
Devolvendo o sopro da vida que recebeu,
Tanto o grande quanto o pequeno,
Porém, debate-se o ateu...

Vivi guardando a Fé, a Esperança e o Amor,
Agora vou para a nova morada,
No aconchego da Casa do Senhor,
Onde não há choro nem dor...

Então a Fé e a Esperança
Cessam, sem clamor,
Cada uma fica como lembrança,
Agora, na Casa do Pai, só reina o Amor!

“Mas lembra-te de teu Criador nos dias de tua juventude, antes que venham os maus dias e apareçam os anos dos quais dirás: Não sinto prazer neles.” (ECLÉ: 12, 1).

Ver livro: A morte é um dia que vale a pena ser vivido, da autora Dra. Ana Claudia Quintana Arantes.





Que seja infinito

Tudo o que o coração acalma
E apazigua e serena a alma;
Porém, nada é para sempre,
Nem mesmo a vida da semente!

Porém, permanece a multiplicação:
Da vida, de geração em geração;
Da semente que brota na terra;
Assim, o infinito continua e não se encerra...

Mas o que é o infinito?
Será o horizonte – também longe – bonito?
Será tão longe, até onde a vista alcança,
Ou será apenas uma miragem que sempre avança?

O infinito vem sempre lá do depois, do depois...
Depois do depois, ele lá está, pois...
Sempre se repete, como cada entardecer;
Contudo, emerge da noite ao amanhecer.

A matéria é transitória e finita;
Ela se transforma e se imita.
Porém a alma é perene e imortal,
Transmigra – na purificação – até a Luz Final!



Antônio Osvaldo Conci

Assim, a Inteligência procura o Infinito alcançar:
As estrelas ficam rindo do tombo que vai levar...
O homem – orgulhoso – até o céu quer subir;
Mas como a Torre de Babel, pode cair!

Então o infinito seria um lugar,
Onde, enfim, se pode chegar,
Pela Fé da Esperança que acalma:
Para o eterno repouso da alma.

Então, assim fica entendido,
Para – o coração e a alma – andarem no mesmo sentido.
E, nesse lugar de eterna Luz,
Sigo o caminho que até lá me conduz!...





Quem tem e se...

Quem tem ouvidos ouça:
Em casa, lave a louça.

Quem tem olhos veja:
A espuma no copo da cerveja.

Quem tem pernas ande:
O bom não se esconde.

Quem tem braços abrace:
Num abraço de enlace.

Se amar, ame sem reservas.
Se construir, construa com pedras.

Se perdoar, perdoe de coração.
Se tolerar, tolere o irmão.

Se cobrar, cobre só o seu direito.
Se pesar, pese sem defeito.





Saudações das 3 Bs

Bom dia, digo ao Sol:
Nas tintas do arrebol,
Desponta o Sol.
Vamos subindo,
Que lindo!
Isso é ao amanhecer,
Quando ele começa a aparecer.

Boa tarde, digo ao meio-dia:
O Astro Rei já está em pino,
Subindo rumo ao divino.

Boa noite, digo na despedida:
Contente, por mais uma jornada cumprida.

Estas são as saudações:
Elas causam emoções,
Quando ditadas pelo coração,
Para amigo ou para irmão.

Tenho isso como lembrança:
Cada um tem sua história,
Sentimentos que guardo na memória.

Hoje os tenho gravados,
Com desvelo e emoção,
No cofre do coração.

Ísis deusa sem véu,
Com Osíris, descidos do Céu.
Estendo a mão e digo: Bom repouso!
O tempo passa: fico saudosos!!!





Saudade

Imagino que um dia
– Talvez ainda em vida – com sabedoria,
Eu consiga, em liberdade,
Entender o vazio da saudade.

Palavra envolvida em melancolia
Que me assedia todo dia.
É igual ao vento que sopra e não posso ver,
Mesmo assim, sopra e me faz sofrer.

A saudade evoca lembranças
De alegrias, sonhos e esperanças,
De bons momentos vividos
Por caminhos já percorridos.

Quem me dera poder voltar no tempo,
Pelo menos por um momento,
Para – saudoso – te dar um abraço
E repousar – afetuoso – no teu regaço.

Às vezes, até sonho estar contigo,
Mas tudo parece tão antigo
Em devaneio e louco delírio,
Como se estivesse em distante exílio.

Às vezes, imagino chegar perto,
Porém, fugidio em campo deserto,
Lembrando a miragem do horizonte,
Pois ainda estava distante.





Assim, como teimoso caminhante,
De horizonte em horizonte,
Vagaroso, como cansado viajante,
Ansioso para encontrar uma ponte.

Algumas vezes – em sonhos – cheguei,
Mas, desperto, ali não te encontrei,
Pois a visão turbavas,
E ali tu não estavas...

Finalmente, cismei comigo,
Mesmo não estando contigo.
É melhor ver-te nesse idílio,
Para não pensar na distância do exílio.

Saudade do que contigo vivi,
Tudo me faz lembrar de ti:
Momentos bons, outros nem tanto.
Por isso, peço a Deus que não quebre o encanto!

Acredito no encontro final,
Como recompensa para a alma imortal,
No caminho para a eternidade,
Dando adeus à saudade.





Secretária

Secretária, é seu dia!
Se bem me lembro...
É trinta de setembro.

Maria, é seu dia!
Dia de todas as Marias:
Maria de Lourdes,
Maria das Graças,
E de tantas outras:

Da Gêmina, da Giseli, da Juli;
Da Bethy, da Bia, da Beati,
Da Quetsia, da Luiza, da Luzia,
Da Stéfani, da Gêssica, da Xeli,
Da Keren, da Karine, da Melki
Da Fabi, da Fran, da Rafa,

E de tantas outras!
Desfilando simpatias,
Competência, dedicação,
Todas de boa educação.
Esmeradas no trabalho,
Incansáveis a toda hora,

Sem demora.
Graciosas... gentis...
Enfim, de todas as Marias.
Por tudo isso:
É pouco dizer Obrigado!
Mas que a palavra de agradecimento,
Neste momento, Maria!
Venha acompanhada
Do perfume de pétalas de rosas,
As mais formosas.

Maria, é seu dia! Com alegria:
Obrigado a todas as Marias!





Sede de te amar...

Tenho sede de te amar:
Como o mar tem das águas,
Como todos os rios
Que, entregando-se ao mar,
Não lhe aplacam a sede,
Assim é a minha sede de te amar!

Mas se os rios morressem
E o mar secasse,
Onde te encontrarias?

No céu!
Mas se o céu:
Não tivesse mais estrelas
(Anjos não os vejo...),
A lua não mais surgisse,
Onde te encontrarias?

Nas flores!
Mas se as plantas:
Não dessem mais flores,
Onde te encontrarias?





Na terra!
Mas se a terra fosse destruída
(Os homens poderão destruí-la)
E a vida acabasse,
Onde te encontrarias?

Acorda!
Não penses nessas coisas loucas...
Pois:
Os rios não morrerão,
O mar não secará,
O céu sempre terá estrelas,
A lua sempre reaparecerá,
As plantas também florirão,
Especialmente os lírios do campo...
(Também os amores-perfeitos...)

E as aves dos céus:
Continuarão a voar, a voar...
Para que nunca acabe minha sede de te amar!



Sei que errei

Sei que errei,
Quando escutei,
Que apenas me estimava,
Entendi que não me amava.

Estimar é normal.
Amar é caso especial.
Declamei versos, fiz poesia.
Você fez que não entendia.

Se errei, peço perdão.
A porta ainda está aberta.
Que estes versos sirvam de alerta.

Digo agora com emoção:
Esquecer não consigo,
Só no seu colo encontro abrigo!





Ser imortal

Ser imortal é estar no espaço e tempo eternamente!
O que é impossível para um simples vivente.
Nesta regra, o mortal só se repete pela cadeia da reprodução,
De pai para filho, de geração em geração.

O imortal teve início, porém não pode ter fim.
Pois a essência da eternidade é conceituada assim!
O homem, quando nasce, já inicia o final da sua jornada.
O que conta é o espaço ocupado durante sua temporada.

A Fé sustenta que nosso corpo temporal veste alma imortal.
Destarte, a alma seria espírito imanente e o invólucro termo final.
A alma transmigraria, de ser em ser, até sua purificação.
Enquanto outros, no Juízo Final, esperam a recompensa da ressurreição.

Então, como conciliar Ciência e Fé, em face às teorias levantadas?
Considerando que, na forma exegética, estão fundamentadas.
Agora, pela luz da razão, é certa existência eterna do Senhor,
No ato acidental da criatura; porém, na transcendência do Criador.

Quem não é imortal, para permanecer: deve se reproduzir!
E aceitar as Leis da Natureza para, no tempo e espaço, continuar a existir
E nos limites da inteligência neuronal humana, convém aceitar.
Tudo é possível para o Arquiteto do Universo, devemos acreditar!





Ser ou não ser ilha?

No balanço das ondas das águas do mar,
Em qualquer tempo, manso ou bravio,
Navegando, quer de barco ou navio,
O piloto, no leme, faz a nave andar.

A embarcação, às vezes, desliza sobre águas serenas,
Outras, navega em grandes turbilhões,
Como se fosse revoltas em pesados aluviões,
Na esperança da chegada de brisas amenas.

Tranquila, a embarcação conclui sua viagem.
Porém, na tormenta, pode naufragar.
Então o Náufrago procura uma tábua para se agarrar.

Nadando e boiando com esforço e coragem.
Agora, na Ilha, encontra o abrigo.
Exausto, porém longe do perigo.





Só deus é perfeito

Procuro palavras no Dicionário,
Também no sagrado Breviário,

Para descrever a Perfeição Divina
Mas nenhuma delas combina.

Talvez na Obra da Criação,
Ou ainda, no Suplício da Redenção,

Ou quando Deus fez o homem à sua semelhança,
Já feito adulto, não tendo sido criança.

A Perfeição Divina está na Essência,
Diferente da passageira Existência.

Está na Substância, não no Acidente,
Como Obra Perfeita do Onipotente.

Sem palavras, contemplo a Ordem do Universo.
É a prova da sua Perfeição, agora proclamada em verso.

O que fez o fez na Ordem da Natureza
E no Quadro mostra sua beleza.

Entre o pensar e o fazer existem diferenças,
Como resultado das diversas crenças.

O que está na mente nem sempre é manifestado,
Quando se tem consciência do resultado.





Antônio Osvaldo Conci



Nenhum homem é perfeito,
Quando age com defeito.

Talvez as Intenções sejam perfeitas,
Quando forem retas e bem-feitas.

A Obra reflete o Criador,
No Plano Divino do Redentor.

Somos Templos do Espírito Santo.
Tudo perfeito: sem fantasia ou encanto.

Concluindo: Só Deus é Perfeito,
Sempre existiu, nunca foi feito.

Esta é a verdadeira Lição:
Para que todos lhe rendam devoção.





Soneto do adeus...

Palavra de despedida
Da pessoa querida,
Que fere o coração
E evoca profunda emoção.

Cria um nó na garganta.
Pedir perdão, pouco adianta.
Num turbilhão de lembranças:
Também adeus, para as crianças!

Se o pranto acabasse,
Pediria que voltasse,
Para as lágrimas estancar.

Só me resta a solidão.
Afinal, aperto sua mão.
Adeus, não posso voltar!





Soneto do amor

Etéreo suspiro morno do luar,
Que entre as folhas se esconde,
Ao meu anseio volúpia responde,
No sonho, passa a amar.

No perfume do alvo lírio,
Inebriado, me faz sonhar,
No balanço das ondas do mar,
Esqueço qualquer delírio.

Colho o doce fruto da Primavera,
O tempo passa, não espera...
Arpejando as cordas da Lira,

No abraço fofo da emoção,
Ouço, sonhando essa canção,
Extasiada: minhal'alma delira.





Tristeza

O nó na garganta,
Que dificulta respirar,
Dói e se agiganta,
Querendo me sufocar.

Tento, então, engolir,
Mas a faringe tranca,
A ponto de explodir,
Como força de alavanca.

Somados ao nó da garganta,
Os olhos se umedecem,
Como água que rega a planta
Que, por consolo, quisessem...

Lágrimas e o doído nó...
Juntas, no mesmo campo,
De ninguém têm dó,
Mesmo que pareça encanto...

Perco o sono, longa é a noite...
Rolo na cama...
Sentindo a dor do açoite,
Lembrando que ela não me ama.

O tempo – dizem – cura tudo...
Pois ele – no caso – seria remédio,
Para mal tão agudo
E sufocar o meu tédio.

A tristeza fustiga a alma
E o vivente procura abrigo.
Invoca a esperança que acalma,
No aconchego de ombro amigo.





Se isso for verdade
E a lágrima enxugar,
Pois não se trata de saudade,
Tampouco de lembranças a lamentar

Se restaram marcas e cicatrizes,
O novo encontro afaga,
Na fé de novos dias felizes
E a tristeza – vencida – se apaga.

Assim é a vida do mortal:
De encontros, desencontros e reencontros, enfim;
Nada é derradeiramente final
E a tristeza também tem fim!

Do Oriente vem a Luz,
Para o novo caminho iluminar,
Pois o Arquiteto é que conduz
O caminhante a caminhar.

Viajo de Sul ao Norte,
De noite ou de dia,
Do Oeste ao Leste,
Agora transportando alegria!

Adeus tristeza,
Vá e não volte,
Disso tenho certeza
Acredito: não se trata de sorte.

É lição que exorta,
Essa é a realidade:
O passado não volta,
Pois fica legado à eternidade.





Viva sem ilusões

O que terá além da curvatura do mar?
O navegante procura até lá chegar.
Como o horizonte, ela mais se distancia.
É a realidade que se mostra a cada dia.

O tempo vai passando, sem dó ou piedade.
Nascer, viver e morrer é a sina da humanidade.
O importante é continuar na busca do Além,
Certamente lá deve existir Alguém.

A existência, na sua essência, envolve realidades,
Quando as ilusões são meras fatalidades.
Por isso, viva intensamente,
Como a planta que só deixa a semente.

No mar da vida, navegue sem ilusões,
Pois elas só nos levam a frustrações.
O barco navega sobre vagas bravias,
Embalando sonhos, às vezes dores, outras alegrias.

Aqui não existem eternas felicidades.
Podem existir momentos sem dificuldades,
Pois aqui se colhe o que se planta,
Esse será o resultado, reclamar não adianta.





A ilusão é uma cortina fechada,
Quando aberta, não mostra nada,
Só mostra o horizonte e o vazio do espaço,
É a realidade mostrada passo a passo.

As ilusões são como a argila que escorre entre os dedos,
Nos causam frustrações sem desvendar os segredos.
São ecos de sons distantes não refletidos,
Como sonhos vazios, de passos e espaços percorridos.

Entre o nascer e o morrer: flui a vida!
Viva-a colhendo as flores sem pensar na despedida.
Um dia vem a chuva, outro o Sol, brilhante.
É o convite para seguir adiante.





Carta para Mãe

Palmas, Paraná, 15 de outubro de 1958.

Querida Mãe,

Estou longe porque as estradas têm muitas curvas. Em linha reta, estaria mais perto. Acredito que o pensamento viaja em linha reta. Então, em pensamento, estou aí muitas vezes. Todavia, lembro que o pensamento é virtual; mas, mesmo assim, é uma forma de estar mais perto.

Imagino que a saudade também anda em linha reta, especialmente quando o vento sopra favorável...

Sei que tanto o pensamento quanto a saudade são figuras imateriais que o coração registra, possivelmente ocultando uma lágrima furtiva.

No entanto, o abraço é presencial e, para tanto, deveria estar aí. Mas, mesmo fugindo à regra física, peço ao vento que o leve, fazendo companhia ao pensamento e à saudade.

Essas emoções, de certa forma, são iguais ao horizonte, que a gente o vê e sabe onde está, porém não encurta as distâncias.

Espero que a Senhora, o Papai e os irmãos estejam todos bem, como os vi na despedida.



Eu estou bem. Acostumando-me à rotina do Seminário. Estudos, Aulas. Rezas. Trabalho e Recreação, nos locais e horas certas.

Existem duas construções edificadas com madeiras de Imbuia (Ocotea porosa), separadas. Uma delas, ao Norte, abriga os estudantes menores de 14 anos de idade; a outra, ao Oeste, abriga os alunos além dessa idade.

Parece-me que formamos uma Grande Família, sem a presença da figura feminina. Cada um é responsável por diversas tarefas específicas, como: manter em perfeita ordem e alinhado seus pertences, arrumar a cama e fazer os trabalhos designados.

A disciplina e os horários são cobrados rigorosamente. A sineta nos acorda às 5h15. Vamos aos banheiros. Escovar os dentes. Lavar o Rosto. Pentear o cabelo e voltar ao Dormitório para arrumar a cama. Feito isso, vamos à capela para as orações e missa matutinas. Após, dirigíamos ao Refeitório para o Café da Manhã; frugal, mas suficiente. Até aqui, tudo em rigoroso silêncio. Geralmente, durante os horários das refeições eram lidas obras literárias, científicas e romances cristãos, seguidas por pequenos períodos de recreação.

Depois do Jantar, além de minutos de recreação, vinha o horário da reza do Terço, que poderia ser ao ar livre, durante caminhadas, ou na Capela. Findas essas programações, a sineta nos chamava para o repouso, sob a fiscalização do encarregado, desejando-nos Boa Noite: Deo gratias.

Nos domingos deslocávamos à Catedral, para a Missa Pontifical, celebrada pelo Reverendíssimo Dom Carlos Saboia Bandeira de Mello, do que fazíamos parte, inclusive no Coral. Formávamos uma Verdadeira Fila, pois a Catedral distava do Seminário uns quatro quilômetros, cuja distância a vencíamos a pé, como se fosse um passeio.

O almoço de domingo, comparado ao dos dias de semana, era bem servido,

e as conversas eram livres. Às tardes dos domingos a principal atração era o futebol. Geralmente com times de militares do Quartel. As partidas eram bem prestigiadas pelas torcidas. Essas tardes eram alegres e festivas para todos.

Pelo menos duas vezes por ano fazíamos acampamentos de três dias, nas fazendas próximas, cujos proprietários nos recebiam contentes e, geralmente, carneavam um novilho para nossas churrascadadas. Eram eventos esperados...

Também, trimestralmente, fazíamos os retiros, onde se rezava e se ouviam palestras religiosas, respeitado o rigoroso silêncio, durante os três dias.

Outro evento importante era o dia de Leitura das Notas. Todas as turmas reuniam-se no Salão Nobre. O encontro era prestigiado com a presença de Autoridades e Religiosos. As notas eram lidas de aluno por aluno, conforme as séries iniciais. Segundo o ritual, o estudante respondia seu nome, postando-se em pé, e ouvia suas notas. Se fossem boas, recebiam incentivadores elogios; porém, se as notas não fossem razoáveis, vinham as recomendações, geralmente proferidas pelo Reitor, em tons duros...

Aqui, no Inverno é muito frio. O casaco que a Senhora costurou tem me aquecido. As torneiras, nesses períodos, congelavam. Para resolver esses inconvenientes, enchíamos toneis, ligados a raios quentes. Era comum que, ao molharmos os cabelos para penteá-los, o pente recolhesse gelo.

Teria muito mais a relatar, em termos gerais; mas a finalidade desta missiva era a de dizer que estou bem. Tenho boas notas e na última leitura de notas fiquei em segundo lugar na minha turma.

Outra finalidade desta carta era a de saber se a Senhora, o Papai e os meus irmão também estão bem.

Como disse no início, tenho saudades de todos. Do convívio familiar. Dos



Antônio Osvaldo Conci



causos, com boas risadas... Inclusive do pequeno córrego que corre na frente da casa, onde a gente brincava.

Espero, numas próximas férias, voltar para casa. Desfrutar do aconchego familiar e do abraço de todos, ao redor da mesa de refeições, saboreando aquela comida que só a Senhora sabe fazer.

Do Antônio.





Epílogo

Imaginei – talvez como efeito de empatia – escrever estas singelas linhas. Umas vertem Versos, que voam nas asas da livre poesia; outras, porém, contam fatos. Todos reais, contudo sem esquecer o flerte com o romance. Falo da Vida. Deslizo pelo seu Início, Meio e Fim.

Os Causos – talvez, crônicas – me remetem a fatos virtualmente ocorridos. Uns tristes, trágicos, lamentáveis, todavia reconciliados, imagino.

Os Versos, como canções da alma, margeiam as brumas dos sentimentos de cada sonhador. Todos simbolizam o Sopro Milagroso da Vida; a Água do nosso corpo; o Fogo que aquece as nossas células; e a Terra, como nosso berço, temporário.

No caminho encontrei muitas pedras. Não as desviei. Não passei por cima. Porém, as tirei da estrada, abrindo caminho para que outros passassem, sem obstáculos.

A tolerância é o primeiro degrau para se chegar ao perdão. Dizem que o homem não é perfeito, concordo; talvez suas intenções sejam perfeitas, também concordo.

Acredito que a Arquitetura do Universo tem um Princípio Criador, que existe por si. A Ordem Cósmica exige esse Princípio



Criador, desde o micro até o macro, que se dimensionam sobre um vetor de tempo, espaço e movimento. Se isso fosse um caos, ele estaria em perfeita Ordem, tanto embaixo quanto em cima.

O Princípio Criador: Deus, Gad, Godt, Javé ou Alá é Perfeito; mas o homem, enquanto inquilino da Terra, poderia até ter intenções perfeitas. O ontem, o agora e o amanhã seriam vazios e inúteis para aqueles que ignoram o pós-amanhã: o dia seguinte, o after day: o retorno à Casa do Pai.

A nossa estadia na Terra, até o momento da Passagem ou da Ressurreição, deve ser uma temporada em busca da Verdade e da Luz. Período propício para vivermos em Paz com o Universo e seus elementos; com a Mãe Natureza e seus reinos; e com a Humanidade e seus membros.

Os analfabetos da vida ignoram a inferência exegética desses Princípios; todavia, o Mundo anda em direção de tempos melhores. Sim, com algumas recaídas.

Como ensinava o Romano Marco Túlio Cícero, *Historia testis temporarum, lua veritatis, vita memoriae, magistra vitae* (A História é a testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida). Um atento olhar sobre as criatividades da inteligência humana no curso dos tempos e as soluções encontradas nas culturas, nas artes, nas ciências e nas crenças demonstra a pertinência dessas premissas. Se nos fixarmos num dado momento da História, por exemplo na Idade Média, veremos que os eventos ocorridos nos causam perplexidade, mormente as atrocidades contra a vida em nome da fé.

Os Gênios das descobertas científicas viviam às escondidas e, se descobertos, pagavam com a própria vida, como hereges. Mas, agora, dando um grande salto, chegamos aos tempos atuais. Algumas verdades permanecem; outras foram derogadas. Os Filósofos continuam expondo suas ideias. Os Ideólogos propagam a supremacia de suas

ideologias. Os Cientistas afirmam que a ciência, por si só, é suficiente e não precisa mais de Deus. Entramos, repentinamente, na era digital. Na utilização da força atômica. Na invasão das possibilidades da genética. Encurtamos as distâncias: o Mundo ficou pequeno. A cada girada do ponteiro do relógio surgem novas descobertas, e o after day é sempre uma incógnita, pela luta pelo Poder.

Mas estas linhas são para dizer que, em termos, o Mundo, no seu curso histórico, está melhor. De modo geral, as novas descobertas científicas são benéficas. Na Sociologia, os atos de humanidade são valorizados. As arbitrariedades são mensuradas pela consciência social. Os postulados da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade universais já desfraldam em quase todos os mastros das Nações.

No entanto, não podemos negar que algumas perguntas substantivas ainda não têm respostas objetivas. Por exemplo: donde viemos? E para onde iremos? Esses questionamentos, postos diante da Ciência, têm respostas, como: a vida surgiu pela geração espontânea, graças aos arranjos da Física, contando com a presença dos Elementos Químicos, como o Carbono, o Hidrogênio, o Oxigênio e o Nitrogênio, formando um corpo primitivo elementar denominado coacervado.

Mas, por sua vez, o Filósofo guarda uma última pergunta: e esses elementos também tiveram geração espontânea? Obviamente que novas perguntas e respostas seriam recorrentes... Todavia, para o crente religioso, movido pelos olhos da Fé, tudo se limita à aceitação da existência de um Motor Primeiro, Uno, Imutável e Eterno. Então, Ciência e Religião podem coexistir, cada uma no seu campo: a Religião, pelos olhos da Fé; e a Ciência, baseando-se no conceito do empirismo sensorial. A Fé admite a alma; porém, a Ciência não tem alma.

Aqui, lembro Thomas Hobbes (Filósofo Inglês – 1588-1679), que dizia que o Homem é o lobo do homem. Quero acreditar que esse tempo já passou, pelo menos em parte.



Também faço um contraponto, lembrando Anne Frank, vítima do Nazismo, que, mesmo confinada e sujeita aos extremos horrores das crueldades de Hitler, buscava forças para afirmar que:

Apesar de tudo, ainda acredito na bondade humana.

Em outro texto afirmei que, em termos, o Mundo vem melhorando no Curso da História. Alguns eventos fenomenais mudaram o Mundo, alguns até mais recentes; outros, perdidos no tempo de eras imemoriais. O certo é que a ação do homem facilitou, ou mesmo causou, o surgimento de novas situações, mormente com efeitos severos sobre a geografia humana. Porém, alguns desses fenômenos foram desencadeados por forças da Natureza, para se recompor. A interferência da ação humana, na Ordem da Natureza, pode desequilibrá-la, com severas consequências. Faz quase um ano que ventos chineses espalharam pela superfície terrena universal a Covid-19, provocando esta pandemia na saúde humana. Passamos a viver confinados, como se estivéssemos em prisão domiciliar. Essa história é conhecida por todos. Ainda não contamos com remédios específicos para vencer o mal; e, enquanto eles não aparecem, continuaremos inseguros; talvez, driblando até a doença. Nesse contexto, o homem é o protagonista da sua história, e a Natureza cobra os seus desvios, respeitando o espaço e o tempo. Agora, para concluir estas linhas, confronte a presença desse vírus espalhado em todos os Continentes, considerando que a população mundial humana já chegou à estatística de 7,8 bilhões de habitantes.

O Autor.

